

Agropecuária

N. 130 - Dezembro - 2002

tropical

ISSN 0101-1758

www.agropecuariatropical.com.br

O leite na democracia

Leite & Carne para todos



- O futuro da produção de carne
- A vaca holandesa... Na Holanda
- Quando o difícil é bonito
- A Lei do leite

Editorial:
Rastreamento ... até quanto ?

O Brasil inteiro assistiu ao sucesso da parte 1



Assista ao vivo a parte 2

II Leilão Guzerá da Barra & Convidados



Lotes selecionados por grandes criadores.
Dia 15 de Fevereiro, Sábado, 11 horas.

Local: Hotel Estância Barra Bonita, Barra Bonita SP.
Informações: (14) 642.1456

Utilize vôos comerciais via Bauru ou pista de pouso Usina da Barra

Realização:

AgroBarra



O NEGÓCIO É CARNE.

Apoio:



Rastreamento, até quanto...?

A notícia vem de Bagé (RS), deixando claro que poucos criadores aderiram ao Sisbov, o Sistema de Identificação e Certificação de Origem Bovina. Por conta disso já há frigorífico com dificuldade de conseguir matéria-prima para exportar para a Europa. Veja bem: com dificuldade para exportar por falta de carne (!). Num momento em que a maioria quer exportar mais e mais... Parece mentira, mas não é. Apenas 150 dentre os mais de 2.000 fornecedores de um único frigorífico exportador aderiram ao programa. Se os pecuaristas da região não rastrearem o gado a empresa vai ser obrigada a reduzir os abates em 50%. Diz a notícia que "o atraso dos produtores pode ameaçar também o emprego dos funcionários, ou seja, cento e cinquenta vagas abertas por causa das exportações podem ser extintas".

Até aqui, nada de mais, apenas houve precipitação demais nessa questão do rastreamento. Hoje e amanhã, muitas empresas irão chorar as mágoas, por causa desse açodamento. "É uma pena; trabalhamos com o sistema de cadeia produtiva e estamos tentando conscientizar as pessoas, desde a implantação em 1998, de que o frigorífico é uma ferramenta para viabilizar as exportações, mas estamos trabalhando em compasso de espera.", conta Mauro Pitz, diretor do tal frigorífico. E vai mais longe: "para estimular os produtores, o frigorífico compromete-se a pagar um preço diferenciado. Hoje o quilo da carcaça vale R\$ 3,00. Esse valor pode chegar a R\$ 3,05". Pelo outro lado, é comum ouvir

a frase: "o consumidor exige qualidade e qualidade em termos de carne e, por isso, ela tem que ter a rastreabilidade. É o próprio futuro da pecuária".

Qual futuro, cabe agora perguntar? Não há dúvidas de que o Governo está de olhos arregalados para o setor pecuário, pois - depois da doença da vaca-



louca na Europa - os mercados enxergaram o Brasil e seus milhões de bovinos que comem apenas capim, e nenhuma ração contaminadora. Estão comprando do Brasil, mas essas compras continuarão até quando? Quando abaixar a poeira da vaca-louca, quem garantirá as compras?

É normal, muito natural, que boa parte - senão a maioria - dos proprietários rurais fique com as barbas de molho, pois o Brasil nunca teve uma lei agrícola de médio ou longo prazo, como estímulo. O Governo faz as leis que lhe interessam no momento e revoga outras. Assim, o produtor rural tem que acertar suas contas com São Pedro, sozinho, e com seus compradores gananciosos. De fato, milhares de propriedades são entregues ao Banco do Brasil, para quitação de dívidas e nunca o Governo, a imprensa ou a sociedade importou-se com isso. Agora, no entanto, recrimina-se alguns pecuaristas porque não aderem ao Sisbov, como se isso fosse obrigado por uma lei marcial!

Ora, o certo é que o Brasil, terra da liberdade, não deveria obrigar a adesão ao Sisbov, até porque a maior parte dos brasileiros é mal nutrida - sendo muito mais importante tratar de produzir carne para os próprios patrícios. Poderia estimular a adesão, aí sim! Por que tantos pruridos por conta das exportações e nenhuma lágrima ou decisão sobre a produção de carne e de leite para os patrícios? O Sisbov nasceu para quem tem posses e consciência de grande produtor.

Além do mais, há milhões e milhões de animais que talvez não valham mesmo um brinco: são animais azebuados, sem carcaça classificável, maus produtores de leite - mas que são os heróis da pecuária brasileira. São esses animais que têm garantido a existência de milhares de pequenas e médias propriedades. É preciso entender que, ao lado do Brasil rico, existe um outro Brasil e que a luz pode e deve brilhar para todos. Exportar carne é bom sim, mas não sacrificando todos para privilegiar meia dúzia!



AGROPECUÁRIA TROPICAL

Fundador: Virgolino de Faria Leite Neto, com "PARAÍBA PECUÁRIA", em 1976 cognominado "O Patrono do Zebu Nordestino", sequenciada por "AGROPECUÁRIA TROPICAL", fundada por Rinaldo dos Santos em Janeiro de 1980.

Edição: nº 130 / 131 - Dezembro - 2002

DIRETORIA: Rinaldo dos Santos, Denise de Abreu Ribeiro.

DIREÇÃO EXECUTIVA: Rinaldo dos Santos

Pesquisas Editoriais: Denise Teixeira de Abreu - Revisor para Zootecnia: Paulo Roberto M. Leite - Tradução: José Antônio dos Santos - Assessoria Administrativa: José Luis de Paula - CPD (Diagramação) Victor H. Vaz Araújo - Denise de Abreu Ribeiro - Financeiro: Dulcinéia Duran de Oliveira - Ilustrações: Toninho (34) 3315-3605 - Distribuição: Daniel Enrique A. Muniz - Tráfego: Geraldo Prata Júnior.

COLABORADORES EDITORIAIS

Eurípedes Oliveira, Jorge Coelho, Huascar Terra do Vale, Manoel Dantas Vilar Filho, Tito Victor, Paulo Roberto Miranda Leite, Eduardo Almeida, José Nivaldo, José T. Figueiredo, Antônio Ernesto W. de Salvo, Francisco Teatini, Paulo Ernesto A. Menezes, Fernando Cardoso.

DEPARTAMENTO COMERCIAL:

SEDE: UBERABA-MG - Jadir Bison - Editora Agropecuária Tropical Ltda - Rua Engº Foze Kalil Abrahão, 487 - CEP: 38060-010 - Cx. Postal: 606 - Fones: PABX: (34) 3312-9788

Telemarketing - Jadir Bison, Cristiane Borges de Carvalho, Lenice Marisa Cobo Vieira, Solange Vieira Mendes

Fotógrafos de campo autônomos - Rubens Sales, Sidnei Novais, Marcelo Cordeiro, Luis Alberto Brito Mendez, Manoel Gomes da Silva, José Maria Matos, José Henrique Pereira

REPRESENTAÇÕES NO EXTERIOR:

ÁFRICA DO SUL - G. Mackenzie Maia - 23 Redway Glencaim 7995 Cape - Tel: 0217-831186 / 02171929

MÉXICO: 1) Elias Bremauntz - Revista "CRIADOR" - Av. Nevado, 112-13, gol. Portales, México, 03300- D.F.
2) Consuelo Gonzáles Pastrana - 9ª Pte. Sur 986, Tuxtla Gtz - Chiapas - México

PERU: Reinaldo Trinidad Ardilles - Pablo Bermudez, 301, Lima 11 - Fone: 23-5650

COSTARICA: Roberto Albertazzi Avendano - Idicasa, apdo, 100, Curridabat, San José, Costa Rica.

VENEZUELA: Alvaro Javier Alvarez Rodríguez - Apdo. Postal 17 - Guanane - Venezuela - Fone: 057-519009/515819.

CONVÊNIO EDITORIAL: El Cebú (Colômbia), Brahman Journal (EUA), Brahman News (Austrália), Holstein Friesian Journal (EUA), Desarrollo Agropecuario (Peru), Desarrollo Agropecuario (Costa Rica), Ganagrinco (Venezuela), Cebú (México), Criador (México), Godarshan (Índia), Brown Swiss (EUA), Dorper (África do Sul).

Fotolitos: Registro Fotolito Digital, Uberaba, MG
Fone: (34) 3321-6539
Impressão: Grafy Ltda, Uberlândia, MG
Fone: (34) 3212-4572

AGROPECUÁRIA TROPICAL - Título autorizado para publicação à Editora Agropecuária Tropical Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da pecuária nacional, principalmente as tropicais, num diálogo com as classes rurais e autoridades do setor. Artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da publicação e são da responsabilidade dos que os subscrevem, mantendo a Editora o direito de publicar as contestações recebidas, por parte dos leitores. Não só autorizamos como também, sugerimos a transcrição de matérias editadas, citando-se a fonte

EDITORA AGROPECUÁRIA TROPICAL LTDA - Sede: UBERABA-MG - Rua Engº Foze Kalil Abrahão, 487 - Caixa Postal 606 - CEP: 38060-010 - PABX: (34) 3312-9788
E-mail: zebus@terra.com.br / zebus.comercial@terra.com.br
Site: www.zebus.com.br
- Reg. Título "ZEBU" - Classe 38 10 - Nº 815133049 e Classe 101 - C.G.C. 25 918 665/0001-00 - Reg. Junta Comercial 3120311380/8 - Reg. ISSN 0101-1758 - Reg. Título "AGROPECUÁRIA TROPICAL" - Reg. Título "O BERRO" - Reg. Título "GIROLANDO" - Reg. Título "ZEBU"

ÍNDICE - Agropecuária Tropical n. 130 e 131 (GIROLANDO)



5 Pecuária leiteira: - O leite & a democracia (AT-130)

Editorial:

- Ser ou não ser Girolando 2
- Rastreamento, até quanto...? 3 (AT-130)

Pecuária Leiteira:

- Adeus, mamadeira...! 9 (AT-130)
- O Brasil da crise leiteira 11 (AT-130)
- A vaca holandesa na Holanda 13 (AT-130)
- A lei do leite 16 (AT-130)

Conjuntura

- Sempre haverá produtores demais 3
- Em busca do guru leiteiro 15
- O leite no norte do MT 58

Zootecnia

- Quem tem medo do DNA 22
- O grande tropeção 25
- O bom exame: DNA x Genoma 33
- O espaço que é do Gir na pecuária de corte 59
- Fertilização in Vitro p/ revolucionar o Girolando em Minas 66

PATROCINADORES

Alagoas

- Ricardo Bastos Mero 63 (AT-131)

Goiás

- Alberto Nunes 39 (AT-131)

Mato Grosso

- Canal do Boi 77 (AT-131)
- Rural Business 75 (AT-131)

Maranhão

- Antônio José Dourado 65 (AT-131)

Minas Gerais

- Kuka Rosetas 3ª Capa (AT-130)
- Arnaldo José Frizzo Filho 11 (AT-131)
- Arnaldo Silva e Filhos 73 (AT-131)
- Gabriel Donato de Andrade 7 (AT-131)
- Inimá Garcia Leão 70 (AT-131)
- José Afonso Bicalho 80 (AT-131)
- José Maria Souza 61 (AT-131)
- Marcelo Moraes Souza 13 (AT-131)



10 Meio-Ambiente - Padim Ciço e a agricultura sustentável (AT-130)

Discussão

- Adeus ao Girolando 50

Manejo leiteiro

- Sistema Prod. Leite 69
- IA: a melhoria do leite 21

Comemoração

- Umbuzeiro: 80 anos de Gir Leiteiro 72

Boa Leitura:

- O difícil é bonito 18 (AT-130)

8 Zootecnia - Vacas rústicas até quando?

E mais

- Índia em almoço particular 48
- Padronização dos cursos de IA 57
- Uma nova Uble Blanca? 57
- Onde estão as vacas leiteiras? 64
- Beba Leite todos os dias e seja feliz 78
- Novo milho híbrido 79
- Cálcio é saúde certa 79
- Primeiro bar escolar de leite 79
- Fazenda de uma vaca só 9 (AT-130)
- Leite na Nasa 17 (AT-130)



- Márcio Ferreira Pinto 49 (AT-131)
- Onofre Ribeiro 17 (AT-131)
- Richard e Francisco Labatte 71 (AT-131)
- Saul Vilela 27 (AT-131)
- Vanir Garcia Leão 67 (AT-131)

Paraná

- Olavo Cardoso 5 (AT-131)

Rio de Janeiro

- Sérgio Rutowitsch 4ª Capa (AT-130)

São Paulo

- Bráulio Queiroz Pinheiro 23 (AT-131)
- DBO revista 12 (AT-130)
- Dirceu Coletti 35 (AT-131)
- Eduardo Falcão Carvalho 51 (AT-131)
- Emílio Trevisan 31 (AT-131)
- Roberto Nezlinger 2 (AT-130)
- Waldir Junqueira Andrade 9 (AT-131)
- Zeide Sab 53 (AT-131)

O leite & a democracia

Sem leite não pode haver um bom desenvolvimento da infância e, sem ela, não pode existir uma nação venturosa. Nação de crianças saudáveis é país de Primeiro Mundo; nação de crianças desnutridas é de Terceiro Mundo. O comportamento da infância de hoje é o espelho da futura atuação dos líderes políticos do amanhã.

Leite de rico e de pobre - O destino político de um povo está umbilicalmente ligado a uma vaca. Por isso, em alguns países, a vaca era e continua sendo quase sagrada.

Paradoxalmente, são os governos de Terceiro Mundo que comandam o fornecimento de leite para as crianças e transformam esse valioso produto em moeda eleitoreira. Quando o leite não tem o preço merecido na fazenda estará indicando que as demais ferramentas do progresso sócioeconômico também estão enferrujadas. Afinal, Governo que não cuida do homem-da-terra, não pode ser um bom Governo! Também não pode haver um eficaz desenvolvimento no setor da Educação, Saúde e Trabalho, se o país não dedica atenção à questão do leite. Essa "seiva branca", esse sangue da civilização humana, tem muito a ver com a "consciência cívica" de uma nação. Para deixar de ser um aglomerado de pessoas robotizadas ou de espírito primitivo para se tornar uma "nação", o leite precisará ocupar um lugar de destaque e de proteção.

Basta analisar o comportamento dos países mais ricos do mundo e ver a maneira como tratam a questão do leite para a infância. Os países com

No Brasil há 10,41 pessoas por vaca/ano e consegue fornecer apenas 74,40 kg de leite para cada cidadão, ou 203,84 gramas/dia.



regime político estabilizado, onde existe um pujante progresso econômico, ostentam também um elevado índice de consumo per capita, tais como mostra a Tabela 1.

Havendo leite para a infância, haverá condição de progresso em direção ao futuro. Fugir dessa realidade primária é cometer um crime de lesa-pátria, pois rouba o tesouro do amanhã, que é constituído pelas novas gerações de pessoas.

Vacas para todos - Quantas pessoas podem depender de uma vaca? O Brasil está bem posicionado, pois ostenta apenas 10,41 pessoas por vaca leiteira, sendo ultrapassado apenas pela Nova Zelândia (1,16), Dinamarca (7,97), Austrália (8,22) e Suíça (10,21). Bem diferente do que acontece no Japão (127,98) ou na China (555,55). Quanto mais pessoas dependerem de uma única vaca, mais valiosa ela será. Em países como o Japão e a China, cada vaca tem um valor incalculável!

Consumo per capita - produtos lácteos - Ano: 2001

País	leite fluido		leite em pó		manteiga		queijos	
	gramas /cab/dia	kg/cab /ano						
Áustria	435,62	159,00	4,98	1,82	13,95	5,09	34,79	12,70
Suécia	432,19	157,75	7,73	2,82	3,70	1,35	45,70	16,68
Finlândia	385,37	140,66	3,67	1,34	12,16	4,44	39,73	14,50
Reino Unido	320,38	116,94	3,32	1,21	8,55	3,12	26,19	9,56
Dinamarca	301,97	110,22	8,71	3,18	11,26	4,11	49,64	18,12
Nova Zelândia	290,68	106,10	7,81	2,85	19,15	6,99	19,86	7,25
Austrália	285,75	104,30	3,97	1,45	8,63	3,15	30,14	11,0
Holanda	270,00	98,55	28,27	10,32	9,10	3,32	39,42	14,39
Rússia	267,42	97,61	2,82	1,03	6,49	2,37	5,56	2,03
Estados Unidos	266,03	97,10	4,27	1,56	5,89	2,15	40,14	14,65
Suíça	258,27	94,26	5,45	2,17	15,84	5,78	39,45	14,40
Espanha	253,18	92,41	1,84	0,67	1,84	0,67	19,15	6,99
Canadá	247,15	90,21	3,12	1,14	7,12	2,60	29,15	10,64
Portugal	220,68	80,55	3,48	1,27	5,84	2,13	26,58	9,70
Brasil	203,84	74,40	1,67	0,61	1,34	0,49	7,48	2,73

Fonte: USDA - Depto. de Agricultura dos Estados Unidos.

Nem todos os países, porém, são eficientes em sua política leiteira. A China, por exemplo, apesar de ter 555,55 pessoas na dependência de uma única vaca, consegue fornecer a cada uma delas apenas 6,58 kg de leite por ano - menos que umas poucas gotas por dia (18,03 gramas/dia). Sem dúvida, um dos mais baixos índices do mundo!

O Brasil (10,41 pessoas/vaca/ano) consegue fornecer apenas 74,40 kg de leite para cada cidadão, ou 203,84 gramas/dia. O Quênia repete o malogro brasileiro (8,94 pessoas por vaca e apenas 136,98 gramas/dia por cidadão).

Ruim é a posição de países sem terra para expansão, como o Japão, onde 127,98 pessoas dependem de uma única vaca, mas a produção per capita é de 23,52 kg (ou 64,44 g/dia), embora a produção por vaca seja notável (8.586 kg/ano). A quota recomendada pela OMS (Organização Mundial da Saúde) é de 146,0 kg/ano/hab (ou 400 g/dia).

O Brasil enquadra-se, portanto, como um país de desperdício, pois apresenta 16,045 milhões de vacas leiteiras em terras de razoável qualidade, mas produz apenas 74,40 kg/ca/ano (ou 203,84 g/dia). Poderia produzir muito mais, com facilidade. Bastaria o Governo querer!

Caminhos do leite - Quando uma nação não conta com terra suficiente

para expansão de seu criatório, tenta dois caminhos:

● **1 - aumentar a produtividade ao máximo** - Como exemplos: Israel (8.930 kg), Estados Unidos (8.376 kg), Suécia (7.833 kg), Holanda (7.143 kg), Dinamarca (6.842 kg), Reino Unido (6.668 kg), Finlândia (6.457 kg), Japão (8.586 kg), Alemanha (6.174 kg), Suíça (5.262 kg), França (5.657 kg) e Canadá (6.642 kg). Esses países pesquisam e adotam estratégias de alimentação intensiva, podendo chegar ao cúmulo de provocar o "mal da vaca-louca" e, como regra, encurtam a vida útil da vaca para 3 ou 4 lactações. O que importa é obter o máximo de produção por hectare ocupado em cada período. Estes países continuarão aumentando sua produção, canalizando o excedente - a preços subsidiados - para os países de Terceiro Mundo. Esse "derame" de leite sobre os países pobres evita que ali novas terras sejam ocupadas com pecuária leiteira.

● **2 - sugar ao máximo possível a terra, mesmo condenando o futuro** - Como exemplo: Índia (35,9 milhões de vacas para apenas 1.014 kg por animal/ano), China (2,34 milhões de vacas e apenas 3.654 kg/ca/ano). O solo desses dois países vem sendo enfraquecido por milênios. A tentativa de melhorar a produtividade por meio de sangue exótico (raças européias) consegue melhorar, momentaneamente, a



Os lácteos são alternativas ao leite, no consumo.

situação mas logo a iniciativa provará ter sido "suicida", pois o patrimônio milenar biológico foi aniquilado e as vacas "modernas" não suportam o rigor climático e socioeconômico. Aniquilar o passado, para apostar no futuro, nunca foi, certamente, uma decisão acertada de um grande líder, mas sim de um aventureiro que brinca com o destino de seu povo.

Miopia brasileira - É melancólico observar que uma expressiva parte do povo brasileiro passa fome. São mais de 53 milhões de pessoas vivendo abaixo da "linha da pobreza", sem direito a um copo/dia de leite. A falta de cálcio leva à fraqueza generalizada: um bóia-fria paulista corta entre 10 a 13 tonela-

Tabela 2 - Rebanho leiteiro no mundo e produção per capita - Ano: 2001

País	Habitantes (1.000)	vacas leiteiras em lactação	leite por vaca (kg/ano)	Habitantes por vaca	leite produzido per capita (kg/ano)	leite produzido per capita (g/dia)
China	1.300.000	2.340.000	3.654	555,55	6,58	18,03
Índia	1.010.000	35.900.000	1.014	28,13	36,05	98,77
Japão	126.700	990.000	8.586	127,98	67,09	183,81
Brasil	167.000	16.045.000	1.421	10,41	74,40	203,84
México	98.900	6.800.000	1.395	14,54	95,94	262,85
Espanha	39.600	1.210.000	4.893	32,73	149,50	409,59
Portugal	9.900	341.000	5.352	29,03	184,36	505,10
Rússia	146.900	13.500.000	2.370	10,88	217,83	596,79
Reino Unido	58.800	1.990.000	6.668	29,55	225,65	618,22
Canadá	31.100	1.230.000	6.642	25,28	262,74	719,84
Estados Unidos	278.400	9.100.000	8.376	30,59	273,81	750,16
Bélgica	10.200	610.000	5.066	16,72	302,99	830,11
Alemanha	82.200	4.600.000	6.174	17,87	345,50	946,58
Áustria	8.200	639.000	4.875	12,83	379,97	1.041,01
Suécia	8.900	420.000	7.833	21,19	369,66	1.086,74
Finlândia	5.200	381.000	6.457	13,65	473,04	1.296,00
Suíça	7.400	725.000	5.262	10,21	515,38	1.412,00
Austrália	18.900	2.301.000	5.050	8,22	614,36	1.683,18
Holanda	15.800	1.470.000	7.143	10,75	664,46	1.820,44
Dinamarca	5.300	665.000	6.842	7,97	858,47	2.351,97

Fonte: USDA - Depto. de Agricultura dos Estados Unidos e Agropecuária Tropical

das de cana por dia enquanto um bóia-fria nordestino corta entre 3 a 6 toneladas! A subnutrição vem do berço - não só do berço doméstico, mas também do berço histórico onde nasceu a nação. No Brasil, as lideranças políticas nunca se importaram - de fato - em quebrar as algemas que escravizam o país, dentro dos moldes coloniais, desde os primórdios da História.

O Brasil apresenta, por isso, um incrível paradoxo para os estudiosos:

◆ a) apresenta o quarto maior rebanho do mundo, senão o terceiro. E o segundo maior rebanho leiteiro.

◆ b) é considerado um grande exportador de carne.

◆ c) não apresenta, ainda, nem 50% do território ocupado.

◆ d) apesar disso, seu povo padece fome de carne e de leite.

Uma vez que o futuro de uma nação está alicerçado sobre o dorso de uma vaca, pode-se afirmar que a eficiência desta nação é determinada pela produção média de uma vaca por ano. Quanto mais leite produzir, sem aniquilar a potencialidade da terra, melhor ela estará aparelhada para ocupar um lugar de destaque no processo de evolução da humanidade.

Bem diz o ditado: "Mostre-me a vaca que tens e direi que tipo de civilização tu és".

Se o animal for uma pobre vaca leiteira, de baixa produtividade, então o país será primitivo, do Terceiro Mundo, ou completamente subdesenvolvido. Se a vaca for bem alimentada e altamente produtiva, o país será de Primeiro Mundo. A vaca é o retrato do país!

Por outro lado, também diz o ditado: "Mens sana in corpore sano" ("Mente sã em corpo sã") Alegoricamente, esse ditado significa "país forte com vacas fortes", deixando claro que o futuro de uma nação só poderá ser forte se apresentar uma pecuária leiteira também lucrativa. De fato, uma nação somente se expressará com vitalidade



Os produtos lácteos, além de serem ótimos para a saúde, garantem empregos para milhares de pessoas.

quando suas gerações, uma pós a outra, ostentarem um corpo sadio. Tudo começa com o leite oferecido às crianças, de forma sistemática. O corpo das gerações humanas simboliza o corpo da própria nacionalidade.

O leite para todos - As estatísticas são cruéis, pois indicam a média de consumo de leite, não afirmando que esse leite pode estar sendo consumido apenas pelas crianças ricas. É o que, de fato, acontece em países como o Brasil. Aqui está a maior concentração de renda do planeta - um triste recorde brasileiro. Assim, as estatísticas dizem que o consumo médio de leite é de 74 kg por pessoa/ano, mas não diz que apenas 20% desse leite consegue ser distribuído para as crianças carentes. O restante é utilizado na fabricação de guloseimas, doces, bolos, etc. para as crianças ricas. Assim, cerca de 15% da população brasileira é bem nutrida, mas o restante sofre deficiências desde a infância.

Caberia ao Governo estancar a mio-

pia atávica e tratar de remunerar bem o pecuarista para que ele se sinta estimulado a aumentar a produção. No outro lado, o Governo poderia estimular o consumo do leite, por meio de dezenas de programas já testados em vários países e até mesmo no Brasil.

O Zebu Leiteiro - O Zebu brasileiro é o mais selecionado do mundo para o corte e também o mais descuidado para a produção de leite. Não se trata de ineficiência, uma vez que existem alguns abnegados selecionadores explorado a função lactígena do gado, com sucesso, tanto na raça Gir, como no Guzerá e no Sindi.

O Zebu leiteiro é uma realidade, mas o que não se transformou ainda em realidade é a necessária decisão política de se produzir leite no Brasil. Os criadores venceram a luta dentro de seus currais, mas os políticos sequer acordaram para a grande luta que deveriam estar travando a favor do futuro das gerações brasileiras. Os criadores já fizeram por seu gado o que os políticos não conseguiram fazer ainda por seu país.

O Ministério admitiu, por certo tempo, que a meta ideal era buscar uma produtividade média de 1.334 kg/ano/vaca. Ora, as fêmeas selecionadas zebuínas produzem muito mais, com absoluta eficiência tropical. Ao mesmo tempo, as vacas superespecializadas não produzem um número suficiente de crias saudáveis e tampouco sobrevivem por longo tempo. Por isso, os mestiços ideais são aqueles com apenas 1/4 de sangue europeu.

Evolução do rebanho dos Estados Unidos

Ano	Produção de leite/ano (bilhões kg)	Vacas em lactação (mil)	kg por vaca kg/ano	População dos EUA	Vacas /hab
1920	30,51	21.455	1.422	105.710.620	4,9
1930	47,08	23.032	2.044	122.775.046	5,5
1940	52,32	24.940	2.098	131.669.275	5,6
1950	57,48	23.853	2.410	150.697.361	6,6
1960	62,02	19.527	3.176	180.684.000	9,3
1965	64,47	17.592	3.665	194.600.000	11,1
1983	63,50	11.100	5.720,7	-	-
2001	76,97	9.200	8.366,8	278.400.000	30,26

Fonte: USDA - Depto. de Agricultura dos Estados Unidos e Agropecuária Tropical

O zoneamento leiteiro - Existem regiões que necessitam de um gado leiteiro, justamente pelas suas características: caminha menos, é mais dócil, é de fácil manejo para a ordenha, permite um rendimento permanente para a propriedade, fornece subprodutos de interesse, estraga menos as pastagens, etc.

É claro que o gado leiteiro não é adequado para as grandes propriedades e grandes pastos. Uma região densamente povoada não poderá deixar de ocupar as poucas terras não destinadas à agricultura por uma pecuária leiteira. Este é um lugar certo para vacas de alta produtividade.

Para o Nordeste, bem como para as vizinhanças dos grandes centros urbanos, a pecuária indicada é a leiteira, mesmo que de menor produtividade.

A lucratividade da atividade leiteira não se mede apenas pelo leite, mas também por outros fatores como: maior número de crias saudáveis, maior número de animais desmamados, melhor comercialização dos produtos nascidos, melhor rendimento dos machos no abate, melhor rendimento das fêmeas velhas no abate, etc. Observando-se esses fatores, conclui-se que o futuro tem muito a ver com o Zebu de boa produção leiteira, ou com os "compostos leiteiros" que já começam a surgir, planejadamente.

Política leiteira - Para proporcionar maior eficiência ao trabalho é necessário fornecer leite para o povo. Para proporcionar leite para todos é necessário melhorar a eficiência da pecuária, estimulando os plantéis leiteiros, nas regiões corretas. Enfim, trata-se de fazer exatamente aquilo que todas as civilizações eficientes já fizeram ou continuam fazendo. Trata-se de imitar o que é bom, ao invés de importar o que não é bom. Isto é, o correto seria imitar a política do leite naqueles países ao invés de importar vacas e leite daqueles mesmos países.

O primeiro passo é garantir um preço justo e adequados canais de comercialização para o leite.

O Zebu leiteiro é uma realidade que interessa a todo o mundo tropical, e quando se pensa em exportação de gado vivo, interessa não somente ao Brasil, podendo chegar a cifras maiores do que as obtidas pelo Zebu de corte. O Brasil pode exportar milhões de vacas zebuínas leiteiras, mas não exportará tanto Zebu de corte assim (é mais fácil exportar a carne!) Além disso, colocar peso e porte na vaca leiteira

A vaca leiteira carregou todas as civilizações nas costas.



ra é muito mais fácil (características com média de 55% de transmissibilidade) do que colocar leite na vaca de corte (características com média de 10% de transmissibilidade).

O Brasil, com sua enorme extensão territorial, pleno de vegetação, com um sol benéfico, realizando uma prodigiosa fotossíntese, não pode deixar de fazer inveja à pequenina Israel, com seus desertos e seu clima rigoroso. Os criadores israelenses, no entanto, reagiram e escolheram o caminho da alta produtividade, mantendo vacas de 8.930 kg/lactação, em média. Em termos de produtividade, Israel é mais de 10 vezes superior ao Brasil - por força!

Mais vacas ou menos vacas?

Os Estados Unidos, em 1945, produziu 52,6 bilhões de kg de leite com 25 milhões de vacas. Em 1983, já produzia 63,5 bilhões de kg de leite, com apenas 11,1 milhões de vacas. Mais leite, menos vacas - esta é a lei do mundo de clima temperado. O ponto final dessa lei é determinar a morte da vaca por excesso de produtividade! Ela morrerá, mas terá rendido muitos dividendos para seu proprietário.

Em 1920, haviam 4,9 pessoas dependendo de uma vaca nos Estados

Unidos. Já em 2001, haviam 30,26 pessoas dependendo da mesma vaca. Por seu lado, a vaca de 1920 produzia 1.422 kg/ano e a de 2001 havia saltado para 8.367 kg/ano! A produtividade das vacas acompanhou o crescimento da população.

O mesmo deverá acontecer no Brasil: o rebanho irá diminuindo, a produtividade irá aumentando, a população humana irá aumentando e, cada vez, haverá mais pessoas dependendo de uma mesma vaca. Essa é uma tendência histórica na evolução pecuária.

Depois de mais de 80 anos de seleção leiteira, o Brasil já poderia ostentar uma brilhante pecuária leiteira, mas foi impedido - sempre - por medidas draconianas partidas do Governo. De fato, o preço do leite sempre foi utilizado demagogicamente, provocando desestímulo entre os produtores. Quando os fazendeiros se retraem, o Governo importa leite, mantendo um círculo vicioso entre produtores desestimulados e importações danosas.

Cabe esperar que algum Governo descubra que a solução precisa começar dentro das porteiras da fazenda, estimulando-se o produtor, com uma política de longo prazo e preços compatíveis. ■

ADEUS, MAMADEIRA...!



A professorinha era pequena mas não era boba nem um pouco. Resolveu dar uma aula sobre Civismo.

- O dia 7 de Agosto é memorável no Brasil. Todo produtor de leite deveria ter um calendário na parede com o dia 7 de Agosto em destaque. Foi nesse dia que o Governo brasileiro praticou um gesto heróico, de grande benefício para todos.

- "Ô xente"! - exclamou Cazuzo no fundo da sala - "E que é que ele fez"?

- Nesse dia, o Governo proibiu o uso de mamadeiras! E mais: proibiu toda propaganda do uso de leite de vaca e o uso de qualquer iogurte, queijo mole, sorvete, etc. que possam ser dados a bebês.

Silêncio total na classe, onde todo mundo era filho de fazendeiro que levantava de madrugada para ordenhar vacas e que estavam acostumados a dar mamadeira para bezerras tanto quanto a mãe dava mamadeira para diversos irmãozinhos dentro de casa.

- "Bom," - continuou a professora - "na verdade, o Governo proibiu a propaganda do uso da mamadeira ou de qualquer outro produto lácteo que substitua o leite das mães".

- "Uau"! - disseram todos em coro.

- O Brasil é um pobre país de gente mais pobre ainda. Quase ninguém tem leite para beber, pois as vacas produzem apenas 22 bilhões de litros para atender 170 milhões de habitantes. Acontece que o dinheiro fica nas mãos de 15% das pessoas e o restante mal consegue uma colher de leite todo dia. Assim, os ricos podem tomar banho numa piscina de leite mas quase 50 milhões de pessoas mal conseguem algumas colheradas de leite.

- Uau! - arrepiou a classe - "E o que o Governo está querendo"?

- Bom, o Governo quer que todas as mães amamentem seus filhos.

- Tá certo, professora, mas as mães pobres quase não comem e, então, como vão ter leite para os filhos?

- Olha, Joquinha, os homens que fazem as leis ganham todo mês aquilo que seu pai leva 10 anos para ganhar. Isso quer dizer que, em 5 meses, eles ganham o que seu pai irá ganhar em toda a vida. Então, eles têm tanto dinheiro que não sabem como vivem as pessoas simples do povo.

- Puxa, eu quero ser político, quando crescer! - afirmou Lolô, ganhando aplausos.

- "Silêncio" - pediu a professorinha - vamos aprender, agora, o que é mais importante nessa questão.

Todos se calaram e arregalaram os olhos...

- O país mais rico do mundo produz 80 bilhões de litros, ou seja, 4 vezes mais que o Brasil. Além disso, o Governo de lá está fazendo uma enorme campanha nas televisões para aumentar o consumo de leite de vaca. Eles querem mais e mais leite de vaca. País rico é o que consome muito leite de vaca, de cabra e tudo o mais. O leite faz as pessoas serem fortes... Nunca se esqueçam disso, mesmo que as televisões digam o contrário. Ou os Governos!

Responda bem depressa

O animal descornado permite a formação de um gado mocho?

R - Não. O surgimento do gado mocho só é possível por via genética ou mutação.

Fazendas de uma vaca só

Ocupando metade da área do Estado de São Paulo e banhada pelas águas do rio Danúbio, onde a agricultura se processa mais intensamente, a pequena Bulgária é mais um exemplo da crise que costuma assolar a pecuária leiteira de países que sofrem profundas mudanças de ordem econômica e política. No seu caso foi a derrocada do comunismo na ex-União Soviética, da qual era nação satélite. De 1990 para cá, o total do rebanho bovino búlgaro caiu drasticamente de 1,7 milhão para 670 mil cabeças. O de vacas leiteiras passou de 660 mil para 424 mil. Este decréscimo, respectivamente de 60% e 36%, foi o resultado da falência das cooperativas estatais mantidas pelo governo. As transformações fizeram com que a pecuária leiteira do país passasse a ser fortemente dominada por miniprodutores. Hoje 85% das fazendas têm de 1 a 3 vacas e somente 1% possui mais de sessenta, mas a produtividade gira em torno de 3.000 kg/vaca/ano.

Imposto para promoção

Na Nova Zelândia, os produtores de leite votaram definitivamente a favor de um imposto para financiar a entidade Dairy In Sight, que tem como meta promover a indústria láctea. Ela faz parte da Fonterra Cooperative Group e suas atividades incluem pesquisas agrícolas, defesa do meio ambiente, programas de qualidade do leite e de saúde animal, entre outras coisas.

Macaco prende ladrão na Índia

O macaco Rani prendeu um ladrão que tentava fugir após um roubo na cidade de Khurda, na Índia. Rani se apresentava com o dono, Munna, para os passageiros de um trem quando houve o roubo. Por ordem de Munna, o animal correu e acabou alcançando o bandido. O macaco, de seis anos, agarrou a cabeça do ladrão, que tentava fugir com uma mala roubada, e o jogou no chão até a chegada da polícia. O inspetor, Tarani Sen Majhi, não escondeu o espanto com a história.

Padim Ciço e a agricultura sustentável

Luiz Ferreira da Silva



Nos anos 20, o Padre Cícero Romão, assim orientava os sertanejos: *'Não derrubar o mato, nem mesmo um só pé de pau. Não tocar fogo no roçado, nem na caatinga. Não caçar animais e deixar os bichos viverem. Represar os riachos, de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta. Plantar, cada dia, pelo menos um pé de árvore, até que o sertão seja uma mata só. Construir uma cisterna no oitão da sua casa para receber água da chuva. Não criar o boi e nem o gado soltos. Faça cercados e deixe o pasto descansar para ele se refazer. Se o sertanejo obedecer estes preceitos, a seca vai aos poucos acabando, o gado vai melhorando e o povo terá sempre o que comer; mas, senão obedecer, dentro de 20 anos todo o sertão será um deserto só'*.

Palavras sábias de um grande agroecologista douto, sem precisar ser doutor, com seus ensinamentos práticos e objetivos, que até hoje, têm validade.

Sua visão estava voltada para a conservação do ecossistema sob uma ótica da utilização racional dos recursos da terra, com enfoque no manejo sustentável das atividades agropecuárias. É isso, justamente, a nova concepção de uso dos ecossistemas, embasado no manejo do solo, na proteção dos recursos hídricos e florestais, na lavoura multifuncional, na redução dos insumos fertilizantes e no controle integrado dos inimigos naturais, sem agredir ou deteriorar o meio ambiente.

Para a época, as recomendações do sábio religioso eram avançadas, sobretudo com a conotação da interatividade do homem com o seu ambiente, deixando bem claro que seria possível a sua convivência com a seca.

E não há dúvida de que o sertão é viável, desde que se utilize o conhecimento existente, enfatizando o aproveitamento do manancial hídrico, o detalhamento das nuances físico-hídricas dos solos, a conservação dos divisores de água, a consecução de variedades apropriadas e tolerantes ao clima e o uso racional da irrigação.

Quatro pontos, pois, são fundamentais:

- 1) o conhecimento detalhado dos terrenos e o seu manejo no que concerne à retenção de água e à produção *in situ* da matéria orgânica;

- 2) o desenvolvimento de sistemas de agricultura que integre os cultivos com a produção animal e de técnicas agroflorestais, a nível dos imóveis rurais;



- 3) o manejo correto da água, evitando a salinização e as perdas por escorrentia e evaporação;

- 4) o desenvolvimento de cultivares adequados às condições edafo-climáticas, através do melhoramento genético e da biotecnologia.

Dessa forma, ter-se-á uma agropecuária com alta produtividade, mercê da excelência climática em termos de produção de biomassa e de adversidade às pragas e doenças, proporcionando a colheita de produtos de alta qualidade comercial. Não há lugar mais para se cultivar a terra na base da enxada e da matraca, sem o uso da tecnologia adequada ao ecossistema.

Ao lado das atividades antrópicas, é preciso manter a vegetação das reservas de preservação ecológica; reflorestar as aguadas; conservar as ladeiras íngremes; estabelecer cortinas ou barreiras vegetais, sobretudo com le-

guminosas, para diminuir a ação desidratante dos ventos, reter a força erosiva das águas e aportar matéria orgânica ao solo (*in situ*); e utilizar práticas de conservação, sobretudo evitando plantar ladeira abaixo. Em adição, uma outra medida regional, seria fazer terraços nos cortes das estradas, desviando assim o direcionamento das

águas de chuva para o sopé das pendentes, acumulando-as em depressões escavadas, evitando-se a erosão dos taludes, por um lado, e captando essas águas de escorrentia ao longo dessas vias rodoviárias, pelo outro, estabelecendo-se um outro nível de umidade micro-climática.

Juntando-se tudo isso com as sábias orientações do Padre Cícero Romão Batista - com o cuidado de evitar a interferência nefasta dos maus políticos - é perfeitamente factível se ter um semi-árido produtivo e conservado, nele vivendo um povo feliz, como assim desejava o eminente religioso, até hoje o grande guia dos sertanejos abandonados.

Luiz Ferreira da Silva - Eng. Agrônomo (UFRRJ/1962), Pesquisador aposentado e ex-Diretor do Centro de Pesquisas do Cacau (CEPLAC/CEPEC-BA); Consultor Técnico Científico em Solos Tropicais.

GIROLANDO

O Leite nos Trópicos

ISSN 0101-1758

AGROPECUARIA
TROPICAL

Dezembro - 2002

Quem tem medo do DNA?

É hora de fazer o
Genoma do Gir

- O grande tropeção da Genética
 - *Em busca do Guru*
 - *Produtores demais*
 - *Adeus ao Girolando ?*



A falta que o Gir faz
na pecuária de corte

Editorial:
Ser ou não ser Girolando

Fundador: Virgolino de Faria Leite Neto, com "PARAIBA PECUÁRIA", em 1976 cognominado "O Patrono do Zebu Nordestino", sequenciada por "AGROPECUÁRIA TROPICAL", fundada por Rinaldo dos Santos em Janeiro de 1980.

Edição: nº 131 - Dezembro - 2002

DIRETORIA: Rinaldo dos Santos, Denise de Abreu Ribeiro.

DIREÇÃO EXECUTIVA: Rinaldo dos Santos

Pesquisas Editoriais: Denise Teixeira de Abreu - **Revisor para Zootecnia:** Paulo Roberto M. Leite - **Tradução:** José Antônio dos Santos - **Assessoria Administrativa:** José Luis de Paula - **CPD (Diagramação)** Vítor H. Vaz Araújo - Denise de Abreu Ribeiro - **Financeiro:** Dulcineia Duran de Oliveira - **Ilustrações:** Toninho (34) 3315-3605 - **Distribuição:** Daniel Enrique A. Muniz - **Tráfego:** Geraldo Prata Júnior.

COLABORADORES EDITORIAIS

Euripedes Oliveira, Jorge Coelho, Huascar Terra do Vale, Manoel Dantas Vilar Filho, Tião Victor, Paulo Roberto Miranda Leite, Eduardo Almeida, José Nivaldo, José T. Figueiredo, Antônio Ernesto W. de Salvo, Francisco Teatini, Paulo Ernesto A. Menezes, Fernando Cardoso.

DEPARTAMENTO COMERCIAL:

SEDE: UBERABA-MG - Jadir Bison - Editora Agropecuária Tropical Ltda - Rua Eng^o Foze Kalil Abrahão, 487 - CEP: 38060-010 - Cx. Postal: 606 - Fones: PABX: (34) 3312-9788

Telemarketing - Jadir Bison, Cristiane Borges de Carvalho, Lenice Marisa Cobo Vieira, Solange Vieira Mendes

Fotógrafos de campo autônomos - Rubens Sales, Sidnei Novais, Marcelo Cordeiro, Luis Alberto Brito Mendez, Manoel Gomes da Silva, José Maria Matos, José Henrique Pereira.

REPRESENTAÇÕES NO EXTERIOR:

ÁFRICA DO SUL - G. Mackenzie Maia - 23 Redsway Glencairn 7995 Cape - Tel. 0217-831186 / 02171929

MÉXICO: 1) **Eliás Bremauntz** - Revista "CRIADOR" - Av. Nevado, 112-13, gol. Portales, México, 03300-D.F.
2) **Consuelo Gonzáles Pastrana** - 9^a Pte. Sur 986, Tuxtla Gtz - Chiapas - México

PERU: **Reinaldo Trinidad Ardilles** - Pablo Bermudez, 301, Lima 11 - Fone: 23-5650

COSTA RICA **Roberto Albertazzi Avendano** - Idicasa, apdo, 100, Curridabat, San José, Costa Rica

VENEZUELA: **Alvaro Javier Alvarez Rodriguez** - Apdo. Postal 17 - Guanare - Venezuela - Fone: 057-519009/515619.

Fotolitos: Registro Fotolito Digital, Uberaba, MG

Fone: (34) 3321-6539

Impressão: Grafy Ltda, Uberlândia, MG

Fone: (34) 3212-4572

AGROPECUÁRIA TROPICAL - Título autorizado para publicação à Editora Agropecuária Tropical Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da pecuária nacional, principalmente as tropicais, num diálogo com as classes rurais e autoridades do setor. Artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da publicação e são da responsabilidade dos que os subscrevem, mantendo a Editora o direito de publicar as contestações recebidas, por parte dos leitores. Não só autorizamos como também, sugerimos a transcrição de matérias editadas, citando-se a fonte.

EDITORA AGROPECUÁRIA TROPICAL LTDA - Sede UBERABA-MG - Rua Eng^o Foze Kalil Abrahão, 487 - Caixa Postal 606 - CEP: 38060-010 - PABX: (34) 3312-9788
E-mail: zebus@terra.com.br / zebus.comercial@terra.com.br
Site: www.zebus.com.br

Reg. Título "ZEBU" - Classe 38 10 - Nº 815133049 e Classe 101 - C.G.C. 25 918 665/0001-00 - Reg. Junta Comercial 3120311380/8 - Reg. ISSN 0101-1758 Reg. Título "AGROPECUÁRIA TROPICAL" Reg. Título "O BERRO" Reg. Título "GIROLANDO" Reg. Título "ZEBU"

Ser ou não ser... Girolando

Todo mundo sabe que o Girolando é o gado que predomina na região tropical brasileira, e isso tem sido um grande elogio para a raça. Por outro lado, no entanto, verifica-se que a vaca brasileira - incluindo as Holandesas, Jerseys, Pardo-Suíças, Normandas, etc. - produz apenas 1.105 litros/ano, ou 3,0 litros/dia. É muito pouco. Quem estaria derrubando o índice para baixo? É claro que são as vacas mestiças. É só observar que no Rio Grande do Sul a vaca média produz 4,94 litros/dia, enquanto a do Piauí chega a apenas 1 litro/dia. Assim, não adianta viver de elogios, apenas - é preciso eficiência ou a vaca vai pro brejo.

Estes números, no entanto, já exibem uma certa evolução, pois eram muito piores há uma década atrás, quando a vaca média brasileira produzia apenas 0,7 kg/dia. Quem terá melhorado? A Girolanda ou os produtores compraram mais animais especializados? As pesquisas mostram que os produtores estão se especializando em velocidade vertiginosa, devido ao Programa de Granelização que é lei federal. Já o Girolando mantém sua marcha, mantendo a tradicional produtividade leiteira, segundo as estatísticas da própria Associação. O elefante tem que virar antílope, para correr na velocidade necessária, ou será atropelado!



A meta é que todos produzam acima de 200 litros/dia e, dentro de alguns anos, somente quem produzir acima de 500 litros poderá entregar leite ao laticínio - como na Argentina. Por falar em Argentina, lá já está havendo um movimento para que somente produtores com mais de 1.000 litros/dia possam entregar leite às usinas! Isso é progresso... (mil litros no Rio Grande seriam 200 vacas em lactação, ou 1.000 no Piauí - um absurdo!)

Assim, a redução dramática dos produtores não é ficção: é realidade. Para acompanhar essa realidade há apenas dois caminhos:

- contar com animais que sejam altamente eficientes em uma propriedade também eficiente;
- sair da profissão leiteira.

Ou seja, a profissão de produtor leiteiro poderá ficar confinada a 50 mil criadores - muito longe dos 1,2 milhão - que havia há 3 anos atrás; ou dos 1,8 milhão que havia há 10 anos atrás. Entre estes 50 mil poderão estar muitos - senão a maioria - de Girolandistas. Quem aposta nesse futuro? Só no Paraná, mais de 100.000 produtores abandonaram o balde desde 1999!

O que acontecerá com o pequeno produtor, incrustado em uma propriedade que aplica pouca tecnologia? Provavelmente passará a engordador de gado, ou criador de caprinos/ovinos, ou entrará para a engorda de frangos, ou vai virar agricultor. Uma coisa é certa: ele sairá da produção leiteira, pois nenhum Governo aguentará a pressão das multinacionais e seu refrão de "qualidade a baixo custo para o consumidor".

Assim, esta revista é diferente. Ela discute caminhos inovadores para os produtores de leite, ao mesmo tempo que mostra prós e contras de certos aspectos tecnológicos da atividade. É um incentivo para uma tomada de posição. Uma revista para os ordenhadores do presente e que se manterão, também, no futuro.

“Temos produtores demais, produzindo individualmente muito pouco”.

Considerando a produção de 21,5 bilhões de litros por ano e uma estimativa de 1,2 milhão de produtores, são menos de 18.000 litros por produtor/ano, ou 50 litros por dia. A Argentina, para não ficarmos apenas nos comparando com os Estados Unidos ou com as Novas Zelândias da vida, produz cerca de 10 bilhões de litros com 20.000 produtores de leite, ou seja, 500.000 litros por produtor/ano, ou 1.370 litros/dia. Vinte e sete vezes mais do que nós! Os Estados Unidos (comparar com os EUA é uma tentação irresistível ...) produzem 76 bilhões de litros com 76.630 produtores, ou quase 1.000.000 de litros/ano (2.720 litros/dia), 54 vezes mais do que o produtor brasileiro “médio”.

O módulo de produção do produtor brasileiro é ínfimo, não apenas ao nos compararmos com outros países - mesmo porque esta comparação apresenta limitações relativas à renda da população, às alternativas de trabalho, à existência de subsídios, ao preço do leite recebido pelo produtor em relação ao custo de vida, etc. De qualquer forma, 50 litros por produtor/dia é, em termos absolutos, muito pouco. Difícil imaginar como se vive nestas condições, considerando a hipótese de que este produtor “médio” depende do leite para viver e não conta com subsídios.

Portanto, por estas razões, você não errará ao dizer que temos produtores demais. Mas pode começar a se complicar, se emendar com outro chavão comum: *“com a redução do número de produtores, eliminando-se os menos eficientes, aqueles que restarem serão beneficiados; terão maior poder de barganha; custos mais baixos de produção e, assim, uma situação econômica melhor”...*

Será mesmo ?

Para tentar responder esta questão, vamos nos basear novamente nas inevitáveis comparações com os Estados Unidos. Um artigo da revista Hoard's Dairyman relata nova queda no número de produtores americanos, desta feita da ordem de 7,6% no último ano.

A trajetória ladeira abaixo é variável, mas contínua. Ano a ano, são menos produtores e não houve, até agora, tendência de estabilização neste número, o que sugere que a degola vai continuar. E, convenhamos, os 130.000 produtores de 1992 já eram um número muito baixo para padrões brasileiros. Se a taxa média de 5,82% de redução no número de produtores ao ano

bém passam por acelerado processo de concentração. Um grande produtor de leite, por maior que seja, será sempre pequeno perto de um laticínio ou de um varejista, e isto tende a se agravar com o tempo, porque o aumento do poder de barganha destes elos tende a crescer a taxas mais altas do que o poder de barganha dos produtores, deixando a vida ainda mais difícil para



for mantida, serão 44.661 produtores em 2010. Ou seja, lá também existem produtores demais, mesmo cada um produzindo 54 vezes mais do que nós, brasileiros. Mesmo com uma avalanche de pesquisas e recursos destinados à extensão; mesmo com US\$ 300 milhões anuais destinados ao marketing institucional do leite; mesmo com política de preços mínimos e exportações subsidiadas.

Porque isto ocorre ? Ocorre inicialmente pela óbvia constatação de que, por menor que seja o número de produtores de leite, será sempre muito superior ao número de processadores de leite e varejistas que, por sinal, tam-

esses últimos.

O grande número *relativo* de produtores gera também uma competição feroz entre os próprios produtores, o que reduz ainda mais o seu poder econômico enquanto classe e contribui para a manutenção de baixos preços dos produtos vendidos. É fácil entender a situação olhando-a pelo outro lado: se você fosse o único produtor de leite do país, ou um dos únicos, seria bem mais interessante negociar, não? Mas como você não é, precisa - em tese - adotar as melhores tecnologias, contratar as melhores pessoas, negociar melhor, enfim, aprender a prosperar em um ambiente hostil. Uma

ressalva: do ponto de vista de “eficiência” da cadeia produtiva, tal situação é favorável, porque permite produzir a custos mais baixos, o que beneficia o mercado consumidor e a competitividade do país: aspectos importantes. O problema é saber o quanto desta eficiência fica retida nos elos seguintes.

O ponto-chave é que não é muito relevante se são 5 milhões, 2 milhões, 1 milhão, 500 mil ou 50 mil produtores. Sempre serão mais do que o desejável para reduzir a competição interna e aumentar o poderio de barganha junto aos outros elos. Os 20.000 produtores argentinos estão há anos reclamando de sua situação, cada vez mais endividados. Estive lá em 1998 e a situação já era complicada: lembro-me de que menos de 1.000 litros/dia não sustentava mais dignamente uma família. Talvez hoje sejam 1.500 ou 2.000 litros/dia. Será sempre mais.

É evidente que o maior módulo de produção tende a ser mais vantajoso. Não se trata de uma apologia ao pequeno produtor e à pequena produção. É mais interessante economicamente para quem compra leite, daí os principais bônus de preço estarem ligados à variável volume de produção. Também, embora algo questionável em minha opinião, pode-se admitir que maior escala leva à redução de custos. Portanto, se você tiver buscando escala, ótimo: tenderá a ter um preço melhor e potencialmente melhor rentabilidade.

A mesma idéia vale para a *eficiência*. É evidente que devemos ser eficientes e que, sendo eficientes, as chances de sucesso aumentam. Isto vale para todas as profissões e atividades. Quem não quer ser mais eficiente? O perigo aqui é você repetir aquele outro chavão: “só os eficientes sobreviverão”.

A esta altura, o leitor já deve estar pensando que esta busca pela eficiência em busca da garantia de sobrevivência pode ser um grande engodo. Afinal, a eficiência é relativa. Será que os produtores de leite dos EUA não são eficientes? A produção por vaca – indicativo importante de rentabilidade em sistemas confinados – subiu 21% de 1992 até 2001, tornando-se uma das mais altas do mundo, próxima de 8.400 kg/vaca/ano. Mas, para quem acha que a comparação com os EUA não é válida, vale dizer que, na Nova Zelândia, para muitos o novo *benchmark* da pro-

dução de leite do Brasil, o número de produtores também foi drasticamente reduzido. A eficiência, claro, aumentou, mas será suficiente para garantir um futuro melhor? Quem garante que o eficiente de hoje não será o degolado de amanhã?



Os produtores de leite precisam de mais poder de barganha, não só de eficiência. Quem tem mais poder, dita as regras, sendo uma delas justamente o “seja mais eficiente”: conselho do rico para o pobre, do grande para o pequeno, de quem manda, para quem não manda. O mercado busca eficiência, sem dúvida (de novo: quem não busca?); porém, mais do que isso, busca força. O banco Bradesco fez 4 aquisições em menos de um mês para fazer frente ao crescimento do Itaú, que havia também feito grandes aquisições que o colocaram no posto de segundo maior banco do país. A Parmalat, após dezenas de aquisições e um período de dormência, voltou à cena ao adquirir a área de lácteos da Kraft no Brasil. No varejo, todos acompanham a briga dos gigantes Pão-de-Açúcar e Carrefour. Em todos estes exemplos, o que se busca é muito simples: ser o maior, ser o mais forte. Ganhar poder. Parece ser melhor ser grande e menos eficiente do que pequeno e eficiente. Ou, talvez, o tamanho facilita a compra da eficiência, não sei.

Para o produtor, é pouco útil ser o maior em um universo de milhares. Quanto sua produção representa do total produzido? O único caminho é reunir as forças para que, como categoria, se consiga o desejado poder de

barganha, utilizando-o, por exemplo, para negociar as questões que visam

proteger o setor produtivo. Individualmente, cada um vale muito pouco nesta briga.

Portanto, cuidado ao pregar a redução do número de produtores de leite como a salvação da pátria. Comemorar uma eventual redução no número de produtores de leite no Brasil como se fosse sinal de avanço e modernidade é, no mínimo, ingenuidade. Afinal, os exemplos que temos de países que estão mais adiantados neste ciclo indicam que o processo é interminável: sempre existirão produtores demais.

Marcelo Pereira de Carvalho
- é Eng. Agrôn. e diretor do site Milk Point.

Você sabia...?

... que o queijo de cabra e também o de vaca eram utilizados para diminuir a velocidade do processo de envelhecimento? Isso no antigo Egito.

Você sabia...?

... que o leite e o queijo eram considerados notáveis para melhorar o desempenho sexual entre os antigos egípcios?

FAZENDA

PINHEIROS

Nossa Senhora das Graças - PR

Olavo Cardoso Machado

(44) 352 - 1272 (faz) / (43) 3322 - 4069 (Res.)



SORRIENTO OCM

- Espigão da Esm
 - Novo Rei da Favela
 - Ninfeta da Favela
- Espanha OCM
 - Brilhante OCM
 - Antártica OCM



Olavo Cardoso - Dedicacão e paixão pelo GIR



TRAMONTINA JOCM

- Morvi POI
 - OCM Faraó
 - POI Erudita
- Pérola JO
 - Abaeté
 - Faculdade



MILAGROSA OCM

- Faraó POI
 - Atma Imp.
 - Lirili XII
- Dorella
 - Neru de Bras.
 - Alpina

Fotos: Jadir Bison



FAZENDA

Calciolândia

GABRIEL DONATO DE ANDRADE

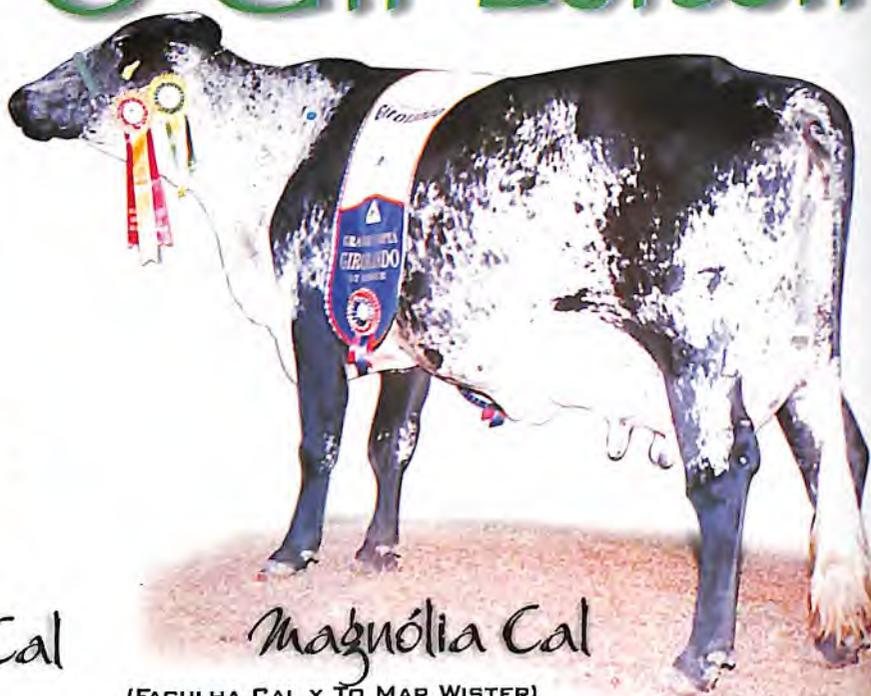
O Gir Leiteiro



Jalapa Elator Cal

(ELATOR TE CAL X ABIA CAL)

RESERVADA CAMPEÃ DO CONCURSO LEITEIRO ESTADUAL
PARÁ DE MINAS 2001, COM 32,200 KG DE LEITE.



Magnólia Cal

(FAGULHA CAL X TÔ MAR WISTER)

GRANDE CAMPEÃ NACIONAL 2002
MELHOR ÚBERE DA NACIONAL
PRODUÇÃO MÉDIA NO CONCURSO: 60,13 KG



Nirvana Herói Cal

(HERÓI CAL X DRACENA CAL)

CAMPEÃ NACIONAL VACA 4 ANOS DA EXPOMILK 2002.
VALOR GENÉTICO: 1.447,08 - PRODUÇÃO: 6.252 KG DE LEITE



Florada Raposo Cal

(ELATOR TE CAL X ABIA CAL)

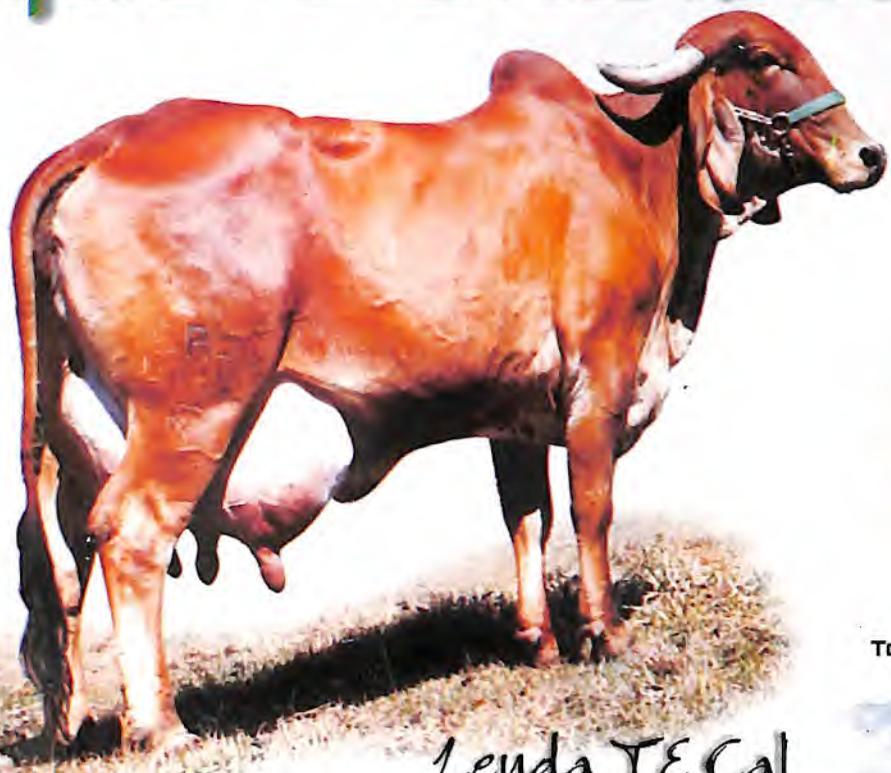
RESERVADA CAMPEÃ DO CONCURSO LEITEIRO
DA ESTADUAL PARÁ DE MINAS 2001,
COM 32,2 KG DE LEITE.



**VENDA PERMANENTE DE MATRIZES,
TOURINHOS E GESTAÇÕES POR
TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÃO SEXADAS.**

Agende agora sua visita!

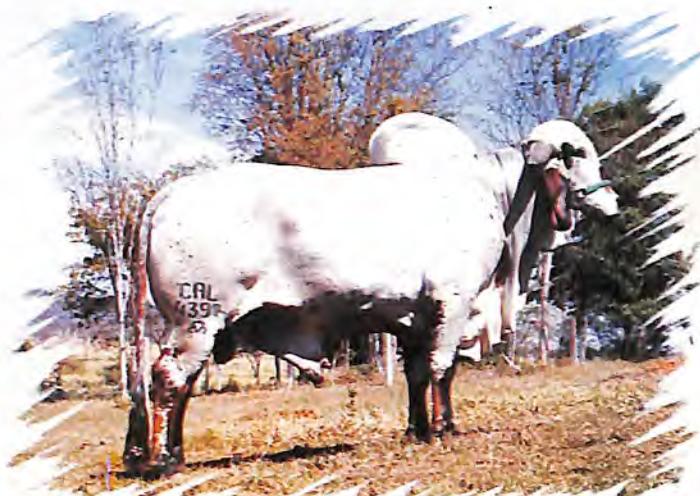
que o Brasil consagrou



Lenda T&E Cal

(G. A. EVEREST X BIRIBA)

RESERVADA CAMPEÃ DO CONCURSO LEITEIRO DA EXPOZEBU 2000, COM 30,600 KG. PRODUZIU NA PRIMEIRA GRIA 9.035 KG.



Nobre T&E Cal

(SENXÉM CAL X G. A. EVEREST)

TOURO EM TESTE DE PROGÊNIE EMBRAPA/ABCGIL.

LACTAÇÃO DA MÃE: 11.207 KG -

FOI RECORDISTA MUNDIAL DE PRODUÇÃO NO ANO DE 1995. SÊMEM A VENDA NA ALTA VR



Nagy T&E Cal

(G. A. EVEREST X SENXÉM CAL)

GRANDE CAMPEÃ VACA JOVEM EXPOZEBU 2001.
RECORDISTA NACIONAL DE TORNEIO LEITEIRO
CATEGORIA NOVILHA



Luziânia Cal

(GRANDEZA CAL X TO MAR WISTER)

CAMPEÃ VACA 5 ANOS NA EXPOSIÇÃO

NACIONAL EM UBERABA 2002.

PRODUÇÃO MÉDIA EM CONCURSO LEITEIRO: 57,19 KG



www.calciolandia.com

Caixa Postal 87 - CEP 35588-000 - Fonefax: (37) 3351-9119 - Arcos - MG

Como cuidar bem das bezerras? O primeiro e mais importante ponto a ser abordado é o fornecimento de colostro. É deste ato que depende o bom desenvolvimento do animal. A captação pela bezerra dos anticorpos da mãe, através do leite, exige alguns cuidados no manejo, como, por exemplo, o de que a primeira mamada não passe de quatro horas após o parto. Para isso, é preciso dispor de um boxe-maternidade, que deve ser local coberto e iluminado. Assim, o tratador pode induzir o recém-nascido a uma boa mamada. Na Inglaterra, trabalhei em uma fazenda que adotava a concentração de nascimentos em apenas três meses e adotava um regime criterioso no fornecimento de colostro. Como consequência, a taxa de mortalidade de bezerros era inferior a 1%.

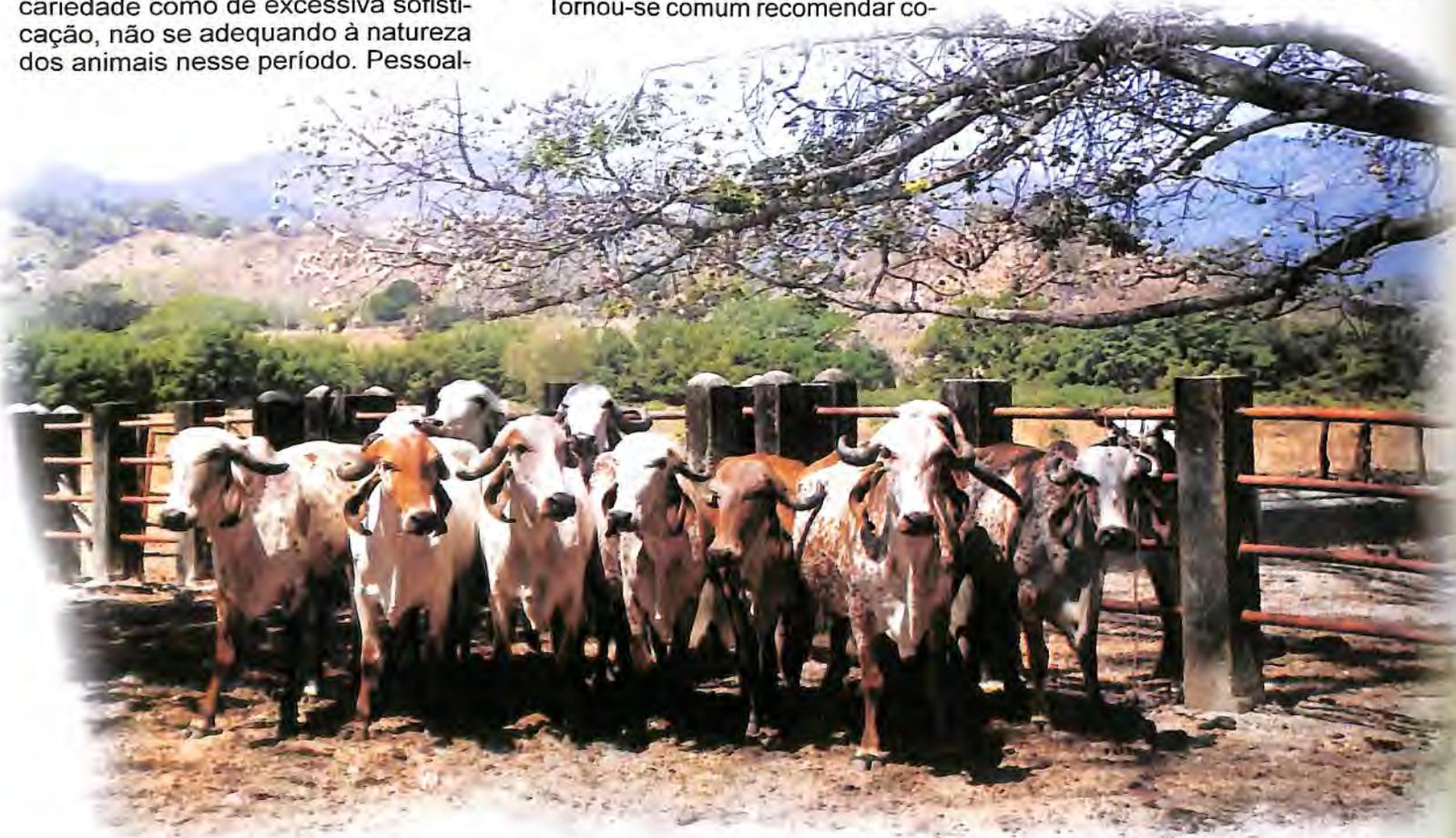
Para tanto as instalações são muito importantes. É muito comum no Brasil encontrar instalações inadequadas para bezerros, tanto em termos de precariedade como de excessiva sofisticação, não se adequando à natureza dos animais nesse período. Pessoal-

mente, não gosto muito das baias individuais, mas não posso negar que constituem uma boa opção quando é grande o número de bezerros. No verão, elas trazem uma série de inconvenientes, principalmente com relação ao desconforto do tratador. Todo e qualquer bezerro precisa ser examinado pelo menos duas vezes por dia. Quando se têm 200 abrigos, é difícil afirmar que - quando estiver chovendo - tal serviço vai ser bem feito. Já adotei tais abrigos. Foi quando deparei com surtos muito graves de diarreia, que exigiam um controle individual dos animais. Nesse aspecto, o alojamento individual é a melhor arma para defender o bezerro contra essa doença, que deve ser combatida antes de ser instalada - o que só é possível através da observação das fezes. Em condições normais, entendo que os bezerreiros coletivos, construídos de forma bem arejada e aberta, proporcionam maior facilidade para se trabalhar.

Tornou-se comum recomendar co-

mo desmama precoce o corte do fornecimento de leite ao bezerro aos 35/38 dias de idade. Considerando a média de capacitação de nossos produtores, o mais viável seria recomendar que o leite deixasse de ser fornecido aos 60 dias de idade. Melhor ainda, que se utilizasse como referência o consumo de alimentos, a partir da ingestão do que chamamos de mistura iniciadora, que é uma mistura de elementos concentrados formulada para bezerros. O consumo adequado dessa mistura permitiria o corte do leite sem qualquer inconveniente. Para isso, o bezerro até os dois meses de idade deve ser alojado individualmente, o que permite medir a ingestão da dieta por cabeça. Resumindo, o desaleitamento deve se dar quando o animal já tiver consumido uma boa quantidade de concentrado, ou seja, substituindo o leite pela mistura iniciadora.

Por outro lado, há os que preferem utilizar sucedâneos de leite. O suce-



DOBRADINHA CAMPEÃ NACIONAL



MÚSICA LINS

● Campeã Torneio Leiteiro na 13ª. Expo. Nacional Girolando Uberaba/2002.

Produção média/dia:
64,900 kg.

POLPA LINS

● Vice Campeã Torneio Leiteiro na 13ª. Expo. Nacional Girolando Uberaba/2002.

Produção média/dia:
59,720 kg



FAZENDA SANT'ANA:

- 14 campeonatos em 23 anos de torneio leiteiro em Lins/SP.
- Controle Leiteiro Oficial desde 1957.
- Produção média diária de 10.500 kg, há mais de 15 anos posicionada entre os dez maiores produtores de leite do país.
- Há 19 anos realizando venda anual de matrizes e reprodutores, o nosso "Leilão da Tradição", sempre em maio.

Não perca o 19º. Leilão da Tradição em 17/05/2003

FAZENDA
W SANT' ANA JB

Km 3 da Rodovia Lins/Sabino - Lins - SP
E-mail: waldirja@linsnet.br

Waldir Junqueira de Andrade

Fones: (14) 522 - 1764 (Faz)
(14) 522 - 1196 (Esc)
(14) 522 - 2705 (Fax)

GIR PO de A a Z



- Resultado de mais de 80 anos do Gir no Brasil.

- Animais premiados nas principais pistas do país.

- Em breve, Transferência de Embriões.



GIROLANDO com Origem

- Mantemos o olho aberto quanto à pureza milenar do Gir

- Aqui você encontra o puro Girolando

- Alta produtividade garantida pela origem




Querência **Kathiavar**

ARNALDO JOSÉ FRIZZO FILHO

Fones: (34) 3218-0841 / 3218-0800

E-mail: arnaldofrizzo@braspelco.com.br

Contato: Virgílio M. Brito (34) 9971-7660
Uberlândia (MG)



dâneo do leite existe para baratear o custo da criação. Além disso, seu consumo implica em se ter uma indústria de laticínios estável, que permita ter disponibilidade de resíduos de leite, como o soro, para serem destinados a esse fim, de uma maneira econômica. No Brasil, ainda deparamos com um cenário que apresenta leite barato, muitas vezes custando menos que um bom sucedâneo de leite. Por isso, nem sempre a opção por esse produto se mostra muito vantajosa.

A primeira garantia para se certificar de que o sucedâneo é de boa qualidade é a coagulação. Essa prova é simples de se fazer, bastando misturar o pó em água e depois adicionar algumas gotas de renina, não só no sucedâneo como também no leite recém-ordenhado. Com certeza este leite deve coagular, mas se o mesmo não ocorrer com o sucedâneo, o melhor é não fornecer o produto, pois sua formulação provavelmente está inadequada. Fornecê-la poderá significar o comprometimento da formação do bezerro, pois há suspeita que o alimento não contenha níveis recomendados de lactose, gordura, proteína, carboidratos...

É recomendável que o criador prepare na fazenda um concentrado para a desmama precoce do bezerro - isso é o que eu sempre preconizo. Trata-se da melhor garantia de se estar usando ingredientes comprovadamente bons e evitando o uso de elementos inconvenientes para essa fase, como a uréia, por exemplo. A principal limitação para o produtor estaria em peletizar o concentrado.

Cada técnico em nutrição tem a sua própria experiência sobre formulação de concentrados para bezerras - determinando o que considera a mistura ideal. A minha receita é composta de farelo de soja, que pode ser a única

fonte protéica na formulação; farelo de trigo, para dar um pouco de leveza a mistura, e milho, que tem que ser fornecido como uma quirera grossa, pois a mistura tem de ter uma granulometria mais espessa para facilitar a ingestão de alimentos. Eu ainda coloco nessa mistura 5% de leite em pó industrial desnatado, para funcionar como pala-



tabilizante, e uma adição de mineral com 1% de pedra calcária, componente importante para o intestino.

Alguns técnicos e criadores consideram difícil atingir a meta de peso adequado para parição aos 24 meses. No que se refere às novilhas, é importante que haja uma atenção especial não só para o peso dos animais como também para idade, pois esses fatores dependem do tipo de manejo adotado. Pessoalmente, adoto a referência peso como a mais indicada, fixando-a na faixa entre 320/350 kg para começar a se inseminar, o que deverá significar um peso mínimo de 500/550 kg logo após a parição. Com esses pesos, as novilhas Holandesas ou mestiças vão parir com facilidade e enfrentar em boas condições o período de lactação, que exige muito mais do que os meses de gestação.

Isso significa que a parição aos 24 meses não é referência absoluta e que o peso tem muita importância. Posso passar a inseminar fêmeas com 24 meses, o que vai retardar a produção e diminuir o número de lactações. Ao

pensar em idade, há os criadores que buscam um desenvolvimento muito rápido da fêmea, enxertando-a com 11, 12 ou 13 meses. Quando é essa a intenção, costumo recomendar que se

leve em conta pelo menos uns dois ou três cios antes de se inseminar.

Quando a novilha pára de crescer e não mais apresenta as exigências próprias do período de crescimento é preciso atenção. Esse é um ponto crucial na atividade, aliás, nesse aspecto os produtores brasileiros estão muito atrasados em relação aos europeus. Por lá, ninguém descuida do ganho de peso de uma novilha durante toda a sua evolução. Não vejo como fazer isso sem ter uma balança ou passar uma fita métrica no tórax todos os meses, pois só no "olhômetro" é impossível dizer que o desenvolvimento de uma fêmea está indo bem ou mal. Digo isso porque existem parâmetros de ganho de peso que precisam ser respeitados. Por exemplo, uma novilha não deve ganhar menos de 500 g/dia em determinada fase, enquanto em outras o ganho não deve passar de 700 g/dia, principalmente no período chamado de crescimento alométrico. O ganho de peso nesse período pode ser muito danoso para o desenvolvimento do sistema mamário. Em outras palavras, é preciso ter pa-

Você sabia...?

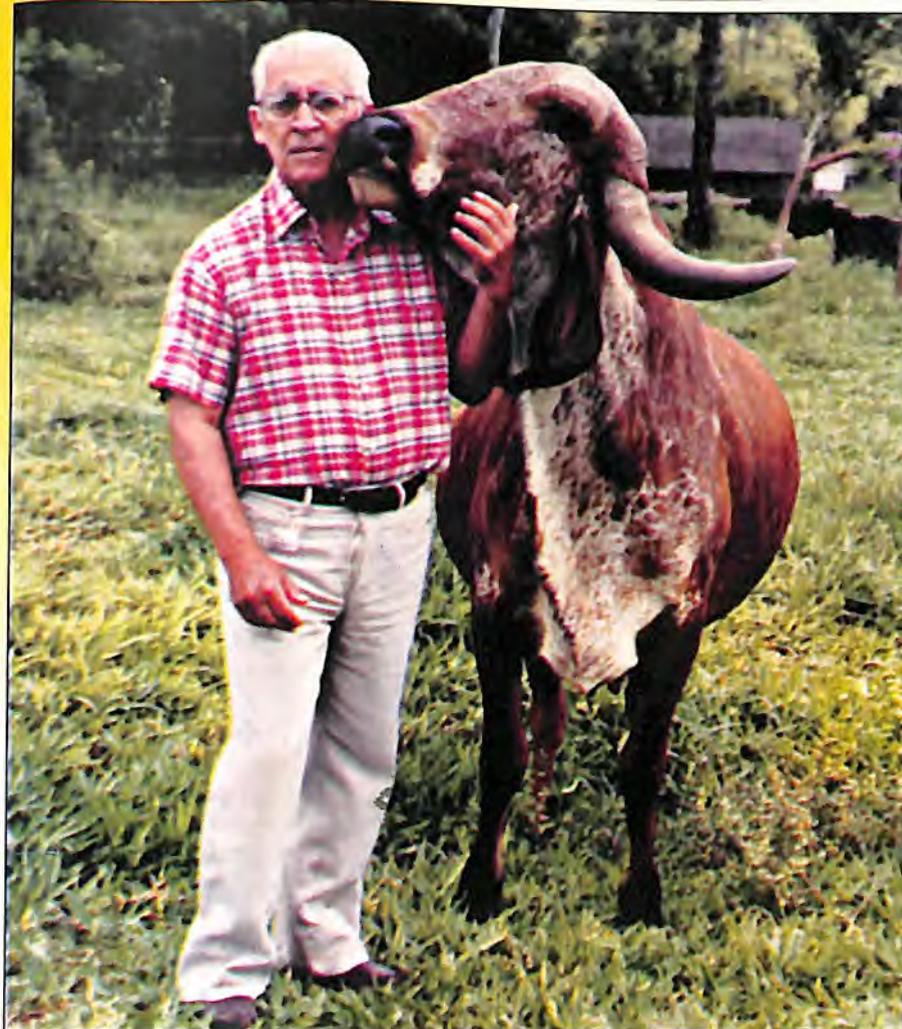
... que o Homem, de tanto ver as fêmeas amamentando os filhotes, para torná-los fortes, resolveu captar um pouco daquele leite para dar às próprias crias e assim surgiu o hábito da ordenha?

Você sabia...?

... que documentos romanos do século I de nossa era apresentam diversas receitas à base de leite, misturado com menta, cebola, orégano e coentro, para produção de uma bebida tônica?

Você sabia...?

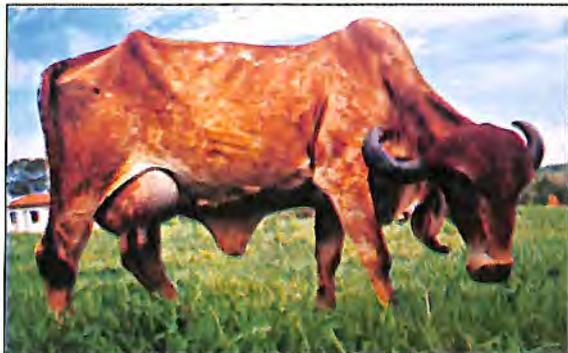
... que, no século II, o médico romano Galeno descreve com clareza um quadro de intolerância à lactose? Ele diz: "o leite não deve ser dado a todos, mas àqueles que o aceitam bem".



Rapunzel, AB 1756, 3417 Kg em 310 dias na 1ª lactação.



Circe, AB 1753, 4365 Kg em 344 dias na 2ª lactação



Paquetá, AA 8271, 3211 Kg em 362 dias na 1ª lactação



Sarah, AB 5043, 3820 Kg em 300 dias na 1ª lactação.

Fazenda

Bom Sucesso

NIR

MMS

Maria Nina Rosa Mourão de Souza
Marcello Moraes de Souza

**É Gir
com Leite
e Raça.**

Rua Jader Moura, 504 - CEP 35620-000 - Fone: (37) 3541 1315

Abaeté - MG



râmetro para saber como definir a dieta em cada período de desenvolvimento de uma novilha. Tal decisão, no entanto, vai depender do volumoso fornecido. Se for de alta qualidade, pode-se trabalhar com menor volume de concentrado; se for ruim, é preciso compensar... Daí minha preocupação de se adotar uma dieta específica até os seis meses de idade.

Quando ao uso da cana-de-açúcar, podemos dizer que ela sempre se mostrou muito interessante por sua boa disponibilidade. O nosso trabalho tem provado que quando ela é adequadamente corrigida provoca resultados bastante bons. Temos conseguido manter produções com 18 litros/dia de média, derrubando o conceito de que a cana só serve para vacas de baixa produção. Quando a cana é cortada no ponto ela promove resultados surpreendentes.

O que é uma boa mistura para a cana-de-açúcar? É aquela que supre as deficiências da cana, principalmente em proteína, amido e minerais, ao mesmo tempo que controla o fornecimento de sacarose, já que é muito rica nesse elemento. Veja bem, não quero dizer que a cana é o melhor volumoso, mas ela pode ser muito bem aproveitada. Um exemplo é o seu aproveitamento como feno, que significa uma opção das mais econômicas no gênero.

Como utilizar a cana como silagem? Esse trabalho foi realizado a partir do entusiasmo de um professor da Universidade de Ohio. No início, fiquei muito reticente, já que questionava a razão de se fazer silagem de cana na época de sua demanda, já que é colhida exatamente na época de falta de volumosos. Mas o projeto concebia

cana em uma silagem que tivesse uma formulação adequadamente corrigida, ou seja, um alimento bem melhor que a forragem cortada e fornecida no dia-a-dia. A silagem passou a apresentar proteína, uréia, amido, minerais... Com isso, passamos a observar resultados com a silagem fornecida depois de 10/15 dias de armazenada.

Não houve nenhum problema quanto à palatabilidade. Se ela não for corrigida, o seu consumo será baixo em razão de sua deficiência protéica. Mas depois de corrigida, tem-se notado uma alta aceitação. O que ainda temos dúvida é se essa boa aceitação é continuada por períodos maiores de tempo. Por exemplo: deve-se dar cana durante o ano inteiro para uma vaca? Se isso for feito, será que ela vai manter um padrão de consumo apenas com a silagem de cana? A próxima etapa do experimento é medir a palatabilidade da cana corrigida, com intervalos de tempo maiores. Vários produtores nos afirmaram que suas vacas chegam a comer 40/50 kg/dia de cana, quando em nossos experimentos que estão completando cinco meses nunca conseguimos médias de consumo superiores a 30 kg. O consumo de cana a longo prazo deverá ser mais trabalhado, e, em breve, apresentaremos resultados definitivos.

Girolando - Em resumo, o meu conceito de pecuária leiteira é baseado na exploração da vaca com o máximo de alimento volumoso, o que implica em uma produção menor, na faixa de 2.500/3.000 kg de leite por lactação. Trata-se de um sistema que se torna mais econômico, mais viável para as condições brasileiras e dentro da idéia de se ter um ruminante transformando um alimento grosseiro em um alimento nobre. Na prática, estamos limitados por nossas forragens, de clima tropical, que são de menor qualidade se comparadas com as de clima temperado. Veja bem, eu não sou contra o confinamento de vaca de leite. Os produtores que têm espaço para alta tecnologia devem adotar o sistema confinado e receber um preço diferenciado por isso. Pessoalmente, confesso que

tenho muita simpatia por confinamentos. Quando vejo vacas produzindo 6.000/7.000 kg observo que é uma tarefa trabalhosa, mas muito apaixonante. Mas sei que tal sistema não seria a melhor opção para a maioria de nossas propriedades leiteiras. Daí, há de se optar por uma dieta com volumoso.

Levando também em conta a maioria de nossos produtores, que tem como meta produzir leite a pasto, não tenho dúvida em apontar a vaca Girolanda, um animal mais rústico e que atende as expectativas de uma produção mais modesta. Cada tipo de exploração tem sua máquina ideal. É muito difícil uma vaca Holandesa, pesando entre 600 a 700 kg, locomover-se em nossas condições de pasto, sob um clima quente, nutrido-se de gramíneas tropicais... A propósito, deixe-me dizer uma coisa: desde quanto me formei, há 35 anos, ouço essa questão de se procurar uma raça que seja boa para clima tropical... Pelo modelo que anunciam, sempre entendi que seria formada por vacas que produzissem muito leite, quase sem precisar comer. Ou seja, uma raça que jamais vai existir. Os produtores precisam saber que não é pelo fato de se optar pela raça Girolanda que vão se dispensar índices zootécnicos, critérios de dieta, de manejo... Apesar de mais rústica, a vaca Girolanda também tem suas exigências que precisam ser atendidas para produzir de acordo com sua capacidade.

No aspecto sanitário, diria que houve uma evolução muito grande. Hoje, a quantidade de leite que é vendida in natura, de porta em porta, chega quase à metade da produção leiteira do país. Ao se exigir qualidade, deve-se pagar por ela, mas também não se pode deixar de dar importância ao aspecto social no consumo desse alimento. Gostaria de ver uma criança de pé no chão tomando um leite tão bom quanto os mais privilegiados financeiramente. Leite é um alimento básico e não se pode diferenciá-lo em qualidade, levando em conta o poder aquisitivo do consumidor. ■

Carlos Lucci - Atualmente responde pela cadeira de Criação e Nutrição Animal do curso de Medicina Veterinária da Unisa - Universidade de Santo Amaro - Texto extraído de entrevista à revista Balde Branco, n. 415, por Nelson Rentero.

Numa discussão com técnicos outro dia, foi levantada a inviabilidade da prática de marketing para os produtos de origem alimentícia, ou seja, dos produtos agrícolas. Teoricamente o indivíduo compraria apenas o básico para se alimentar e, então, não haveria propósito em se fazer campanhas de aumento de consumo de produtos alimentares.

Apesar de uma certa lógica na colocação deste argumento, observe-se que nem todos os alimentos são consumidos nas quantidades potenciais por parte da população. Um exemplo são os de origem láctea.

O consumidor brasileiro poderia estar consumindo quase três vezes mais, se comparado ao consumo de países como os Estados Unidos, onde há uma excelente campanha de marketing para o fomento do consumo de lácteos. Em termos de leite fluido, o Europeu consome 2,4 vezes mais que o brasileiro.

Portanto, considerando que o habitante de outros países seja da mesma espécie que o brasileiro, não é pela incapacidade ou desnecessidade que consumimos menos leite. O brasileiro médio gasta por ano cerca de R\$125,00 com cerveja, R\$75,00 com refrigerante e R\$35,00 com leite fluido segundo estimativas da Scot Consultoria, com base em informações do mercado (Fontes: IBGE, SPA/MA, SIF/MA, Secex/MDIC, Cepea/Esalq, LÁCTEA BRASIL, Terra Viva, Leite Brasil, Conil, Ablv, Abiq, Abild, Abrini, Nielsen).

Em volume, o consumo "per capita" de leite fluido no Brasil perde inclusive para a cerveja. O consumo de refrigerantes é quase o dobro do leite. Também não é a falta de dinheiro da popu-

lação que faz com que o consumo de leite no Brasil seja comparativamente inferior aos de outros países. O baixo consumo se deve a motivos culturais. Consome-se mais cerveja e refrigerante porque a população percebe mais valores nesses produtos do que no leite, ou seja, está disposta a pagar mais por eles.

Marketing, basicamente, consiste em criar valor, ou seja, possibilitar que o consumidor seja atraído pelo produto e se disponibilize a gastar com ele.

A percepção de valores não ocorre pela fatalidade e ocasionalidade, mas sim pelo investimento em qualidade, apresentação, praticidade, acessibilidade e propaganda.

Observe que o aumento da participação de alguns produtos nos hábitos de consumo do brasileiro foram precedidos de longos investimentos em inovação, direcionamento de público e propaganda.

Aspectos Culturais

As constantes mudanças que ocorrem em velocidades cada vez maiores, sempre assunto de qualquer artigo ou palestra de mercado, trazem dúvida sobre o que esperar do mercado. E de fato, como vai ser o mercado dos próximos anos? Como investir e ser competitivo neste ambiente maluco e em constante mudança? As respostas a essas perguntas somente um "guru" poderia saber. E existe um "guru" que prevê como será o mercado? Sim, exis-

te e está na faixa etária abaixo dos 16 anos.

Quer conhecer os hábitos alimentares das famílias do ano 2030, observe o que gosta de consumir um adolescente de hoje. Ele nos mostrará o que gosta de consumir, de que forma, a maneira adequada de negociação e vendas, para saber os produtos que podem ser criados e colocados no mercado para atender o que o consumidor almeja.

Há empresas que até hoje não acreditam nas vendas pela "Internet" pois o brasileiro não tem coragem de colocar o número do cartões-de-crédito na rede. Confesso que reluto a passar meu número de cartão para sites de vendas. Porém, pergunte a um garoto de 16 anos, com acesso a computadores, se ele tem ou não coragem de colocar o cartão na rede mundial de computadores. É só o tempo desta "turminha" ter um cartão de crédito, o próprio dinheiro e veremos o salto que ocorrerá nas negociações virtuais.

No caso do consumo e hábitos alimentares, o raciocínio é o similar. Porém, observando os jovens, futuros consumidores, percebe-se um futuro sombrio no que diz respeito ao leite. Verificamos o aumento do consumo de refrigerantes, isotônicos e sucos em detrimento do leite e café, lembrando o velho companheiro do leite no agronegócio.



Frente a esta observação, fica evidente a necessidade de se criarem ações para o mercado e reverter a tendência planejada e construída por outros setores, mais ágeis do ponto de vista de mercado.

na dirigida para os jovens consumidores de cerveja. Com o tempo, a Skol abocanhou uma fatia do mercado, chegando a ser hoje citada como uma das 25 marcas de produtos que não podem faltar nas prateleiras dos supermercados, segundo pesquisa divulgada pela Revista Supermercado Moderno. Junto dela estão marcas como Bombril, Omo e Nescau.

Definição de Marketing

Marketing seria o estudo de mercado e desenvolvimento de ações para atendê-lo. Essas ações envolvem principalmente a criação do produto, apre-

sentação, preço, fracionamento de público alvo e propaganda. Não existe mercado de mão beijada, como acontecia antigamente numa sociedade totalmente diferente da atual e mais diferente ainda da dos próximos 20 anos. Mercado é algo que se cria através de ações e para consolidar este mercado

no futuro, o meio mais eficaz é seduzir os consumidores mais jovens.

Não há necessidade de que se espere uma campanha de marketing global. Cada empresa pode iniciar este investimento dentro da comunidade onde atua. Essas campanhas são de custo mais baixo e, a longo prazo, promovem resultados extremamente satisfatórios com a mudança da cultura de consumo obtida. Há um modelo já pronto e preparado institucionalmente para este tipo de campanha. Portanto mãos a obra e vamos atrás do "Guru", o jovem consumidor e futuro do mercado.

Vamos falar do consumo de leite e vamos elogiar nossas vacas leiteiras.

Maurício Palma Nogueira - é diretor da Scot Consultoria, Editor-chefe do informativo de mercado "A Nata do Leite" e Coordenador da divisão de Gestão Empresarial da Scot Consultoria, 22/Junho/2002.

Propaganda: a alma do negócio

Preferencialmente, produtos e campanhas destinadas a expandir um mercado devem ser direcionadas ao público jovem, que adotará o hábito de consumir aquele produto, através de motivação ensejada pela campanha. Com o tempo, a população envelhecendo, a campanha vai evoluindo para alcançar outras faixas etárias, abocanhando e mantendo maiores fatias do mercado. Evidente que as campanhas não devam atender apenas as crianças, porém o foco principal objetivando o investimento no crescimento de mercado deve ser elas. É um consumidor garantido para o futuro, desde que o produto continue mantendo-se atraente.

Minha geração, quando começou a se iniciar no consumo de cerveja, preferia a Skol, um produto com campa-

Outra marca que aparece como sendo fundamental estar presente nas prateleiras de qualquer estabelecimento é a Coca Cola. Vejam que a campanha deste refrigerante acompanhou o amadurecimento etário dos seus consumidores. Até o "slogan" da marca passou de "Coca Cola é isso aí!" para "Sempre Coca Cola". O primeiro passava a impressão de uma mensagem juvenil, enquanto o segundo sugere que o amadurecimento não impede o consumo do refrigerante. Durante a copa do mundo aparece "Juntos na paixão pelo futebol". Aliás, verdade seja dita, a propaganda da Coca Cola durante a copa do mundo é melhor que quase todos os programas da emissora que transmite a copa.

Embora hajam outras justificativas para a forma das campanhas de marketing dessas empresas, é evidente o objetivo de fixar um mercado, um público fiel, através de ações planejadas.

Você sabia...?

... que foram os mosteiros que aprimoraram as técnicas de criação de gado leiteiro e que estimularam a manufatura de queijos? Remontam dessa época os queijos livarot e o maroilles.

Você sabia...?

... que os romanos antigos recomendavam o leite humano para rejuvenescimento, e, para inflamações de garganta, gargarejos com leite quente, malva e sal.

Você sabia...?

... que, entre gregos e romanos, praticamente no início da era cristã, cabras e ovelhas continuavam a ser fonte de leite, enquanto os bovinos eram utilizados como tração animal?

Gir com leite, raça, rusticidade e docilidade

NO BRASIL COM ALMA INDIANA

80 anos de seleção e tradição

RESTINGA V - 2581

“A mais produtiva e fértil vaca Gir de todos os tempos”

- Recordista de Controle Leiteiro Oficial ABCZ - EMBRAPA/1992 - 5.804 kg de leite

- Grande Campeã (Leiteira e melhor Úbere) VI Exposição Nacional da Raça GIR Uberaba / 1991

- Campeã Torneio Leiteiro Estadual EMATER-MG / 1991

- Recordista da Raça GIR em produção de embriões, mais de 100 embriões em 20 coletas consecutivas

- Valor Genético - 803.96



A Fazenda São Bento está localizada a 99 km de Belo Horizonte. Mantém um plantel de aproximadamente 300 reses Gir P.O. Registradas e Controladas em controle leiteiro oficial (ABCZ / Embrapa / Emater), produz o **Leite Ecológico** à pasto com pouca utilização de suplementos e sem uso de medicamentos. Participa dos testes de Progenie das associações da raça (ABCIL / EMBRAPA) (ASSOGIR / EMBRAPA - ABCZ) e em andamento Moet.

Vem desenvolvendo com sucesso o trabalho de transferência de embriões, desde o início da década de 90, nas matrizes de maior Valor Genético e usando sempre Touros Provados ou com Aptidão Leiteira.

Tem exportado animais, sêmen, embriões para América Latina, Ásia, inclusive Índia onde filhos de touros da Fazenda São Bento estão em Centrais de Inseminação.

A Fazenda São Bento vem conquistando campeonatos raciais e leiteiros nas exposições nacionais, estaduais e regionais.

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS, MATRIZES, SÊMEN E EMBRIÕES



JOÃO FELICIANO RIBEIRO - ONOFRE EUSTÁQUIO RIBEIRO

FAZENDA SÃO BENTO - PARAPEBA - MG

CEP.: 35.774-000 - CAIXA POSTAL: 03 TELEFAX: (0xx31) 3771 0049 / 9986 2949

e-mail: onofreer@uai.com.br / www.joaofeliciano.com.br

Progênie de RESTINGA V-2581

MANCHESTER-TE JFR-1607 (Benfeitor x Restinga)

Seu pai, BENFEITOR (Touro Provado), obteve a melhor classificação no "Ranking Teste Progênie Gir Leiteiro" da EMBRAPA / ABCGIL. PTA: 347,66

Várias irmãs maternas e paternas com produção superior a 6000 Kg de leite.
Grande Campeão da raça GIR na 42ª Estadual e na 1ª ExpoMinas Leite /2000 - Belo Horizonte/MG
Campeão Sênior na 2ª ExpoMinas Leite 2001 - Pará de Minas /MG
Grande Campeão da raça GIR na Expo 2000 e 2001 - Sete Lagoas

Foto: Marcelo Cardillo

TOUROS QUE PARTICIPAM DO TESTE PROGÊNIE ABCGIL/EMBRAPA

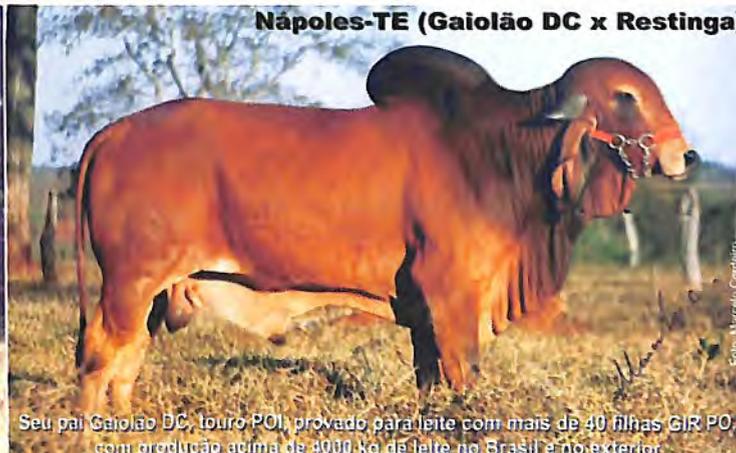
Elmógenes-TE (Galileu x Restinga)



Seu Pai, Galileu, é filho de (Comendador x Régia) e Neto de Navalha.

Várias Irmãs maternas e paternas com produção superior a 5000 Kg de leite.
Campeão Sênior na Expo Estadual e 2ª Minas Leite - Belo Horizonte/2002
Campeão Touro Jovem na Expo Sete Lagoas/2001

Nápoles-TE (Gaiolão DC x Restinga)



Seu pai Gaiolão DC, touro POI, provado para leite com mais de 40 filhas GIR PO, com produção acima de 4000 kg de leite no Brasil e no exterior

Foto: Marcelo Cardillo

Doadoras de Embriões

Ministra-TE (Benfeitor x Restinga)

8163 kg - 305 dias 1ª lactação / Valor Genético 1401,1



Dália (Araxá x Restinga)

4717 kg - 360 dias / Valor Genético: 393,8



Progênie de Régia V-2264

Régia JFR foi Recordista de Controle Leiteiro Oficial ABCZ / EMBRAPA e Campeã em vários torneios leiteiros, com produção superior a 7000 kg de leite. Valor Genético: 636.53



Doadora de Embrões

Régia (Mocambo x Malícia)

Touros em teste de Progênie

INDIANO - TE RG JFR B-5106

(GAIOLÃO DC X RÉGIA)

Participa do Teste Progênie ASSOGIR / EMBRAPA / ABCZ



Seu Pai, Gaiolão DC-POI (Touro Indiano), importação Celso Garcia Cid. Gaiolão DC possui mais de 40 filhas com produção superior a 4000 Kg de Leite no Brasil e Exterior, tendo exportado sêmen para diversos países da América Latina e Ásia, inclusive a terra mãe do GIR: a Índia, com alguns filhos em Centrais de Inseminação. As irmãs de Gaiolão são recordistas de Leite na Índia.

- Indiano: peso aos 72 meses 948 kg. • **Campeão Senior** da raça GIR na Primeira ExpoMinas Leite 2000 BH/MG. • **Grande Campeão** da raça GIR na Expo 2000 e 2001 de 7 Lagoas/MG. • **Campeão Sênior** da raça GIR na Segunda ExpoMinas Leite 2001 Pará de Minas MG. • **Campeão Senior** da Terceira Exposição do GIR Leiteiro Brasília-DF 2001 • **Grande Campeão** ExpoOliveira, MG 2001.



Jacarandá-TE (Bahadursinghji x Régia) Peso aos 70 meses: 910 kg

Participa do Teste Progênie ASSOGIR / EMBRAPA / ABCZ

Seu Pai Bahadursinghji, touro POI, importação: Celso Garcia Cid descende das melhores linhagens leiteiras da Índia.



Master-TE (Benfeitor x Régia)

Participa do Teste Progênie ABCGIL / EMBRAPA

Seu Pai Benfeitor da Cal: 1º Lugar do Ranking do Teste Progênie ABCGIL / EMBRAPA - PTA: 347,66



Aos 87 anos, João Feliciano, com seu gado Gir, com leite, raça, rusticidade e docilidade

Doadoras de Embriões



Orgia (Justo x Amazonas)
Considerada símbolo da raça pelos índianos.
4281 kg de leite



Restinga (Justo x Jangada)
Produzindo embriões aos 20 anos de idade.
Valor Genético: 803.96
5803 kg de leite



Taça (Mocambo x Música)
Valor Genético: 480.3
5838 kg de leite



Guanabara (Araxá x Vila Rica)
4230 kg de leite



Bastilha (Gaiolão DC x Luxosa)
4300 kg de leite / Valor Genético: 307.9



Esmeralda (Gaiolão DC x Joelma)
Valor Genético: 421.92 - 6507 kg de leite



Navalha - Com produção superior a 5000 kg de leite sendo ordenhada pelo líder espiritual de Gondal (Índia)

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS, MATRIZES, SÊMEN E EMBRIÕES



JOÃO FELICIANO RIBEIRO - ONOFRE EUSTÁQUIO RIBEIRO
FAZENDA SÃO BENTO - PARAÓPEBA - MG

CEP: 35.774-000 - CAIXA POSTAL: 03 TELEFAX: (0xx31) 3771 0049 / 9986 2949

e-mail: onofreer@uai.com.br | www.joaofeliciano.com.br

A pecuária dá ao país o exemplo de uma lei que "pegou" antes mesmo de ser oficializada: a das práticas do Programa Nacional de Melhoria de Qualidade do Leite, que obriga o resfriamento do leite ainda na fazenda desde meados de 2002. Nesse esforço no sentido da profissionalização, a inseminação artificial tem uma importante contribuição a oferecer. Ela agrega produtividade nas ordenhas via ge-

de elite que capitaneia a atividade. Os outros 10 milhões são animais mestiços, que fornecem leite apenas para subsistência das pessoas que moram no campo. Nesse grupo grande parcela nunca vai ter acesso à técnica.

Afastadas as razões conjunturais, como os desestimulantes preços baixos pagos ao produtor nos últimos anos, revezados com alguns momentos de remuneração mais adequada,

e Embrapa Gado de Leite. Em 1999, 133.952 produtores que entregaram leite às 12 principais indústrias totalizaram 5,3 bilhões de litros, resultando na média diária de 108 litros para cada propriedade. No ano passado, 114.450 pecuaristas forneceram quase 5,7 bilhões de litros. A média avançou para 135 litros/dia, 25% mais para cada fazenda.

Os grandes laticínios de marca nacional já fizeram a lição de casa, com alguns deles com a coleta toda granelizada um ano antes do que a lei vai prever.

A profissionalização da atividade de sem dúvida se reflete nas taxas da inseminação artificial nos rebanhos leiteiros. Nos Estados Unidos, que passou há décadas pela transição que o Brasil vivencia atualmente, são insemi-

nadas 80% das fêmeas. No Brasil, esse índice é estimado em 9%. Não é preciso ir tão longe para verificar o quanto se pode progredir. Há muito trabalho para chegar perto da vizinhança, os países do Cone Sul.

Argentina, Uruguai e Chile contam com rebanhos de gado de leite mais apurado e de exploração mais intensiva, tecnicada e mecanizada. Nesses países o índice de inseminação fica entre 35% e 40%. Atuantes na exportação, tiveram de adequar seus padrões de qualidade a normas internacionais.

Neste cenário de intensificação da produção, onde nossos pecuaristas estão sendo pressionados a reduzir seus custos e tornar seus empreendimentos mais eficientes e produtivos, a inseminação artificial é e continuará sendo uma ferramenta indispensável.

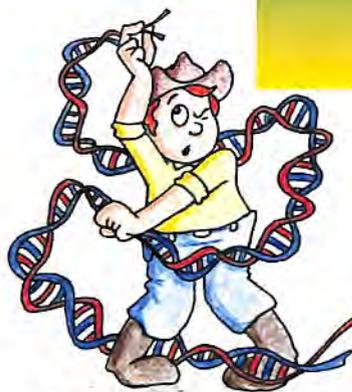
nética superior, com a utilização de touros capazes de transmitir à descendência a capacidade de produzir mais leite. O biênio de 2001/2002 deve se caracterizar por uma ainda tímida, mas ascendente, curva para as vendas de sêmen de gado leiteiro. Essa tendência, ao que tudo indica, deve permanecer.

A Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) comprova o espaço aberto para o país avançar na intensificação da produção leiteira. Segundo o IBGE, há 17 milhões de vacas aproveitadas para produção de leite, que totalizam pouco mais de 20 bilhões de litros anuais, o que perfaz a média de 3,8 litros diários por animal. Esse número deve ser segmentado para compreender a atividade leiteira no país. A produção comercial vem de 2 milhões de vacas. Nessa parcela, o uso de inseminação artificial é elevado, chegando a 80% nos rebanhos mais profissionais. Há 5 milhões de fêmeas em propriedades que, com alguns ajustes, podem chegar ao grupo

os 2,3 milhões de doses de sêmen de touros de raças leiteiras vendidos anualmente vão ser definitivamente superados apenas quando mão-de-obra e infra-estrutura deixarem de ser gargalos. A inseminação artificial não anda sozinha. As matrizes precisam de alimento para entrar em cio. Técnicas como divisão de pastos e recursos como o sal mineral não podem ser desprezados. A sanidade é prioridade. Vaca doente não produz. São necessários profissionais treinados e constantemente reciclados para o manuseio da técnica em si. Enfim, uma série de fatores ainda emperram o desenvolvimento de nossa pecuária leiteira.

Os números do setor indicam que a maior produtividade é uma tendência irreversível. O mais recente ranking dos maiores laticínios do país mostra que, entra ano sai ano, um número cada vez menor de propriedades produz mais. Uma curva que só se acentua desde que essa pesquisa começou há cinco anos, empreendida pela Leite Brasil, Confederação Nacional da Agricultura





A raça Gir teve gestos ousados na década de 1920, quando desenvolveu o Indubrasil; depois na de 1930 quando exigiu um retorno às "raças puras"; depois na de 1940, quando exigiu testes de carcaça e melhor remuneração; depois na de 1960, quando deu início à seleção leiteira metódica; depois na de 1980 quando iniciou um Teste de Progênie para leite; e na de 1990 quando começou a exigir a Genética e a Biotecnologia (DNA) para todas as raças zebuínas...

Os meses de agosto e setembro foram marcados por muitas discussões sobre a pureza racial do Gir por meio de exames de DNA. Será que o DNA vale a pena? Será que é possível implantar exames de DNA a nível do rebanho nacional, ou mesmo a nível de grandes rebanhos particulares? Será válido para gado de elite, mas não para o rebanho geral? Será que será exigível apenas para animais que vão para Centrais de Sêmen ou para as Provas Zootécnicas? São muitas as perguntas no ar, deixando claro que há uma grande confusão no cenário, principalmente entre o que seja DNA mitocondrial e a análise genômica.

O segundo exame de DNA - Na verdade, o Brasil ainda está um pouco longe de um exame global de pureza genética por meio do DNA. Já pode ser realizado, com relativa facilidade, o pri-

meiro tipo de exame de DNA, destinado a verificar a paternidade e até o segundo, buscando a ingerência de algum ancestral de sangue exógeno, ou seja, de sangue europeu. Este segundo é possível e já tem sido praticado algumas vezes. Trata-se do DNA mitocondrial, que é passado pela mãe a seus filhos e filhas, mas que é transmitido apenas pelas fêmeas. As mitocôndrias trocam elétrons e ajudam a célula a produzir energia, servindo como impulsionadoras da evolução. Tudo isso é muito recente, pois os estudos começaram com Dan Bradley, um irlandês, em 1994. No Brasil, as pesquisas começaram em 1997, na USP/Pirassununga.

Na Argentina, o DNA mitocondrial ajudou a identificar as crianças que haviam sido separadas de suas famílias após a morte dos pais durante a

ditadura militar. O DNA mitocondrial também foi utilizado na identificação de corpos carbonizados no ataque terrorista do World Trade Center, em Nova York (*Borem & Santos*). No futuro, a Carteira de Identidade trará a fotografia, o perfil de DNA, a retina, e a arcada dentária - muito simples e intransferível.

Na prática pecuária, as análises brasileiras já resultaram em sonoro tropeção. O que aconteceu? Afoitamente, a raça Nelore testou algumas linhagens famosas e acabou engavetando os resultados, pois a maioria delas apresentava ancestral europeu! Por que será? Ora, porque a seleção de Zebu, no Brasil, é uma evolução histórica e, como toda sequência paulatina desleixada, foi absorvendo os gados que estavam à beira do caminho. Afinal, nenhum pecuarista gosta de perder material genético! Por isso, hoje, geneticamen-



Gir puro para o Brasil.

Fazenda

Nova Estiva

Buritizal - SP

Bráulio Queiroz Pinheiro

(3)



Conde JF

Gaiolão DC-6852

x

Gameleira - S 4209

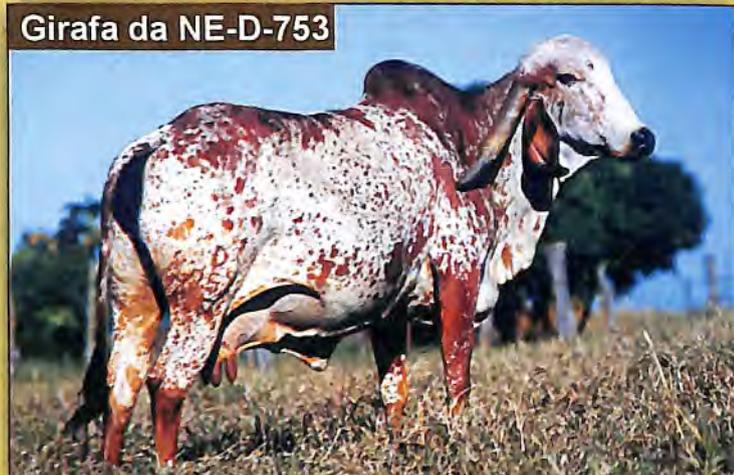
Barilha da NE-834



2.615 kg de leite / 298 dias (média de 8 lactações)

Bambolê 2F - A 4891 x Nova Estiva da NE - C-7800
2.245 kg de leite / 298 dias
(média 7 lactações)

Girafa da NE-D-753

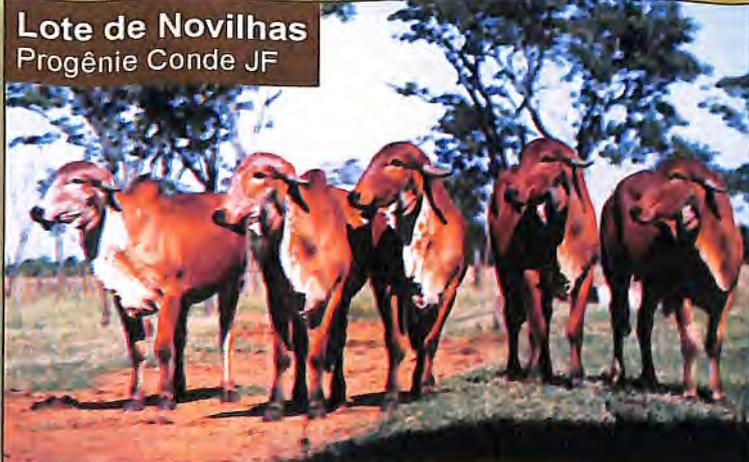


3.016 kg de leite / 305 dias (média 6 lactações)

Felino 3R - A 4782 x Agulha da NE - C -7743
2.615 kg de leite / 295 dias
(média 10 lactações)

Lote de Novilhas

Progênie Conde JF



**Aguardamos sua visita para acompanhar
as ordenhas e comprovar o potencial
e docilidade dos nossos animais**

(3) Aqui o Gir é Leiteiro

- Produção de leite à pasto
- Controle Leiteiro Oficial ABCZ/Embrapa Gado de Leite desde 1988.
- Opção ideal como raça pura ou cruzamento

te, muito Nelore (ou qualquer raça zebuína) pode até ser campeão nas pistas mas, na realidade, também pode ser quase um "tatu com cobra", ou seja, uma mistura de genes impuros.

Quando essa mixórdia genética passou pelo crivo dos exames feitos pela FZEA, iniciados em 1997, deu no que deu, assustando muita gente: Eis a conclusão do exame mitocondrial. "no gado Nelore PO foi verificado que 80% dos animais têm algum ancestral taurino e o que surpreendeu foi que o percentual de 25% dos Nelore POI também tinham". Essa foi uma conclusão realmente assustadora para os leigos. Os criadores veteranos - é claro! - já sabiam disso, como sempre souberam! Afinal, zebuzeiro é "doutor" em matéria de produzir gado.

Estes exames avaliaram 1.000 animais rigorosamente escolhidos por suas linhagens - é muita coisa! - uma vez que todo teste de DNA é voltado para um único indivíduo. No caso do Nelore, foram utilizados 1.000 animais e o resultado deu no que deu!

Por que até o gado POI (Puro de Origem Importado) analisado apresentou influência européia? Ora, com certeza porque foi adulterado no Brasil, ou porque já estava corrompido no país de origem (Índia). Mas "puro de origem indiana, no Brasil"? Sim, pois é muito fácil transportar sêmen da Europa para a Índia e os POIs estão sempre chegando. Todos os compradores de sêmen clandestino da Índia compram um botijão lotado de sêmen de Holandês, na Alemanha. Depois, basta levá-lo para a Índia, trocar o sêmen de Holandês por sêmen de Nelore, e viajar para o Brasil, com a Nota Fiscal alemã. Simples! Sêmen indiano não entra no Brasil, mas sêmen alemão entra! Eureka! Nada como o "jeitinho brasileiro".

Assim é bom diferenciar "pureza racial" e pureza genética. A pureza racial é definida pelo próprio Homem e pode ser conseguida em três ou quatro gerações; é o que foi feito para a maioria das raças modernas, como Angus, Hereford, etc. Já a pureza genética tem a

origem nos primórdios da espécie (milênios), tendo como principal exemplo as raças zebuínas lá na Índia... mas não aqui no Brasil. A pureza racial procura as belas formas, procura atender o gosto do mercado; já a pureza genética é o que é, ditado pela natureza para conviver com certas condições ecológicas. Por isso, o animal puro, geneticamente, pode não ser tão lindo, mas



Mestiças de Gir com Simental

irá ficar vivo depois de uma grande seca, enquanto o animal "puro, zootecnicamente", não poderá competir com o "puro, geneticamente" nem uns dias a mais de sol no lombo!

No início da pecuária moderna brasileira (de 1870 a 1930) todas as raças eram denominadas simplesmente "Zebu" e, então, todas eram inter cruzadas entre si. Para complicar ainda mais, nas regiões interioranas, também os animais 3/4 ou 7/8 de europeu (tauríndicos) eram tidos como Zebu, pois apresentavam giba ou orelhas compridas e produziam mais carne ou leite. Assim, o sangue nacional como Caracu, Franqueiro, Junqueiro, etc, além das raças tipicamente européias como Pardo-Suíça, Simental, Holandesa, etc. foram introduzidas nas vacas azebuadas que, depois, tornaram-se "puras Zebu", no correr dos tempos. Até 1930, bastava o animal ter orelha longa para ser enquadrado como "Zebu"! Coisa de antigamente? Nada disso: mesmo hoje, uma vaca Gir continua sendo estampada em publicidades, apesar de sua pelagem nitidamente originária da raça Normando!

Em suma, os poucos exames de

DNA realizados até agora mostram o óbvio: que a atual documentação de genealogia tem apenas um valor relativo, a qual irá ficando cada vez mais relativo...

O documento chamado DNA - Se a atual documentação genealógica permite falhas, como a camuflagem de sangue europeu, então nada melhor do que mudar, radicalmente, o sistema.

Como seria um novo sistema? Por exemplo: no futuro, ao invés de enviar um técnico para a fazenda, bastará recolher o sangue ou um pedaço de pele, ou um pêlo do rabo (etc.) e receber um exame de DNA emitido por um ou vários laboratórios conveniados. E ponto final! Acabaria toda a burocracia de Blocos de Cobertura, Blocos de Nascimento, RGN, etc. Só haveria mesmo o RG (Registro Genealógico) que seria realizado mediante exame de DNA e mais uma vistoria técnica para conferir se o animal - embora puríssimo - não fosse um aleijão! Tudo muito fácil e sem chances de erro. Ou melhor, chances de erro sempre haverá, pois o ser humano sempre será mais esperto do que qualquer burocracia, principalmente se os burladores ganharem prêmios nas pistas de exposições. (O único problema é se a emissão dos documentos transformar-se num "feudo", neste país

Você sabia...?

... que o leite era muito utilizado em festas religiosas, ou então como medicamento ou mesmo em finalidades domésticas?

Você sabia...?

... que a rainha egípcia Cleópatra, por volta de 40 d.C. banhava-se diariamente com leite de vaca ou de cabra?

Você sabia...?

... que os etruscos já ralavam o queijo por volta de 500 a.C.? É o que se observa nos relevos da tumba de Cerveteri.

de "feudos". Aí a camuflagem irá continuar, pois o documento-papel poderá estar contrariando o que foi detectado no exame de DNA! Afinal, De Gaulle afirmava que a seriedade era um problema sério no Brasil).

Tem-se falado muito no documento-DNA como possível detector da condição do animal para produção de mais leite ou de mais carne. Isso já é um fato científico laboratorial, pois o DNA apresenta campos que determinam a especialização do indivíduo. A mitocôndria está ligada a tudo que significa energia no organismo e pode indicar características como o crescimento, a precocidade, a longevidade, produção de sólidos e volume no leite, etc. Basta, então, selecionar uma bezerra leiteira (ou embrião) por meio de um exa-

me de DNA e o fazendeiro estará levando para casa um provado enchedor-de-balde. Ou poderá escolher um bezerro (ou embrião) com formidável musculatura e uma espetacular área de olho-de-lombo e estará levando para casa um animal precoce e pesado para o abate. Isso tudo está deixando de ser futuro para se tornar um lucrativo presente. Esta etapa, no entanto, ainda está meio longínqua...

Quando isso acontecer, o documento de identidade do animal será o exame de DNA, e mais nada! Assim como a saúde de um doente, hoje, é certificada por qualquer laboratório de exames clínicos! O pecuarista não comprará documento-papel, nem se preocupará com vistorias e consultorias; ele apenas comprará uma mercadoria com descrição clara, e pronto! Se a mercadoria não corresponder, o assunto irá terminar num Procon do futuro!

Já na pecuária de elite existirão, no entanto, e sempre - as Provas Zoo-

técnicas, pois o documento-DNA garante a aptidão mas não o resultado final. Ou seja, o DNA garante o surgimento do animal, mas ele continuará podendo ser influenciado pela alimentação, pelo manejo, pela sanidade, etc. Trata-se, portanto, apenas de uma ferramenta a mais na seleção bovina. Sem dúvida, a mais importante ferramenta surgida até hoje.

Assim, o DNA não tem nada de assustador, mas irá provocar uma enorme revolução na burocracia do registro genealógico. O DNA permitirá transparência e todos poderão comprar, de fato, um animal puro-sangue, de verdade. Até que enfim! E o Brasil será o pioneiro nessa maratona pois é o único que ainda cultiva o culto à raça pura, geneticamente falando...



Quem tem medo do DNA...? O GRANDE TROPEÇÃO

A raça Gir preconiza a introdução do exame de DNA, mas será que isto está de acordo com a Ciência? Será que as outras raças zebuínas, na hora de colocar a lei em prática, vão mesmo querer o advento do DNA?

O seguinte trecho foi extraído na íntegra de "O Gir e seus cruzamentos" (pág. 15), publicação coordenada por um diretor da ABCZ: "Seguindo os procedimentos formais exigidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, para promover alterações no Serviço de Registro Genealógico das Raças Zebuínas, a ABCZ homologou, no dia 6 de setembro de 2002, no Departamento de Fiscalização e Produção Animal do MAPA, as novas resoluções previamente aprovadas pelo Conselho Deliberativo Técnico das Raças Zebuínas, em reunião realizada na sede da ABCZ, em 17 de julho de 2002, onde estavam presentes comissões das raças Nelore, Gir, Gir Mocha, Guzerá, Indubrasil, Tabapuã, Sindi e Kangayam". Ou seja, todas as raças aprovaram o documento - o que é muito estranho! Elas colocaram pólvora no fogão, talvez sem saber...

O texto continua, apresentando as



O teste de DNA preservaria os detalhes milenares do Gir.

principais alterações, dentre outras:

1) a partir de janeiro de 2003, todos os touros utilizados em MONTA NATURAL, seja a campo ou monta controlada, deverão ter tipagem sanguínea ou exame de DNA, obrigatoriamente. Cópia do resultado deverá acompanhar as comunicações de cobertura referen-

tes a esses reprodutores e serão arquivadas pelo SRGRZ para eventuais utilizações.

2) Todos os produtos nascidos através de Inseminação Artificial, a partir de janeiro de 2004, poderão, a critério do SRGRZ, ser submetidos à confirmação de paternidade e maternidade



GIR & GIROLANDO com RAÇA

**Mérito Pecuário
AMCGIR/1989
e ASSOGIR/1990**

**Seleção de Gado GIR
desde 1950**

**Base Genética:
R + KRISHNA + NORTE**

**Todo o rebanho GIR
é de aptidão leiteira**



**Plantel sob o Controle
de Desenvolvimento Ponderal**

**Seleção de GIROLANDO
de alto nível**

Inseminação Artificial

Computação própria

Produção comprovada no balde



e LEITE no VALE do RIO DOCE



FAZENDA **VITRINE**

Rod. BR 116 - km 544
GOVERNADOR VALADARES - MG

SAUL VILELA

Rua Barão do Rio Branco, n.º 149 - apto 502
Governador Valadares - MG
Fones: (33) 3271 - 5728
9989 - 0011



por tipagem sanguínea ou exame de DNA, em amostragem aleatória de até 10% dos produtos nascidos por rebanho, raça e criador”.

Ora, bastam essas duas medidas para provocar um terremoto no cenário do Zebu. Constitui uma mudança radical no atual registro genealógico...

É claro que a exigência de DNA poderá tirar do cenário cerca de 70-80% dos zebuínos atualmente registrados, pois eles contêm sangue estranho na origem, como ficou comprovado em análise com animais de elite. Se a elite está conspurcada, imagine o resto! Estes animais não poderão continuar sendo utilizados, pois transmitirão - sempre - o gene europeu. Terá que ser dado um prazo para que tais animais sejam extintos. Por exemplo: 15 anos. Serão 15 anos para sepultar tudo que se fez em 130 anos! Tarefa engraçada e hercúlea, ao mesmo tempo, para quem tem enorme apreço às tradições. Imagine os grandes genearcas da raça Nelore indo para o escanteio, com as famosas matrizes de mi-lhões, com os embriões e tudo o mais! Não apenas para o escanteio (de onde poderiam ser utilizados, na surdina) mas sim para o açougue!

Por enquanto, o exame é de simples DNA de paternidade, mas então continuaria a dúvida se haveria impureza genética, ou não. Só o DNA mitocondrial poderá dizer se há, ou não, sangue europeu no gado. Assim, numa primeira etapa, pode até ser aprovado um exame simples de DNA - só para conferir paternidade - mas, num segundo estágio, terá que ser feito o DNA mitocondrial, para garantir que se está selecionando Zebu e não “tatu com cobra”. Afinal, qual a vantagem em provar que tatu é filho de outro tatu?

No momento não é fácil para o Zebu perder 70-80% dos animais registrados, de uma hora para outra, por conta de uma lei aprovada e assinada por um tal Conselho Deliberativo Técnico! Haverá uma gritaria geral, caso se queira, de fato, implementar essa medida e, então, é fácil prognosticar que todas essas decisões terão um só destino: a gaveta.

Afinal, não será a primeira vez que o Conselho Deliberativo Técnico estará levando essa paulada, bastando lembrar a introdução do Brahman, ocasião em que “todas” as raças assinaram o livro tentando impedir a importação daquela raça - dando preferência à formação de um Brahman Brasileiro - com os rebanhos aqui existentes. Ao invés



de um Brahman Brasileiro, imperou a voz solitária que nem ligou para o livro de Atas e nem piscou para o tal Conselho, fazendo entrar o Brahman! Ou seja, o Conselho Técnico é meio figurativo nas questões sumamente importantes! E a introdução do exame de DNA mitocondrial é muito importante!

Se o DNA é benéfico para o melhoramento zootécnico, então qual deveria ser a solução? Bom, existem vários caminhos para introdução do exame de DNA, e tais caminhos é que deveriam ter sido discutidos pelo Conselho Deliberativo Técnico. Se discutisse o tema, o próprio Conselho iria engavetar a questão, numa primeira

instância. De afogadilho, no entanto, como se estivesse sendo pressionado por algum cientista, acabou aprovando tal papelucho!!!

O documento continua fazendo apologia sobre o DNA: “Essas medidas são as ferramentas que faltavam para que pudéssemos, de forma confiável, avançar no melhoramento genético de nossas raças zebuínas. Não é concebível um programa de melhoramento genético através de pedigris mascarados onde, ao se avaliarem determinados animais, acabamos vendendo ‘gato por lebre’. Isto por quê? Porque em mui-

tos criatórios, o pai que se encontra no pedigree não é o pai verdadeiro. E isto, de certa forma, explica o verdadeiro horror por parte de alguns criadores ao ouvir a palavra DNA”.

Aqui o documento confunde inexplicavelmente o assunto do DNA e ataca outro assunto, o dos pedigris mascarados, os quais somam um percentual altíssimo (mas nem por isso reduzem a importância da pecuária em si). Realmente, se houvesse uma lei exigindo que fossem rasgados todos os pedigris falseados, a raça branca do norte da Índia iria ficar com meia-dúzia de documentos e, nem por isso, deixaria de ser a raça mais formidável

Você sabia...?

... que na Gasconha (França), os trabalhadores rurais comiam o *amotés*, papa feita de farinha de milho com leite? Com muito prazer. Seria algo parecido com o cuscuz molhado nordestino.

Você sabia...?

... que também os egípcios, a partir de 1000 a.C. deixaram registros de utilização do leite com conotações religiosas? Existem muitas pinturas egípcias mostrando o trabalho com as vacas.

Você sabia...?

... que Pompéia, esposa do imperador romano Nero (37-68 d.C.), costumava tomar longos banhos com leite de jumentas, acreditando em sua ação rejuvenescedora?

do planeta! Ou seja, o mascaramento dos pedigris não é determinante sobre a importância funcional da raça em si. Por isso, muita gente pratica o mascaramento, utilizando touros que são 1/4 ou 1/8 de Marchigiana, ou de Chianina, ou de Charolês, ou de Piemontês, ou de Guzerá (branco), etc. sobre vacas Nelore - e os resultados são maravilhosos para a pecuária lucrativa, embora sejam um desastre em termos de "pureza genética". Obviamente são produtos impuros, mas o resultado econômico desperta um enorme sorriso nos proprietários, pois o lucro é mais fácil com a prática da heterose. Já os "puríssimos" - bom! - deixam um bocado a desejar, quando comparados com os mascarados, em termos de carcaça. No país do carnaval, as máscaras acabam dando boa festança! Se, no entanto, a opção for realizar apenas um exame de DNA de paternidade, simples, é óbvio que ele indicará o pai, mesmo que tenha o grau 1/16 de Piemontês, 1/8 de Charolês, etc. - mas estará determinando que o pai anotado no pedigree está correto. Será que isso é importante? Tatu é sempre tatu!

Derrubar as máscaras não é tarefa fácil. Exemplos de possibilidades de mascaramento existem aos montes:

a) um touro quase negro da raça Gir está em Central de Sêmen (!);

b) muitos animais Nelore apresentam nitidamente conformação esquelética do Brahman (!), ou ossatura de Marchigiana, ou andamento de Guzerá, etc.;

c) o Guzerá descornado é matriz fácil para introdução do Brahman (!);

d) muitos criadores não negam que sua fabulosa vacada-base é resultado do cruzamento de Indubrasil com Nelore, na década de 1950/1960 (!); etc. etc.

Além disso, cabe perguntar: como inculcar o DNA nas regiões longínquas, onde somente o Zebu garante o futu-

ro? As pessoas, lá, sequer se interessam por registro genealógico! Elas querem o Zebu e, desses rebanhos, nascem animais que - comprados - acabam sendo introduzidos em plantéis de elite. Basta considerar que dos 170 milhões de bovinos brasileiros, nem 10% apresentam registro genealógico. O rebanho francamente anelorado, ou Nelore cara-limpa deve chegar a 40-50 milhões de cabeças, que enganam muitos técnicos de registro. Como exigir que todos esses animais percam o mercado que antes detinham de fornecedores de futuros Nelores "puros"? É necessário um estímulo e não uma camisa-de-força para convencer o ze-



O Girolando faz bonito nas pistas de exposições

buzeiro que vive nas fronteiras agropecuárias.

Em nome de uma pecuária lucrativa, com base no Zebu, as autoridades sempre engoliram essas falcatruas, ou - para amenizar a palavra - inocentes deslizes (!). Afinal, não pode mesmo existir pecuária tropical sem o Zebu, mesmo que tenha uma pitada de um monstrengo qualquer, lá em seu escondido código genético.

A própria metodologia/burocracia de registro já induz muitos criadores a 'salvarem' certas crias, falseando a documentação. Eles acham melhor falsear o documento (simples papel), do que perder uma cria (dinheiro-vivo). Estes fazendeiros, no entanto, são até inocentes, quando comparados com os

cadás, sempre com intenção de não perder crias, ou de valorizá-las. Afinal, é mais fácil um "filho de campeão" virar campeão, do que um desconhecido qualquer!

Nada mau, quando se lembra que já houve época em que o tamanho da orelha determinava o campeão e até o valor do animal. Também criadores não se acanhavam de utilizar banquinhos para permitir que touros pequeníssimos cobrissem suas vacas. Outros utilizavam aparelhos de aço para transformar chifres retos em chifres penteados. Até o Padrão Racial trazia o texto: "proibido qualquer sinal de cirurgia corretiva", ou seja, era óbvio que muita gente fazia tais cirurgias, etc. etc. No reino da Zootecnia Poética, onde quem impera

Você sabia...?

... que os navios que saíam para descobrir novos mundos levavam bovinos, cabras e ovelhas, no século 16, para fornecimento de carne e leite aos tripulantes? O queijo também fazia parte dos suprimentos regulares das embarcações.

Você sabia...?

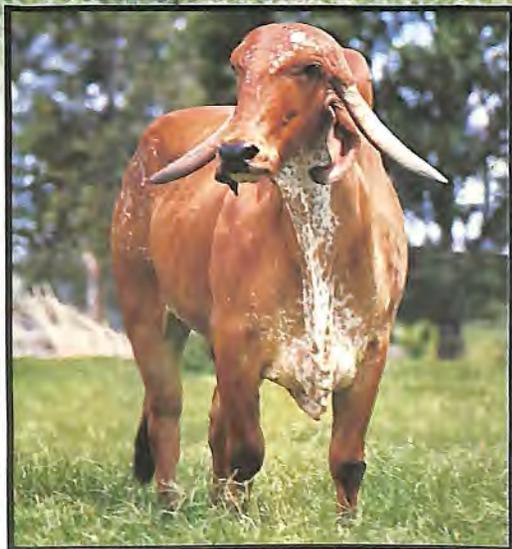
... que o deus Krishna era pastor de vacas, tocando sua flauta divina, e o leite sempre foi o principal alimento em sua região? A expansão divina, Sri Caitanya Caritarnta divulgava receitas de oferendas aos deuses, sempre com base no leite.

Você sabia...?

... que o cronista francês Bertrand de La Broquiere, em 1432, registrou a existência de um enorme bolho de leite coalhado, chamado "Oxigalata", o qual era consumido misturado com alho? Era vendido desde o século 12 pelas ruas de Constantinopla.



FAZENDA
SANTA IRENE



Apologia
Matriz de destaque no rebanho Santa Irene.



Galileu
Gir Leiteiro de excepcional qualidade.

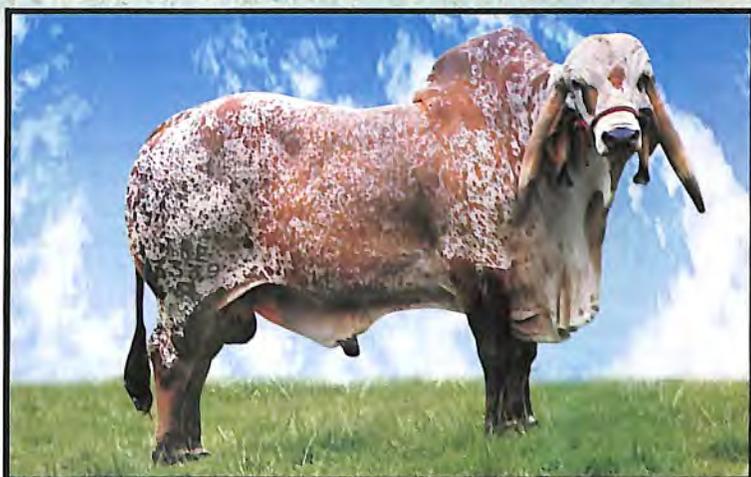


FAZENDA SANTA IRENE
Zacarias - SP
Fone: **(18) 694-1039**
Dra. Emirene M. Trevisan
E-mail: stairene@terra.com.br

Pureza Racial - Produto



EMÍLIO TREVISAN ... Meio Século de Seleção da Raça Gir



Australis

Extraordinário reprodutor da Fazenda Santa Irene.



Apolo

Harmonia e equilíbrio racial, beleza, conformação de carcaça.

Fotos: Jadir Bison



ividade - Performance

Direção Geral, contatos, vendas, visitas
Dr. Frederico Navarro da Cruz Neto
Fone/Fax: (17) 226-2816 / 9772-1603
E-mail: fredcruz@terra.com.br

tados passam a ter confiabilidade para aqueles que acreditam em touros indicados como melhoradores de leite e de carne, nos sumários desses progra-



é uma ou várias exposições, tudo pode acontecer, pois a obsessão de muitos pecuaristas está no troféu - que significa dinheiro agregado - e não no resultado da boiada no campo.

E viva o Zebu Brasileiro, pois cabe frisar que - mesmo com as falcatruas/heterose (ah! deslizes) - existem milhões e milhões de animais perfeitamente classificáveis como Nelore, os quais poderiam ser registrados... e não são. Este fantástico rebanho vivo exclui ou minimiza (reduz a quase zero) a questão do mascaramento dos pedigris, quando se tem em vista o mercado imediatista de carne, exigente de heterose. A quantidade de pedigris existentes é igual a um grão de areia diante do rebanho nacional, a dos pedigris mascarados tem menos importância ainda. Antes de cultivar qualquer obsessão purista, o ser humano sempre cultivará a obsessão pelo lucro, lá no campo. Essa realidade não diminui, no entanto, o tamanho do pecado, pois papel falseado é papel a ser desprezado.

Continua o documento: "Foram propostas maduras através de sementes lançadas pela Assogir, acolhidas pelas demais raças. Doravante, os resul-

mas de avaliações genéticas.

Foi um resgate insofismável conseguido pelas raças zebuínas diante daqueles criadores que sempre buscam nos sumários de touros a melhoria de seus rebanhos. Com isso, venceu a responsabilidade. Talvez hoje muitos estarão amaldiçoando essas medidas, o que chega a ser compreensível, partindo daqueles que sempre praticaram a Zebutechnia do 'achismo' e do 'olhômetro'. À medida em que o tempo passar, com certeza, verão que o mundo mudou diante do avanço da ciência".

Aquí, o documento volta a falar do assunto DNA sendo manipulado para determinar características funcionais, como vem acontecendo no CNPGL, onde se pesquisa, inicialmente, um "padrão racial molecular" para bovinos em geral, seguindo o exemplo do que já foi realizado com os vegetais.

A análise de DNA, em seu conjunto, permite detectar os genes melhoradores de leite ou de certas características cárneas. Sem dúvida, quando esta tecnologia estiver colocada à disposição dos rebanhos, o mundo verá um grande avanço na pecuária.

Por outro lado, centenas de raças

poderão ser extintas no planeta (com certeza, serão alojadas dentro de um botijão criogênico) e as fisionomias dos rebanhos serão muito diferentes das atuais, pois haverá o emprego maciço de "compostos planejados". Enquanto essa tecnologia não estiver disponível, continuarão vigorando, em grande parte, o "achismo" e o "olhômetro" do pecuarista, pois ele é muito competente nessa tarefa. Foi esse "achismo" e esse "olhômetro" que erigiram a moderna Zebutechnia e deram origem e glória a Uberaba, bastando lembrar que ali todos os julgamentos são realizados visualmente, até hoje. Os mais famosos pecuaristas são os "papas" do "achismo" e do "olhômetro"! E daí?

Ninguém, no entanto, irá amaldiçoar uma inovadora e boa tecnologia, desde que ela seja prática, compreensível e econômica. Afinal, todo fazendeiro gostaria de ter condições de adotar novas tecnologias, todos os dias. É incrível encontrar ainda alguém que possa pensar o contrário, num mundo tão dinâmico e moderno! O DNA será bem-vindo, desde que compreensível para todos. O DNA pode, de fato, dar adeus ao "achismo" e ao "olhômetro", mas será que isso interessa?

O documento finaliza: "Quanto mais confiabilidade científica for dada aos nossos produtos, maior será sua aceitação e valorização nos mercados nacional e internacional. Ao Brasil, detentor da maior rebanho comercial e possuidor da melhor genética zebuina do mundo, atestar a qualidade de seus produtos através da ciência, é colocar o empresário rural brasileiro em condições de competitividade com as principais nações deste planeta".

Você sabia...?

... que alguns historiadores acreditam que, por volta do ano 1000, os vikings noruegueses teriam introduzido gado bovino no continente americano? É claro que essa hipótese é pouco crível considerando-se as precárias condições tecnológicas das embarcações.

Você sabia...?

... que o chocolate vem da palavra "tchocolath"? Por volta de 900 d.C., as bebidas à base das sementes de cacau, batizadas pelos Astecas por tchocolath (bebida amarga) desempenhavam um importante papel nas cerimônias religiosas de Quetzacoalt, deus da sabedoria e do conhecimento.

Você sabia...?

... que a primeira menção negativa ao leite, descrevendo, com relativa precisão, um quadro de diarreia é de 400 a.C.? A frase era "Leite é ruim para pacientes com febre, cuja barriga está distendida e roncando" Queriam dizer "por questão higiênica ou até de intolerância à lactose".

Ora, competitividade não tem nada a ver com o assunto. O mundo não está interessado em confiabilidade científica no campo genético brasileiro, mas apenas na rastreabilidade que garante



a sanidade dos produtos comercializados. Melhoramento via DNA é uma garantia, sim, para os selecionadores, mas não para o mercado comprador de carne ou de leite, diretamente. Basta observar o seguinte:

a) - LEITE - Os laticínios, depois do Programa de Granelização, estão mudando a fisionomia dos fornecedores que, agora, voltaram-se para vacas de maior potencial leiteiro e isso significa o aporte de sangue exógeno (!) Vai haver um derrame de vacas holande-

sas no Brasil, rapidamente, para garantir o enchimento do balde. Por quê? Pelos seguintes motivos:

1) *A maior parte do leite vem de uma boa alimentação, cuja tecnologia já está bem avançada.*

2) *Outra grande parte do leite vem de uma boa sanidade, cuja tecnologia vai de vento em popa.*

3) *a última parte vem da genética (que inclui a Climatologia), garantida por um cruzamento planejado.*

Aos laticínios não interessa se o leite é de vaca holandesa, cruzada, ou Gir, eles querem quantidade e sanidade de uma forma mais lucrativa possível. Assim, a tendência no Brasil será um aumento progressivo de vacas superleiteiras e a formação permanente de vacas meio-sangue taurínico (Girolando, Gurolando, Sindilando, etc.). As raças sintéticas (geralmente no grau 5/8, ou outras que usurpam o adjetivo "dupla aptidão") estão com os dias contados, como já vem acontecendo na Europa. As pequenas propriedades serão expulsas do mercado fornecedor de leite e ficarão com as "sobras", ou seja, com a engorda dos machos leiteiros - isso já está indiretamente escrito em Lei aprovada pelas próprias entidades de classe.

b) - CARNE - Os países interessa-

dos em adquirir carne brasileira já traçaram o perfil do produto desejado, a saber: a carne deve ser de um novilho precoce, criado em regime de campo (alto teor de fibras na alimentação); de conformação e configuração de carcaça pré-definidas (tamanho de cada peça, sabor, teor de gordura, etc.); e com uma documentação para rastreamento, quando for necessária. Nem uma palavra sobre a cor do animal ou sobre a pureza racial. Nada! Muito menos sobre pureza genética. Esse é o futuro. Ponto final!

Assim, atestar a qualidade dos produtos exportáveis (que exige competitividade) não significa a necessidade de exame de DNA, como está escrito no documento do Conselho Técnico. Por mais esse motivo, fica fácil de entender porque tal papelucho será rapidamente engavetado, embora o DNA seria uma útil e poderosa ferramenta de melhoramento zootécnico dos rebanhos brasileiros.

No momento, é mais fácil surgirem empresas aplicadoras do DNA mitocondrial em núcleos particulares, proposta que logo estará sendo implementada. Esses núcleos venderão a imagem de "animais puríssimos" e incrementará a guerra entre os "puros" e os "impuros". O futuro terá que enfrentar esse problema. O mais provável é que as grandes entidades fiquem do lado do mercado, mandando às favas o purismo genético!



Quem tem medo do DNA...? O BOM EXAME: DNA & GENOMA

A raça Gir despertou a pecuária para o exame de DNA e quer o mapeamento genômico. Como ficaria a pecuária zebuína com a introdução dessas duas ferramentas entre todas as raças? Será que o produtor brasileiro está preparado para isso?

O segundo exame de DNA, já disponível (mitocondrial), permite ao interessado descobrir se o animal sofreu alguma influência de sangue exógeno (europeu). Só isso. Os criadores de Gir, no entanto, querem um terceiro exame para verificar qual é, de fato, o Gir puro-sangue, pois há muito animal sendo apresentado e registrado como Gir,

deixando a desejar nas características fundamentais da raça.

Este terceiro exame nada mais é que o Genoma (mapa genômico). O que é isso? É a codificação de todos os genes da raça, para formar um Padrão. Havendo esse Padrão Genético (Código Genético), quando o sangue é analisado, basta comparar os mapas

para verificar se o animal é Gir, ou Nelore, ou Guzerá, pelo posicionamento dos genes. Só há um inconveniente: ninguém traçou, ainda, o Genoma de cada raça zebuína, no Brasil (!).

No início da década de 1990, uma cientista visitou Uberaba procurando referências sobre o assunto, mas foi embora de mãos abanando. Depois de

02 FAZENDA Primavera



**LORDI - Reg: B-5568 - Peso: 930 Kg.
Filiação: (Jumbo B-3041 x Lady U-9923)**



Novilhas em regime de pasto - filhas de LORDI.

O GIR

em evidência

- Seleção de Gir há mais de 60 anos
- Rebanho de ótima aptidão leiteira em regime exclusivo de pasto.
- Base Genética do rebanho: R

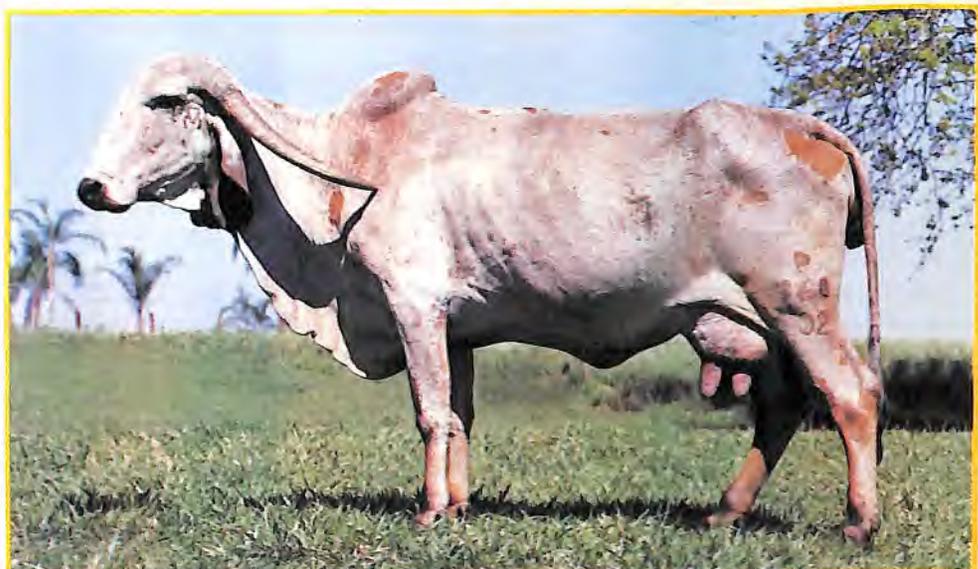


PEDÁGIO - Reg: FPAP 677 - Peso: 720 Kg
Filiação: (Napy ZS x Lontra FPAP 547)



SERTÃO
Reg: P-759
Filiação: (Lordi x Namorada FPAP 620)

Ao nosso antecessor e pioneiro selecionador de Gir: Antônio Coletti e seu filho Osmar Coletti, deixamos aqui registrada nossa eterna gratidão!



GARCINHA - Reg: AA 6715
Filiação: Dominante x Boneca
● Em regime de pasto: 15 kg leite/dia.

32

Fazenda Primavera

Tapinas - SP

Dirceu José Coletti

Caixa Postal: 20

Itápolis - SP

Fones: (16) 3262-2175 (Res.)

(16) 3265-3105 (Faz.)

algum tempo, soube de uma pesquisa realizada na Índia por Harpreet Singh e P.N.Bhat (1980) e o escritor Rinaldo dos Santos forneceu uma cópia daquela pesquisa indiana para ela (*"Phylogenetic relationship between Indian cattle breeds"*). Como se tratava de tese de mestrado, a distribuição deve ter sido muito limitada e a tal cientista sumiu

camente, é necessário coletar sangue de um universo consistente, ou seja, de vacas que realmente sejam tidas como de "suprema pureza". Por exemplo: 100 ou 200 vacas, na situação de penumbra atual. (Mas que poderia ser apenas meia-dúzia se houvesse alguma certeza sobre a origem. No caso do Zebu, a palavra "puro" indica milênios de segregação geográfica no país de origem, ou seja, na Índia e, por isso, bastariam poucas vacas para traçar um Genoma).

João Feliciano, Olavo Cardoso, Marcelo Moraes, Alberto Pereira Nunes, Gabriel Donato Andrade, Souto Filizzola, Aderbal Góes, Omar Cunha, Saul Vilella, Grimaldo Barros, Arnaldo Machado Borges, Armando Milani, Mamedi Mussi, Waldomiro Carletto, Wayne do Carmo Faria, Hélio Ronaldo Lemos, e outros - podem apresentar alguns ani-



O Holandês é grande produtor no clima temperado.

no neoveiro. Depois disso, o CNPGL está tentando formular um "Padrão Racial Molecular" para bovinos, como já foi feito com vegetais - por meio das sementes.

Diz o CNPGL: *"O melhoramento animal com base no mérito genético, obtido a partir de dados fenotípicos e informações de pedigree, tem alcançado resultados satisfatórios, tanto para gado de leite quanto para o gado de corte. Com a incorporação da genética molecular, é possível a seleção direta pelo genótipo por meio de marcadores de DNA ligados às características de interesse. Desta maneira, ocorre um aumento na precisão da seleção para tais características e o processo de seleção torna-se mais rápido e eficiente"*

O CNPGL deixa claro, portanto, que vai trabalhar sobre o Genoma, e aí tudo volta à estaca zero, pois um Genoma tem que ser traçado com animais da suprema elite - o que não foi feito ainda (!). Tarefa muito fácil e rápida, desde que seja aprovada pela Associação da raça e, ali sim, as coisas podem se complicar, pois envolve interesses econômicos, políticos, etc.. Metodologi-

Da maneira como tudo está embaralhado, pode-se prever que, logo de início, a maior parte do rebanho brasileiro será descartado, se tiver que ser aprovado por um Genoma, pois o Gir dito leiteiro sofreu nítida influência de muitas origens, como Indubrasil, como Red Poll, como Flamengo, como Holandês VB, etc. Grande parte do gado, portanto, não passará nem no (segundo) exame de DNA mitocondrial, quanto mais no (terceiro) exame de Genoma!

Como traçar o Genoma do Gir? Qual deverá ser o procedimento da Associação da Raça? Seria uma tarefa muito simples e digna para o Conselho Superior da Raça Gir (ou de outras raças interessadas em Genoma), bastando seguir os passos seguintes:

1 - Pedir aos melhores criadores para escolherem aqueles animais que julgarem expressão de "pureza milenar". Não interessa se esse criador seja associado, ou não; interessa o seu gado. Não há muitos criadores que preservam ou selecionam esse tipo de animal, nem há muitos animais segregados no Brasil, preenchendo o que se deseja. Criadores como Zeide Sab,

mais para os exames. Ademais, é bom que estes renomados e tradicionais criadores escolhidos fiquem de sobra-aviso, pois a grande maioria dos animais poderá ser descartada do programa por apresentar "impurezas" inesperadas.

2 - Coletar sangue dos animais e fazer a análise para determinar um possível "mapa genético".

3 - Realizar, também, exame de alguns animais escolhidos na Índia.

4 - Comparar o "mapa" obtido no Brasil com aquele obtido na Índia. Determinar um Padrão único para a raça.

5 - Pronto! Está pronto o Genoma, que servirá de referência para todos os criadores.

6 - Distribuir o Genoma para os laboratórios conveniados.

Na Índia, os resultados de análise bioquímica de Harpreet Singh foram apresentados em diversos quadros. A Tabela 1 aqui apresentada é o primeiro deles.

Partindo do trabalho já feito na Índia, o Genoma do Gir (e de todas as raças zebuínas), portanto, já poderia estar pronto há muito tempo, no Brasil. Já a análise dos aminoácidos deci-

Você sabia...?

... que o médico grego Hipócrates (400 a.C.), considerado o pai da Medicina, recomendava uma dieta de leite de vaca contra envenenamentos?

Você sabia...?

... que os egípcios reverenciavam a cabra, enquanto outros a sacrificavam para aplacar a ira dos deuses? De qualquer forma, eram animais quase "sagrados".

Você sabia...?

... que, por volta de 1800, era comum utilizar o soro de leite, tanto como bebida, como subproduto para fabricação de manteiga e guloseimas?

frados por Nirenberg e Khorana, em 1967, somam 20 (os quais sofrem influência de milhares de proteínas) e é muito mais completo e moderno. Qual será o caminho escolhido? Será que vale a pena? Quem vai pagar a conta?

Para o Gir, sem dúvida, vale a pena, principalmente quando está num momento em que a "aptidão carne" está meio adormecida e o culto ao "purismo" está muito ativo em muitos criadores. O Gir tem condições de alavancar uma seleção somente com animais de pureza milenar, agora. Mais tarde, quando o Gir começar a ser francamente utilizado em cruzamentos de corte, a chance terá sido perdida.

Já nas raças zebuínas puras, tipicamente de corte, com certeza, não valeria a pena, pois a ingerência de sangue europeu foi e é permissível (desde que não visível pela maioria de leigos), sendo proibido o uso da palavra "consanguinidade" por motivos óbvios (Não se pode praticar consanguinidade em gado heterótico, pois o baque seria enorme nas primeiras gerações!).

Assim, uma vez que o Zebu - depois da doença da "vaca-louca" e da aftosa na Europa - vem sendo apontado como gado vencedor, aumentando as exportações de carne, é certo que

nenhuma autoridade irá querer tumultuar os criatórios, por conta de um "purismo genético". Pelo contrário, pode-se prever o incremento de reprodutores "compostos" sobre as vacadas aneladas e, às escondidas, muito gado acabará sendo registrado como puro, exibindo garupas quase retas, fatura de olho-de-lombo, etc. etc. Tudo isso será apontado como vantagem, com direito a premiação nas pistas de julgamento, embora possa ser resultado



Nas regiões tropicais, o zebu leiteiro crescerá...

de franca influência européia. Se alguém exigir o documento de "pureza milenar", a maior parte desses animais pode levar um tombo! Assim, quem falar em Genoma, pode terminar na fogueira...

O certo, portanto, é o Gir fazer o Genoma, pois é muito interessante e até importante para ele. Talvez o Guzerá também queira acompanhar a onda, e também o Sindi. As demais raças fugirão dessa iniciativa, preferindo a supre-

ma beleza zootécnica (ditadas pelo mercado), ao invés da suprema pureza genética.

O fim dos registros genealógicos

- O que aconteceria se todas as raças tivessem seu Genoma? Daí para a frente, todo animal puro seria automática-

mente PO. Ao invés de conquistar um registro, o animal seria apenas homologado. Assim, ficaria quase excluído o papel do técnico de registro. É claro que isso não aconteceria de uma hora para outra, pois o Brasil é muito grande e apresenta regiões com problemas que irão exigir, por muito tempo, a presença de um técnico de registro. A tendência, no entanto, seria o desaparecimento desse personagem, uma vez que o próprio pecuarista recolheria o sangue, faria o exame, e emitiria o documento de identidade do animal, incluindo ali o atestado de pureza (principalmente nas raças de corte). Globalização é isso; é busca permanente de métodos mais econômicos. A ciência, afinal, existe para ajudar o Homem.

Mesmo com o Genoma, poderiam existir falcatruas (ah! deslizes)? Sim, tanto quanto hoje, mas - pelo menos - o Brasil apresentaria muitos rebanhos que seriam, com certeza, absolutamente puros. A vantagem do Genoma é garantir transparência para os sele-

Tabela 1- Relacionamento filogenético entre zebuínos na Índia

Raças	Albumina	Fosfatase alcalina	Amilase	Ceruloplasmina	Hemoglobina	Transferina	Lactoglobulina	Caseína	Heterose média
Gir	23,2	11,6	12,2	8,7	49,8	68,1	53,1	23,2	30,4 ± 8,1
Hariana	15,0	1,8	4,8	28,9	49,0	64,5	33,2	28,4	28,4 ± 7,6
Kangayam	11,5	1,0	1,0	4,6	45,8	58,6	11,9	22,6	19,6 ± 7,6
Kankrej	3,8	7,5	11,7	2,8	47,2	53,9	64,8	56,9	31,0 ± 9,5
Ongole	18,9	5,9	7,7	25,9	37,5	66,5	45,0	18,9	28,6 ± 7,1
Red Sindhi	23,4	5,7	28,5	27,9	49,4	71,2	50,0	12,9	33,6 ± 7,7
Sahiwal	43,3	2,8	6,0	31,9	31,2	68,5	57,2	27,3	31,5 ± 8,0
Tharparkar	6,4	2,2	2,1	12,3	39,3	69,1	29,1	11,4	21,5 ± 8,2

Fonte: "Phylogenetic relationship between Indian cattle breeds", Indian Veterinary Research Institute, Izatnagar, Uttar Pradesh - apud "Gir: o gado sagrado na Índia", p. 131.

Você sabia...?

... que Júlio César estranhava o uso de leite e manteiga entre os bárbaros? Ele achava tais produtos muito primitivos.

Você sabia...?

... que, na região bizantina, mais civilizada que o restante do mundo medieval, o leite era consumido na forma de coalhada?

Você sabia...?

... que o leite, misturado com água, vinho, mel ou outros ingredientes, era utilizado para curar afecções inflamatórias? Isso na antiguidade.

cionadores e acabar com os "contos-do-vigário" que são comuns, principalmente nas periferias das pistas de exposições.

Hoje, pairam dúvidas sobre a pureza, pois não existe qualquer Genoma de raça bovina, ainda. A pureza, hoje, é determinada por detalhes faneróticos que são, no fundo, uma convenção dos próprios homens. Assim, a chegada do Genoma pode ser uma luz esplendorosa pois dirá, com certeza, como deve ser o bom Gir, o bom Guzerá, o bom Nelore, etc. Pode ser bom para todo mundo, mas pode ter um preço meio amargo, pois o que se julga "beleza", hoje, pode ser uma característica volátil, depois do Genoma.

Resta aquele empecilho muito grave já citado: com certeza, havendo o Genoma, talvez 80% - senão mais - de tudo que hoje está registrado como "puro-sangue" tenha que entrar num programa de descarte compulsório, a médio prazo. Colocar em vigor uma nova pecuária não será tarefa fácil, mas isso poderá ser feito, um dia. A grande vantagem é que o melhoramento zootécnico obtido sobre uma base genética garantidamente pura teria muito maior duração. Hoje, percebe-se que o melhoramento obtido em uma geração pode decair logo na próxima, embora utilizando sempre animais "puros por pedigrí". Essa flutuação, esse sobedescer - devido à heterose - será muito menor, garantindo mais lucros para o empresário rural. Nesse aspecto, o uso e exames de DNA e do Genoma são essenciais. Por outro lado, as exposições não vivem exatamente desse "sobedescer" de campeões, de linhagens, etc.? Assim, os promotores de exposições não estarão interessados em DNA.

E mais: a longa história da Zebu-tecnia, que vem desde 1870, poderá ser praticamente arquivada em páginas de livros e museus, com honras e glórias, pois seus deuses (grandes ge-

nearcas, fabulosas matrizes, etc.) poderão ter sido apenas mestições (na nova linguagem do Genoma), apesar dos prêmios e dos formidáveis preços que eles conquistaram em seu tempo.

As grandes exposições do passado serão rapidamente esquecidas, pois o Genoma introduzirá uma nova era, com novos conceitos.

A grande maioria dos criadores, no entanto, poderá utilizar o Genoma e os Sumários de Provas Zootécnicas; poderá comprar e vender, sem vínculo direto com qualquer entidade de classe.

Haverá, então, duas classes de seleção na pecuária de corte:

1) - os produtores de novilhos para abate, com vistas a um mercado altamente seleto nacional e internacional. Para esse público interessam os tou-



Criadores como Zeide Sab testam o Normando com o Gir, com bons resultados.

ros, cujas progênies foram aprovadas em Testes de Conformação (carcaça, retalhabilidade, sabor, etc.). Também lhe interessa obter os Certificados de Qualidade para efeito de exportação. Tudo isso pode ser manipulado por uma entidade que não seja a mesma que manipula o registro genealógico. É muito provável que cada associação de raça queira ter em suas mãos o controle desses documentos, pois isso representa muito dinheiro. Por exemplo: o Nelore pode exportar cerca de 20 milhões de cabeças/ano, na forma de "bife". Se a associação cobrar apenas R\$ 1,00 por Certificado de aptidão para exportação, terá faturado R\$ 20

milhões por ano. Por que uma associação de criadores de Nelore iria entregar essa fortuna para outra entidade? A grande diferença é que esse Certificado não exige que o animal seja puro, geneticamente, mas apenas que atenda os interesses do mercado comprador. O mercado é "deus" e ponto final!

2) - os produtores de animais de elite provavelmente superiores, com registro genealógico e provas zootécnicas. Este é o mercado que frequenta atualmente as exposições e que vende "raça pura" em todo o país. Comparado ao mercado de carne e de leite, representa cerca de 10% do total de animais, no máximo. O registro genea-

lógico vive, portanto, apenas desses 10% de animais e algumas verbas públicas que são conquistadas aqui e acolá. A falta de tourinhos registrados é alarmante, por absoluto desinteresse dos produtores de carne pelo papel-documento! Com o advento do DNA mitocondrial e do Genoma, a tendência é que esse número caia muito mais, pois os grandes pecuaristas produtores de carne e de leite estarão mais interessados no Certificado de Qualidade, do que em registro genealógico. O DNA é um apertão nos selecionadores de "raça pura": só isso!

As exposições - As exposições

Você sabia...?

... que fazia parte dos objetivos da Cruzada de 1204 a recuperação do sudário, da camisa, das sandálias, do cueiro de Jesus Cristo e também um litro de leite santo de Maria? Por que ela teria guardado esse leite nenhum historiador descobriu

Você sabia...?

... que o chocolate veio dar um empurrão no uso do leite, a partir do século XVI? Foi introduzido na Europa pelos espanhóis, mas era pouco apreciado porque os nativos americanos o consumiam apimentado. Era uma bebida fortificante.

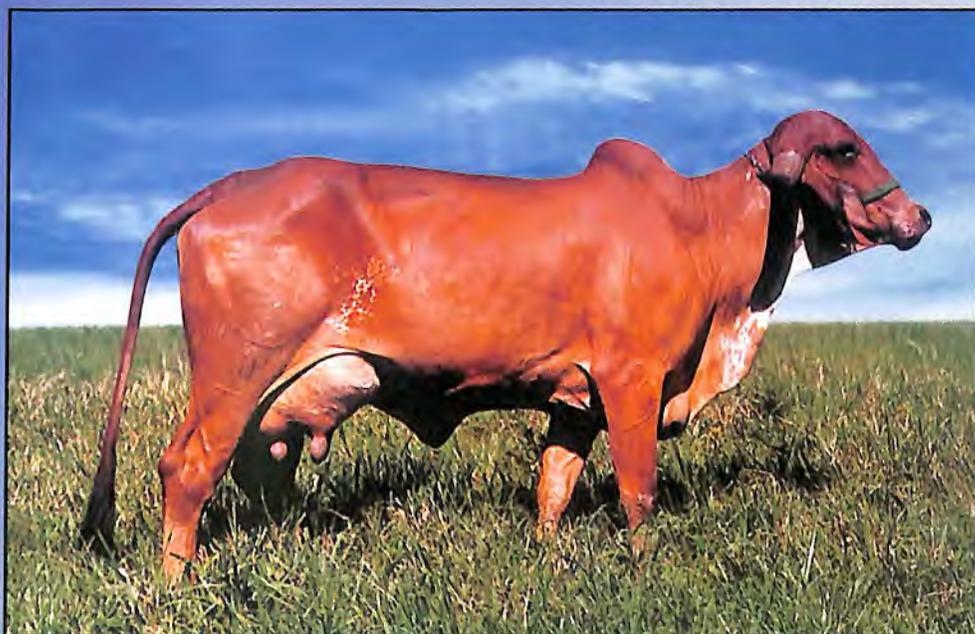
Você sabia...?

... que, no sarcófago do faraó Tutankamon, que reinou no Egito há 3.000 anos, foram encontrados 22 tubos para armazenar queijo? Eles seriam usados para alimentá-lo durante a espera da ascensão aos céus e como presente para os deuses.

TECNOLOGIA DE LEITE ...



XANTINA DA SÃO JOSÉ
9.214 kg em 347 d. (Oficial ABCZ)

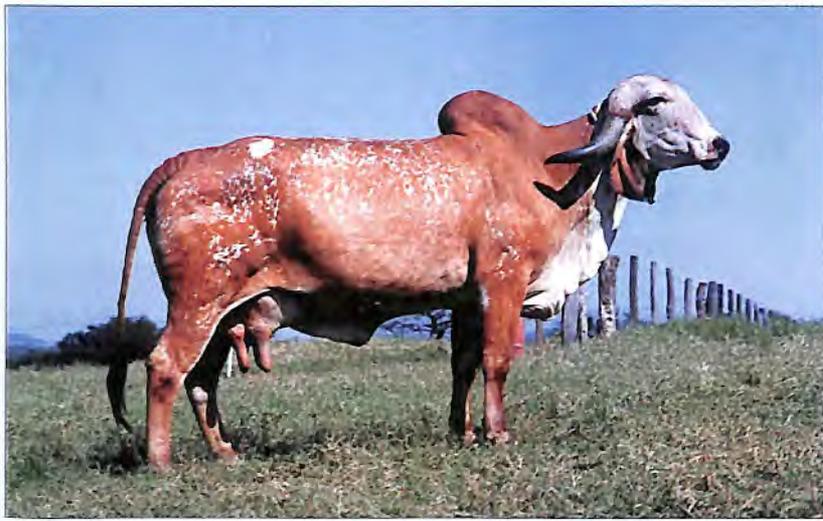


BASTILHA DA SÃO JOSÉ

Doadora de embriões da São José, com média de 18 embriões por coleta e produção de leite - 6.587 kg em 334 d.

**“ ...de Goiás
para o Brasil
e o mundo...
No pasto ...
Ao natural ...
Desde 1968! ”**





A Estância São José mostra o resultado de um trabalho sério e responsável, realizado dentro da realidade das fazendas leiteiras do Brasil

CAMPONESA DA SÃO JOSÉ

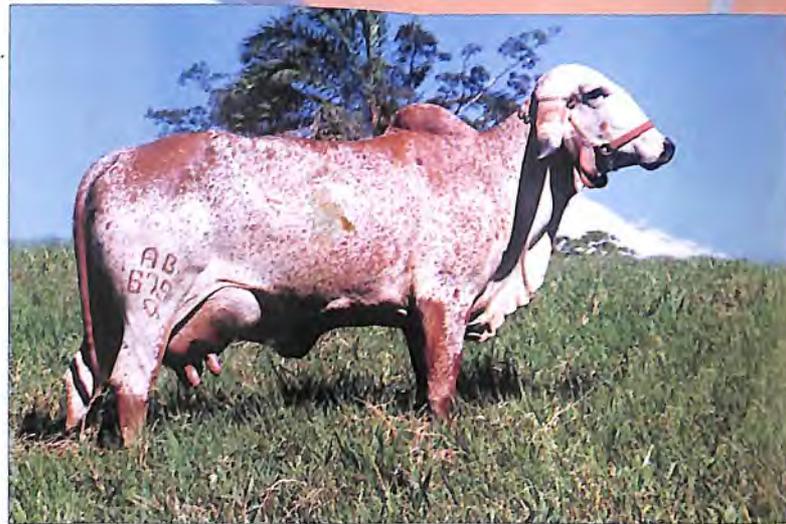
3.402 kg em 287 d.

● Res. Grande Campeã da Exp. Brasília-DF/2001.



INDEPENDÊNCIA DA SÃO JOSÉ

lucatã x Mantiqueira da SJ, com 2.768 kg



XUVA DA SÃO JOSÉ

4.583 kg em 306 d.



HAVAI DA SÃO JOSÉ

(Bemfeitor x Luma SJ)



LUMA DA SÃO JOSÉ

(Linhagem Yacatan) 6.327 kg em 340 d.

Nossa Seleção é pautada no princípio que produção de leite eficiente tem que ser a pasto, na fertilidade do rebanho e na sustentabilidade do meio ambiente.



JARIOCA DA SÃO JOSÉ, mãe de *Beduíno*.



BEDUÍNO DA SÃO JOSÉ

Touro Oriundo das melhores linhagens leiteiras da São José, participante dos testes de melhoramento genético da EMBRAPA/ABCGIL/ASSOGIR.



EXTASE DA SÃO JOSÉ

Touro de grande responsabilidade, também participante dos testes de melhoramento genético da EMBRAPA.



GUERREIRO DA SÃO JOSÉ
(Beduíno SJ x Batalha SJ)



BATALHA DA SÃO JOSÉ

Destaque da São José. Exemplo de fertilidade, beleza, peso e docilidade. 3.669 kg em 305 d.

O processo seletivo da Estância São José é reconhecido a nível mundial. Autoridades indianas vieram conferir a qualidade do Gir de Alberto Pereira Nunes.



EGIPCIA DA SÃO JOSÉ
3.302 kg em 312 d.



ANCHOVA DA SÃO JOSÉ
3.914 kg em 322 d.



As famílias das vacas leiteiras da São José vem sendo selecionadas a partir de forragens tropicais. Nossas vacas vivem de capim.

Este é o jeito mais barato de produzir leite e ter lucro!



Feminilidade, Leite e Raça



BONINA DA SÃO JOSÉ

*(Virman da SJ x Xavina da SJ, com 4.201 kg na 1ª lactação).
-Leite e beleza racial, juntos.*

ANABELA DA SÃO JOSÉ

(Salitre da SJ x Inovação da SJ, com 3.457 kg)



GIROLANDO

*Muito Leite, fertilidade
sanidade e garantia
de origem.*



FORTALEZA DA SÃO JOSÉ



MEIA NOITE DA SÃO JOSÉ



MALU DA SÃO JOSÉ



DA SÃO JOSÉ

Nossos animais são selecionados para oferecer eficiência e produtividade.

Recebemos constantemente visitas de produtores, estudantes e pesquisadores do Brasil e exterior.



BOLENA DA SÃO JOSÉ



CHATINHA DA SÃO JOSÉ



MIMOSA DA SÃO JOSÉ

4 - LEITE - CAM



Faça-nos uma visita, temos o animal que você precisa nas condições de sua fazenda!



Estância São José

Km 30 – GO 060 – Trindade – Goiás

ALBERTO PEREIRA NUNES FILHO

Em Goiânia-GO

Av. Castelo Branco, 4782 – Setor Rodoviário

CEP: 74430-130

Fones: (62) 295-5005 / 295-4662

Fax: (62) 295-4216

e-mail: planaltomaq@uol.com.br

www.girgirolando.com.br

Contatos:

Marco Elísio - Fone: (62) 9971-2161

Gilmar Cordeiro - Fone: (62) 9975-0520



tenderão a perder o ritmo e a beleza, passando a ser apenas festanças para o povo? A atualidade apresenta fortes contradições nas exposições, praticando uma seleção às avessas, tais como:



1) - a fertilidade da fêmea está sendo avaliada pelos embriões coletados, e não pelas crias produzidas (!)

2) - a qualidade do macho está sendo medida pelo volume de sêmen e não pelo real ganho de peso (!)

3) - a precocidade está sendo baseada pelo tamanho do animal e não pela condição sexual (!)

4) - juízes apontam o ângulo da garupa como sendo defeito e não como uma adequação da Natureza para facilitar as parições (!). Ou seja, vale a estética mas não a funcionalidade.

5) - também não se observa uma seleção de úberes e tetas no gado especializado de corte, como se as fêmeas jamais precisassem amamentar.

6) - os animais grandalhões continuam sendo elogiados, embora essa seja uma característica de animal tardio e subfértil (!). Foram amamenta-

dos por amas-de-leite e rações turbinadas, algumas delas com fórmula guardada a sete chaves!

7) - os juízes fazem vista grossa para os animais excessivamente brancos, ou seja, com baixa taxa de melanina. Talvez pela influência de sangue de raças européias brancas (Charolês, etc.). É claro que esses animais apresentarão uma conformação esplendorosa!



8) - as crias são rejeitadas desde nova se apresentarem canela curta, pois a canela longa é sinal de animal maior (!). A canela curta, portanto, indicadora de testosterona, fica marginalizada.

9) - os animais continuam sendo elogiados quando nascem com grande peso: ao contrário do que preconiza a Zootecnia mundial (!)

10) - não se faz uma seleção do temperamento dos animais, pois o que interessa é o fenótipo para as exposições. Animais bravios estão cada vez mais constantes nos páreos.

11) - há uma rejeição sumária de saliências ósseas como no sacro ou até no nimburi (!), como se fosse possível dispensar essas características em uma única geração.

12) - os juízes não levam em conta que é mais fácil escolher o melhor entre animais rústicos do que o pior en-

tre os superalimentados. Não raramente, o escolhido é um animal que logo terá desaparecido no cenário da pecuária, pois é apenas um balão cheio de nada (!)

Assim, a seleção para pista de exposição, leva a um impasse entre morfologia premiável e desempenho fisiológico (econômico). A alimentação não-natural, com amas-de-leite e arraçoamento típico de animais monogástricos não-ruminantes, somada a uma vida sedentária longe do sol e da chuva, proporciona formidáveis ganhos-de-peso, mas isso nada tem de real e, muito menos, de tropical. Lentamente, vai se transformando numa verdadeira fantasia.

As exposições, então, são um mal? Nada disso. Elas ergueram o fabuloso Zebu Brasileiro. O zebuzeiro é um vencedor. Se fossem mudadas as regras e se julgassem apenas animais magrinhos e tenazes, novamente os zebuzeiros seriam vencedores, indicando os campeões de resistência, de prolificidade, etc. O zebuzeiro sabe o que faz. São diferentes dos meros engordadores de gado!

O que acontecerá com as exposições, com o advento do DNA e do Genoma?

1) - As exposições tenderão a ganhar outra forma, pois o Homem adora festas e, sempre que puder, vai instituir uma.

2) - Por seu lado, as centrais de sêmen estarão distribuindo material genético altamente confiável, cuja origem residirá em provas zootécnicas e não mais em exposições, onde hoje alguns poucos juízes decidem o destino da pecuária nacional.

3) - Os empresários rurais, produtores da maior parte da carne exportada, portanto, terão pouco interesse em exposições no tocante às suas vacadas-de-campo.

4) - Já os criadores de gado de elite (raça pura) manterão a festança, como

Você sabia...?

... que é difícil entender por que Deus disse a Moisés que na terra prometida jorravam leite e mel ao invés de vinho, trigo ou figos? Isso mostra a importância que o leite já tinha entre os antigos.

Você sabia...?

... que, nos primeiros tempos do cristianismo, o leite era servido em rituais de batismo como símbolo de purificação? Depois, o leite virou água, transformando-se na pia batismal. Pura economia!

Você sabia...?

... que o leite era tão precioso que Deus, no Antigo Testamento, descreveu a terra prometida como sendo aquela onde corriam leite e mel? Significava um terra farta em água e pastagens.

sempre, até como ponto-de-encontro.

5) - Cada vez mais, o título de Grande Campeão das exposições estará sendo divorciado do Campeão de Progenie do ano, obtido em Provas Zootécnicas espalhadas por todo o país.

6) - Os julgamentos baseados apenas no fenótipo representarão, cada vez mais, apenas uma despesa extra ou um mero exercício de vaidade, até sua possível extinção.

7) - Cada vez mais os leilões de todo o Brasil estarão ofertando animais saídos das Provas Zootécnicas, produtos cada vez mais confiáveis, e não mais necessariamente "filhos de campeões" de exposições.

8) - Paralelamente às exposições deverão surgir algo como as moderníssimas "coréias", ou seja, serão implantados recintos sofisticados de venda de animais altamente qualificados dentro das leis do mercado, portadores de Genoma e de Certificados de

Qualidade, obtidos nas Provas Zootécnicas.

9) - Também haverá recintos de venda periódica de animais (venda de safras de bovinos), com muita festança. Ou seja, serão criadas várias modalidades de Leilões, alguns durando vários dias de festança.

10) - Em uma análise fortuita, de repente, os fazendeiros simplesmente poderão - por medida de economia - querer acabar com as exposições pomposas e erigir festas mais modestas, de âmbito regional. De fato, o Brasil - com diversos microclimas específicos - padece a sina de ter que transportar animais por milhares de quilômetros para disputar um prêmio. Este é um paradoxo muito caro!

Essa nova visão empresarial da pecuária está chegando a galope e deverá dominar os grandes rebanhos rapidamente. As exposições vão se transformar em festa, em ponto de discussão, de didática, de leilões, de exibição, mas não de julgamento e escolha de campeões da maneira como é hoje praticado! O "modelo frango" ten-

derá a se aproximar do "modelo bovino", ou seja, a carne bovina estará sendo produzida em larga escala, com alta tecnologia e - nesse momento - as opções de escolha de reprodutores de escol incluirão novas modalidades além daquelas verificadas ainda hoje. A pecuária do futuro será do futuro, mesmo!

Em resumo: a pecuária brasileira está entrando numa nova era, na qual haverá a possibilidade da transparência por meio da Ciência. Ela, a ciência, dominará a pecuária, tendo computadores e Internet à disposição, para realizar julgamentos rápidos, eficientes, no aconchego do próprio lar ou escritório. Afinal, o Brasil é o reino da pecuária, local para testar todas as tendências, todas as raças e todos os caminhos para um melhor futuro, com abundância de carne e de leite. O sol brilhará para todos que preferirem adotar as modernas tecnologias. ■

Índia em almoço particular

Um almoço para "amigos da Índia", foi oferecido por Elson de Barros Gomes Júnior. Lá estava o Embaixador Amitava Tripathi, e convidados, trocando conhecimentos e informações sobre o relacionamento Brasil/Índia. Um dos assuntos importantes foi o papel desempenhado pelo Gir, de hoje, e o Gir do futuro no relacionamento entre os dois países.

Notícia

Onofre Ribeiro, Elson de Barros Gomes Júnior, Roseane Barros, o embaixador Amitava Tripathi e a professora Maria José Marinho



Silagem de Capim

Se o pasto já estiver implantado nas primeiras chuvas, basta fazer um rebaixamento com uma carga pesada de animais, (se houver sobra de capim) e em seguida entrar com adubação química na pastagem que já deve estar vedada. Cinquenta dias após o material está pronto para corte.

No caso de implantação de nova pastagem (Mombaça, Tanzânia, Braquiário) fazer o plantio normalmente como se fosse usar para pastagem, e oitenta dias após o capim está pronto para corte.

É importante saber que a produção média de capim em um hectare é por volta de 30 toneladas, e que um boi confinado durante 100 dias consome em torno de 3.500 quilos. Para manutenção de uma vaca a campo é necessário 1.000 kg durante 100 dias.

Para se obter uma silagem de qualidade com milho, sorgo, cana ou capim é importante ter equipamentos adequados com repique homogêneo, cortar o material no seu melhor ponto nutritivo, fechar os silos no menor tempo possível, compactação perfeita e li-

vre de sujeira. Manutenção do silo depois de pronto evitando ação de animais.

Nos últimos anos houve uma grande evolução na pecuária brasileira em termos de genética e nutrição animal, porém, às vezes, bons pecuaristas falham no que há de mais elementar, ter volumoso guardado para garantir uma entressafra tranqüila terminando e vendendo animais na hora certa. Volumoso de qualidade é a base de uma pecuária de sucesso.

Nápoles - TE (Gaiolão DC x Restinga)



Foto: Marcelo Cortez



Pai: Gaiolão DC-POI

Importação Celso Garcia Cid, possui mais de 40 filhas com produção superior a 4000 kg de leite no Brasil e exterior, tendo exportado sêmen para diversos países da América Latina e Ásia, inclusive a terra mãe do Gir a Índia, com alguns filhos em centrais de inseminação. As irmãs de Gaiolão são recordistas de leite na Índia.



Mãe: Restinga V - 2581

- Recordista Controle Leiteiro Oficial ABCZ EMBRAPA/1992
- Grande Campeã Leiteira e Melhor Úbere VI Exposição Nacional da Raça Gir Uberaba/1991
- Campeã Torneio Leiteiro Estadual EMATER-MG / 1991
- Recordista da Raça Gir em produção de Embriões, mais de 100 embriões em 20 coletas consecutivas
- Valor genético - 803,96
- Produção de 5804 kg de leite

Várias irmãs maternas e paternas, doadoras de embriões com produção superior a 5000 kg de leite.



Bastilha (Gaiolão x Luxosa)
4300 kg de leite - Valor Genético: 307,9



Esmeralda (Gaiolão x Joelma)
Valor Genético: 421,92 - 6507 kg de leite



Ministra-TE (Benfeitor x Restinga)
8163 kg - 305 d. - Valor Genético 1401,1



Dalla (Araxá x Restinga)
4717 kg - 360 d. - Valor Genético 393,8



Gir Leiteiro - Girolando
Cristo Rei
Araxá - MG

Márcio Ferreira Pinto &
Antônio Gilberto R. de Castro

Caixa Postal 321 - Cep: 38190-000 - Sacramento/MG
Telefax: (34) 3351.2434 / 9986.3889 / 9986.1397
E-mail: cristorei@sacranet.com.br

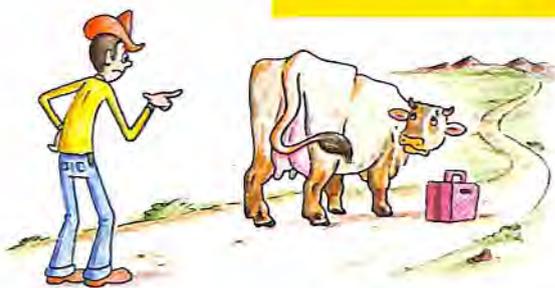
SEMÊN A VENDA



www.altagenetics.com.br
(34) 3318.7777

Adeus ao Girolando...?

Dados de Marcus Cordeiro Durães, Méd. Veterin. PhD, Pós Doctor, Advogado - e Phd e Ary Ferreira de Freitas, pesquisador da Embrapa Gado de Leite, Ds., Pós-Doctor.



Nos meados da década de 1970, a Embrapa Gado de Leite iniciou os trabalhos de pesquisa em melhoramento de gado de leite envolvendo o cruzamento de animais das raças Holandesa e Zebu. Os autores desta pesquisa concluíram que a melhor estratégia para produção de leite nessa região resumia-se na formação do meio-sangue (F1) Holandês x Zebu. Até aí nada demais! De acordo com esta pesquisa, as vacas meio-sangue suplantavam as Holandesas em diversas características produtivas e reprodutivas, quando o manejo foi considerado baixo. Quando considerado de padrão elevado, as F1 produziam tão bem quanto uma vaca Holandesa, em torno de 3.000 kg por lactação e suplantavam essa raça na sua resistência a ecto e endoparasitas e em outras características.

A ampla divulgação dos resultados dessa pesquisa nos últimos 20 anos objetivou mostrar a importância de se explorar a produção de leite de vacas mestiças e, de preferência, as meio-sangue, em virtude de sua melhor adaptação às condições tropicais. Inclusive, esta é atualmente a síntese do "Programa de Organização e Gestão da Pecuária Bovina de Minas Gerais" que está sendo gerenciado há dois anos pela Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Estado e, para dar consecução a este trabalho, vultosos recursos públicos estão sendo aplicados.

Segundo os autores, os produtores que seguissem as recomendações técnicas poderiam ter assegurado uma lucratividade em cerca de 31% maior que a obtida em outros tipos de cruzamento rotacionados e 70% maior do que seria obtido com vacas 5/8 bimestiças.

Diante de informações tão valiosas obtidas por alguns pesquisadores de três instituições públicas, respectivamente, Embrapa Gado de Leite, Epa-

mig e UFMG, torna-se necessária uma reflexão sobre o desenvolvimento de populações oriundas de cruzamento.

Para que serviria a formação da raça Girolando (bimestiças 5/8 Holandês x Gir)?

sociação são bastante promissores no sentido de desenvolvimento de uma raça melhor adaptada aos trópicos. A média por lactação é relativamente alta, em torno de 3.400-3.600 kg. Contudo, como afirmaram alguns pesquisadores,



Não se pode olvidar que existe uma Associação da Raça Girolando, de grande importância no setor de produção de leite, e - além disso - muitos produtores já investiram ou continuam investindo na sua formação. Inclusive, essa Associação em parceria com a própria Embrapa Gado de Leite desenvolve um Programa de Teste de Progênie de Touros Girolando. Além disso, os resultados divulgados por essa As-

se as vacas Girolando são menos lucrativas por possuírem 1/8 a mais de genes da raça Holandesa do que as fêmeas F1, por que formá-la?

Então, por que o produtor continua explorando vacas de diferentes graus de sangue?

Diante deste questionamento, um mestrando da UFV fez uma análise de dados levantados de produção de leite de gado mestiço, nessa última década-

Produções de leite (kg) e de gordura (kg) e duração de lactação (dias) na primeira lactação de rebanhos leiteiros de várias regiões de Minas Gerais

Grau de sangue	leite (kg)	gordura (kg)	Duração (dias)
1/2 H x G	3.667 ± 99	127 ± 3,5	282 ± 6,0
3/4 H x G	3.904 ± 64	136 ± 2,2	283 ± 3,8
7/8 H x G	4.000 ± 68	139 ± 2,4	296 ± 4,1
15/16 H x G	3.923 ± 77	137 ± 2,7	289 ± 4,7
31/32 H x G	4.242 ± 49	147 ± 1,7	301 ± 3,0

Fonte: Arquivo Bras. de Medicina Veterinária e Zootecnia, V. 53, n. 6, p. 708-713, 2001.
Média obtida de 3.012 observações.

Grande Campeão

Nacional Gir Leiteiro



Expomilk
2002

Vale Ouro TE Silvania

VALE OURO TE SILVANIA

Proprietário: Eduardo Falcão de Carvalho
Nas.: 30/09/00 Registro: EFC-464

SÊMEN DISPONÍVEL

Yakult

(11) 4481.8820

touroprovado@uol.com.br · www.touroprovado.com.br

**ESTÂNCIA
SILVANIA**

TRICAMPEÃ NACIONAL
www.estanciasilvania.com.br
(12) 3931.9519 · (12) 9713.7144

Cajú de Bras. PTA +244,37	Vale Ouro de Bras. (PTA +87,86) Salina de Bras. 5.094 kg
------------------------------	--

Nata da Silvania 15.126 kg	Zonado Maxixe Jaca da Silvania (FB Cadarso PTA +160,74) 9.671 kg
-------------------------------	--

Sua mãe Nata da Silvania, Recordista Mundial 15.126kg.

SUPER PEDIGREE

Três gerações de touros provados positivos para leite.
Duas gerações de vacas recordistas mundiais para produção.

da, e em 280 propriedades, obtendo cerca de 15.000 lactações de vacas de 5 diferentes graus de sangue, variando do 1/2 sangue ao Holandês puro por cruzamento (31/32 H x G), submetidas às mesmas condições de manejo.

Os resultados estão sumarizados na Tabela 1. Como pode ser observa-



do, os produtores de diferentes regiões continuam explorando vacas de graus de sangue mais elevados em virtude de sua capacidade de produção e reprodução.

Os resultados indicam que as vacas 1/2 sangue produziram menor quantidade de leite em relação aos demais graus de sangue!! O melhor desempenho observado nas vacas de graus de sangue mais apurado, como mostrado na Tabela 1, pode ser um indicativo da melhor qualidade genética, alimentação e do manejo em relação há duas décadas.

Outro aspecto que chama atenção nessas propriedades foi a adoção do cruzamento por absorção. Ou seja, o produtor, ao perceber que as vacas de grau de sangue mais apurado estavam produzindo mais, foi realizando o cruzamento contínuo, absorvendo na direção do Holandês.

Você sabia...?

... que era costume atirar um caprino no deserto, como se ele contivesse todos os pecados? Daí surgiu a expressão "bode expiatório", que carregava todos os pecados de Israel. Por que uma cabra e não uma vaca? Pergunta difícil de responder.

Um aspecto controverso na pesquisa sobre estratégia de cruzamentos surge quando se compara o desempenho das vacas holandesas com os demais graus de sangue. Nos trabalhos publicados, os autores não esclareceram se foram utilizadas vacas Holandesa puras por cruzamento (31/32 H) ou se foram consideradas as populações de vacas Holandesas controladas e registradas como GC1, GC2, etc. ou se foram as Puras de Origem (PO). (Na

verdade isso importa bem pouco para a maioria dos criadores brasileiros do momento).

Na década de 1970, quando foi iniciado o trabalho de pesquisa, havia em Minas Gerais, menos de 20 rebanhos sob controle leiteiro e poucos criadores registravam os seus animais. A olho nu, um técnico dificilmente, mesmo tendo algum nível de experiência, consegue diferenciar uma novilha 7/8, 15/16, 31/32, 63/64, assim sucessivamente. Além disso, as vacas Holandesas classificadas e registradas como PO são mais caras. Se as novilhas eram registradas, torna-se fácil identificar suas genealogias e verificar se elas eram de fato representativas da qualidade do rebanho da raça Holandesa existente na região sudoeste na década de 1970.

Os aspectos acima mencionados são importantes, uma vez que a produção média atual das vacas holandesas sob controle leiteiro em Minas Gerais fica em torno de 7.601 kg por lactação de 305 dias. Existem rebanhos considerados de elite com produção média superior a 12.000 kg/lactação (Fonte: Assoc. de Criadores de Gado Holandês de MG). Ou seja, em padrão de manejo elevado, a produção média das vacas Holandesas supera atualmente em mais de 100%

a produção das vacas F1.

Este valor mostra a evolução qualitativa do rebanho mineiro que passou de uma produção em torno de 3.000 kg (na década de 1970) para mais de 7.000 kg por lactação, enquanto as meio-sangue permaneceram praticamente com o mesmo nível de produção de 30 anos atrás.

Essa pesquisa, portanto, mostra que a vaca Girolando 3/4 e 5/8 são desnecessárias e a F1 tem os dias contados, pois - caso o leite venha a ter uma digna e saudável remuneração - elas tenderão a serem substituídas por vacas de maior e mais duradoura produção. Parece que a meta será a já tão badalada vaca com 1/4 de sangue zebu!

Conclusão - Os resultados deste levantamento mostram que os produtores de leite têm conseguido obter médias elevadas e resultados zootécnicos promissores quando praticam o cruzamento de absorção e melhoram o manejo. Uma das boas opções que surgiu no Brasil foi a formação da raça Girolando que atende ao extrato mais pobre do mercado produtor. A criação de gado Holandês registrado possui médias elevadas mas, no entanto, o produtor necessita de um bom programa de produção de forragens, especialmente de silagem e de concentrados. Além disso, requer um bom manejo. Em virtude de sua alta produção, não seria uma boa opção para os produtores que não têm disponibilidade de equipamentos, ou que não tenham especialmente uma sala de ordenha, ou mesmo empregados treinados para lidar com animais mais produtivos. Em resumo: Girolando é gado para produtores minúsculos, tecnologicamente, ou sem condições de autofinanciar e gerenciar seu próprio negócio.

A tendência, portanto, num primeiro estágio, é o uso máximo da heterose para produção do leite, por meio do Girolando, o qual deverá ser acasalado, sempre, com raças também leiteiras.

Você sabia...?

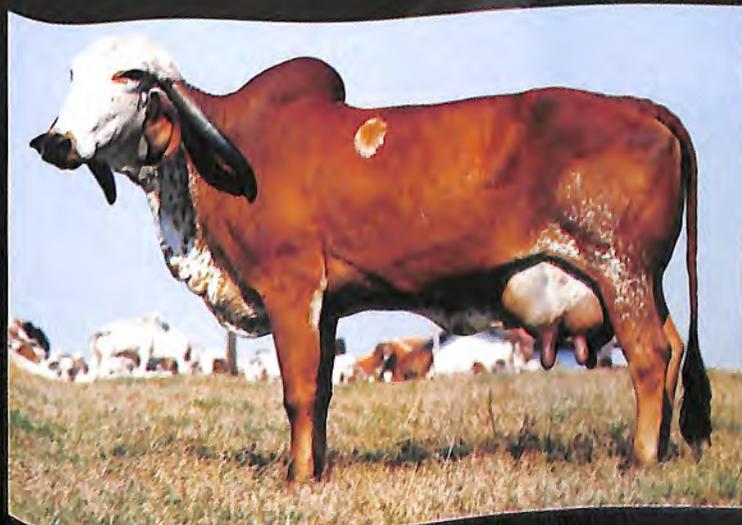
... que a deusa Thueris, egípcia, era representada por uma fêmea de hipopótamo com o mamilo direito perfurado, que se acredita poderia fazer o papel de uma mamadeira?

GIR TOTAL



VÍDEO ZS

**GIR PURO
QUE PRODUZ
MUITO LEITE**



BARREIRA ZS



ENXADA ZS

BELEZA

BALDE

BALANÇA

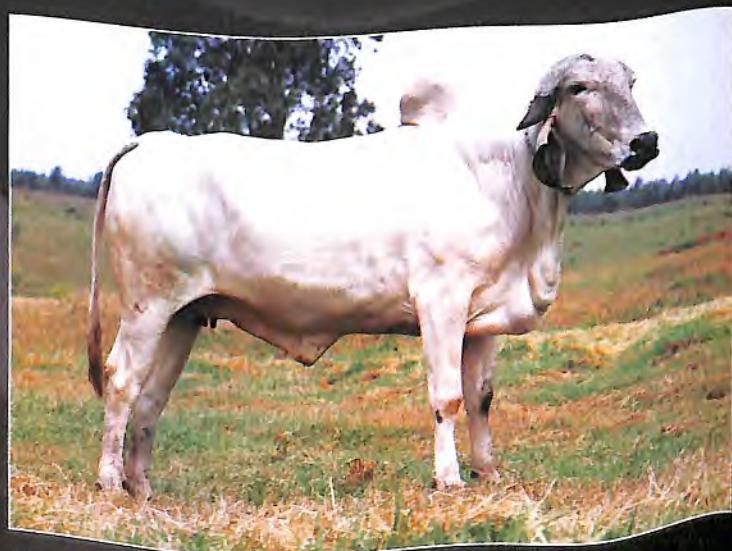


AUTÊNTICO ZS



HIERARQUIA ZS

Aqui o alfabeto
do Gir começa
com a letra

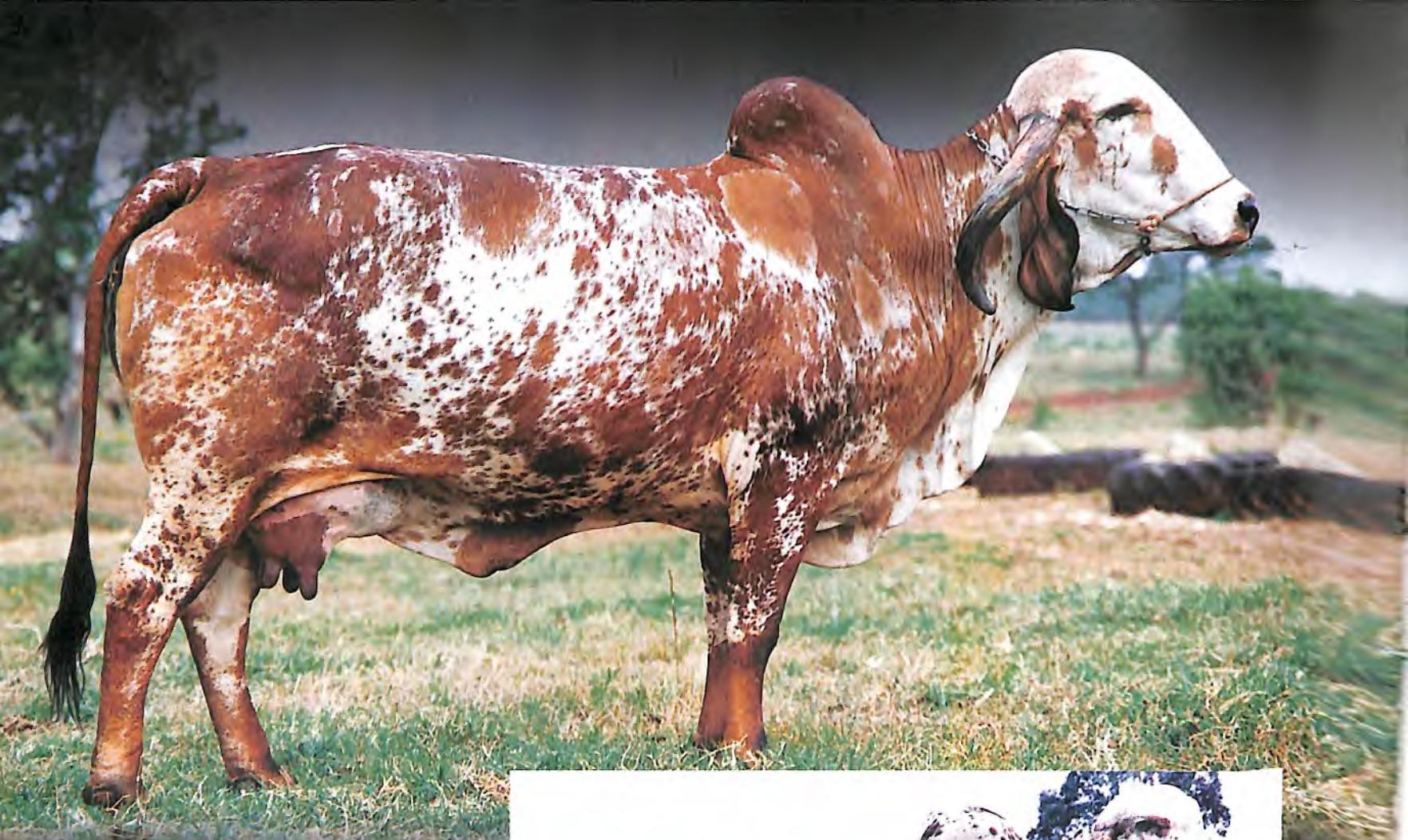


HABIBIE ZS



*Praticamos cruzamento
de Gir x Normando.
O resultado são fêmeas
que apresentam
excelente produção
leiteira, aliada a uma
boa conformação de
carcaça.*





BARBARA ZS



Fotos: Jadir Bisson



VEAZA ZS

COIMBRA ZS



FAZENDA AMERICANA *Zeide Sab*

Rodovia Castelo Branco KM 234

Itatinga - SP

Fone: (14) 9775-3501

Assim, o pecuarista terá sempre uma vaca meio-sangue (de Holandês, ou de Pardo-Suíço, ou de Jersey, ou de Guernsey, ou de Ayrshire, etc.). Num segundo estágio, ele tenderá a substituir esse gado por uma raça pura que garantirá o balde cheio, desde que tenha infra-estrutura adequada para isso.

Supõe-se que o Governo dará condições para que o campo produza muito leite, no menor número possível de propriedades, tendo em vista maximizar a chance de permanência dos estabelecimentos produtivos. Nesse enfoque, a raça Girolando e todos os compostos acima citados perderão o sentido de existirem. Talvez, no entanto, até lá, alguns compostos consigam se estabilizar na forma de raça pura, como vem tentando o Girolando.

Por isso tudo é importante saber exatamente onde aperta o calo, ou seja, estar bem atento aos ganhos e prejuízos na atividade leiteira, pois só ficará melhor se produzir mais leite com menor custo, no menor espaço possível e com maior permanência dos animais (permanência significa saúde).

Padronização dos Cursos de Inseminação Artificial em Bovinos

É de conhecimento geral que um dos gargalos da Inseminação Artificial é a disponibilidade e qualidade da mão-de-obra, que deve ser eficaz para obtenção de resultados positivos.

Com o objetivo de melhorar cada vez mais os cursos ministrados por nossos associados, e conseqüentemente, a capacitação dos inseminadores formados, reuniram-se técnicos de diversas empresas associadas (e parceiros) para discutir e definir os requisitos mínimos para que os cursos preferidos atendam a necessidade de capacitar inseminadores para utilizar a técnica com eficácia - sob orientação da ASBIA.

Foram definidos parâmetros como carga horária, número de instrutores

Notícia

por aluno, número de animais utilizados para aulas práticas, instalações necessárias, materiais obrigatórios, além de todos os assuntos que devem ser abordados nas aulas teóricas. Estes parâmetros vão possibilitar ao aluno condições de aprender de maneira eficiente todo o processo e etapas necessárias para a correta implementação de um programa de Inseminação Artificial.

É importante que mesmo nos cursos realizados a campo sejam cumpridas as exigências mínimas do Padrão ASBIA, pois a eficiência do inseminador é um dos principais contribuintes para o sucesso da Inseminação Artificial.

O Padrão ASBIA de Cursos de Inseminação Artificial estará sendo amplamente divulgado, inclusive na página da entidade na Internet.

(Informações: *Tais Lemos Crivellenti*,
Gerente Executiva da ASBIA,
fone: (11) 3836-5013
ou e-mail: taislc@asbia.org.br)

Você sabia...?

... que na mitologia hindu existem muitas histórias ligadas ao leite?

Entre elas conta-se que Manu, o pai de todos os homens, foi salvo do dilúvio universal por Vishnu. Em retribuição, Manu ofereceu um bolo de leite coalhado, manteiga e creme de leite. Do bolo, nasceu Ida, mulher de extraordinária beleza que despertou a atenção de Manu. Esta, para evitar o assédio que se aproximava, transformou-se em uma vaca. Manu, percebendo a manobra, transmutou-se em touro e a possuiu. Em seguida, em uma versão hindu da Arca de Noé, iniciou-se uma perseguição com diversas transmutações para outros animais - sempre fêmeas e machos - que repovoaram a Terra após o grande dilúvio.

Você sabia...?

... que o leite era símbolo de pureza e energia da vida, em religiões antigas?

Uma nova Ubre Blanca?

Ela continua imbatível desde que, em junho de 1981, produziu num só dia, em 3 ordenhas, 110,9 litros de leite, em Cuba. Recorde difícil de ser superado. Agora, os cientistas de Cuba retiraram amostras de seu tecido para tentar criar clones. Ubre Blanca é atração turística, está embalhada numa urna de vidro no Centro Nacional de Sanidade Agropecuária, na Ilha da Juventude, a 1 hora de avião de Havana. A notável vaca tem 5/8 de sangue Holandês e 3/8 de Zebu. Fidel Castro, na época, comentou: "Foi um presente que a Natureza deu para nós".



O leite no norte do Mato Grosso



Alta Floresta é uma cidade situada no Norte do Estado do Mato Grosso, na fronteira com o Pará, e já inserida na exuberante paisagem amazônica. Apesar do pouco tempo de existência, este município fundado em 1974 pelo tradicional colonizador do Mato Grosso, Ariosto da Riva, já se caracteriza como um dos pólos de desenvolvimento do norte mato-grossense. Atualmente o município conta com 50.000 habitantes e tem a sua economia baseada especialmente na agricultura, pecuária e exploração da madeira.

Dentre as atividades agropecuárias, vem chamando cada vez mais a atenção a incrível expansão da atividade leiteira. Os dados oficiais mostram que entre 1996 e 1999 houve um incremento de mais de 10 vezes no volume produzido de leite, cujo valor foi superior a 7,5 milhões de litros no ano de 1999. Em 2001, a produção diária do município estava próxima de 30.000 litros, provenientes de aproximadamente 1.400 produtores.

Mas o que surpreende é a taxa de crescimento da produção. Do ano de 98 para 99 a produção oficial de leite duplicou no município. Várias são as explicações para este fenômeno. Conforme aponta a médica veterinária do Ministério da Agricultura e da Prefeitura Municipal de Alta Floresta, Aedir Ribeiro de Souza, "a pecuária leiteira é uma atividade que sustenta a pequena propriedade e é uma das principais fontes de renda do pequeno produtor". A produção leiteira no município é baseada quase que exclusivamente em pequenas propriedades, com áreas totais variando entre 12 e 60 ha, num nítido

contraste com as grandes propriedades que se dedicam à pecuária de corte.

Um outro aspecto fundamental e que alavancou a produção leiteira na região foi o programa de fomento criado pela última administração municipal de Alta Floresta chamado "Programa Mais Leite". Dentre as atividades desenvolvidas neste programa destacam-se a difusão da Inseminação Artificial (IA) e o fomento à produção de silagem.

O projeto de difusão da IA envolve desde o fornecimento gratuito de sêmen aos pequenos produtores até a execução do serviço de IA por técnicos treinados e contratados pelo município. Através do programa de fomento à produção de silagem, a prefeitura disponibiliza equipamentos e implementos agrícolas para os produtores através dos núcleos de criadores.

Além dos equipamentos, os produtores recebem orientação gratuita de técnicos especializados da Secretaria da Agricultura do município.

A grande maioria dos produtores da região não dispõe de tanques resfriadores de leite, e a ordenhadeira mecânica ainda é um equipamento raro na região. No entanto já há uma intensa movimentação dos produtores no sentido de se organizarem em associações ou condomínios rurais para aquisição de tanques resfriadores, já tendo em vista a nova legislação de qualidade do leite que entrou em vigor no ano 2002. Além disso, recentemente já se instalou na cidade uma revenda de equipamentos de ordenha, devido à potencial demanda que começa a surgir. Também se especula que haja interesse na instalação de uma nova empresa de laticínios no município e também a captação de leite na região por parte de um dos grandes laticínios brasileiros.

O município conta atualmente com um laticínio instalado e com inspeção oficial do SIF. Além disso, outros laticínios da região também captam leite no município. O laticínio Kayabi, atualmente instalado no município e com apenas 2 anos de existência, capta cerca de 30.000 litros/dia, provenientes de 1.400 produtores. Todo o leite é captado em latões e a matéria-prima destina-se basicamente à produção de

leite pasteurizado em saquinho e musarela. O preço médio pago aos produtores no ano de 99 foi de R\$ 0,20, já descontado o frete.

Quando os frutos desse amplo programa de fomento, promovido pela Prefeitura Municipal começarem a ser colhidos, isto é, melhoramento genético do rebanho, utilização de forragens conservadas na época da seca, melhoria do padrão sanitário do rebanho, associado à utilização de tanques resfriadores comunitários e ordenha mecânica, que vai possibilitar a utilização de duas ordenhas diárias por grande parte dos produtores, a expectativa é que a região se transforme numa sólida e competitiva bacia leiteira, o que consolida o fato de que as áreas de fronteira agrícola são grandes contribuintes para o aumento sistemático da produção de leite no país.

Segundo Aedir Souza, médica veterinária do MA e da Prefeitura de Alta Floresta, "o principal sistema de alimentação dos produtores de leite da nossa região é o regime de pasto livre, com grandes piquetes, sendo que o principal capim utilizado é a *Brachiaria brizantha*. Com a introdução do "Programa Mais Leite" da Prefeitura Municipal, começou um trabalho de esclarecimento da importância da complementação da alimentação do gado leiteiro. Sendo assim, em algumas propriedades já começaram a implantar áreas para plantação de cana, milho e napier, e também a usar farelo de arroz e uréia na alimentação. Isso é utilizado principalmente na época da seca, que vai de julho a setembro".

Os produtores de leite, bem como a maioria dos habitantes do município, são oriundos de outros estados. Possuem nível mais baixo de escolaridade, mas com o trabalho da Secretaria de Educação que levou as escolas até as comunidades rurais, juntamente com a chegada da energia elétrica, a informação se tornou de acesso fácil, conseqüentemente o pequeno produtor se tornou mais exigente com relação às informações técnicas levadas até eles. A produção leiteira é feita em pequenas propriedades, que variam de 12 a 60 hectares, que são sítios e chácaras que abastecem o laticínio do município e da região. ■

Fazer parte do Conselho da Carne do Gir não é tarefa fácil, diante do vácuo deixado pela raça nas últimas décadas e diante da imensa solicitação que o mercado faz para a raça.

A raça Gir acabou de implementar o Conselho Técnico da Carne, uma necessidade urgente diante do rol de necessidades que se desenha para todas as raças bovinas brasileiras.

Não há tempo a perder, pois o mercado mundial quer comprar mais e mais carne do Brasil. E mais: carne com Certificado de Qualidade, carne produzida com alta tecnologia, dentro de especificações rígidas. A raça que não se incluir como produtora de carne, agora, poderá ficar fora do "bolo" do futuro. Assim, a palavra-do-dia é "planejamento" para a pecuária. Ou seja, empresários cada vez mais fortes do setor já compreenderam que é necessário investir no solo, depois nas plantas e, finalmente, em Genética, para obter uma carne de boa qualidade e lucrativa. Nessa ótica, nenhum país apresenta as condições que o Brasil esbanja à vontade.

Por outro lado, a biodiversidade bovina brasileira não é tão vasta, ou seja, a pecuária de corte não pode dispensar nenhum patrimônio genético disponível para formar o "composto bovino" lucrativo, pois as raças rústicas são poucas. Existe, de fato, um grande espaço para todas as raças rústicas, pois metade do Brasil ainda está para ser ocupado com pecuária, mas o rebanho brasileiro futuro está estimado em até 400 milhões de cabeças, apresentando hoje apenas 170 milhões! As diversas regiões climáticas exigem um gado adequado, pois não existe um único gado "nacional", a não ser na mitologia popular e na divulgação de comerciantes.

Por outro lado, a pecuária extensiva vai cedendo espaço à pecuária mais intensiva, praticada em áreas menores e com mais tecnologia. O animal deixará de ser andejo e, então, desenhasse perfeitamente o Gir, raça que maior convívio teve com o ser humano, na História.

O Gir é destaque, até porque já teve sua carcaça sobrevalorizada em um momento da História, justamente por apresentar maior porção de carne-de-

primeira, além de maciez e sabor. De fato, durante a 2ª Guerra Mundial, alguns frigoríficos pagavam mais caro pela carcaça do Gir! O Gir já tinha, naquele tempo, a vantagem que começa a existir somente no ano 2002 por parte de alguns frigoríficos voltados para exportação! Mais de meio século de desperdício de tempo ...

Por que o Gir apresenta uma carcaça superior? Simplesmente devido à

linhagens segregadas com essa finalidade.

Na pecuária atual, os empresários procuram raças para formar o "composto rústico", para garantir as vacadas-criadeiras no campo, sob o sol tropical. Eles já entenderam que o uso indiscriminado de raças européias permite o melhoramento da carcaça, mas a um custo crescente, a médio e longo prazo. O melhor caminho, então,



As vacas Gir apresentam, naturalmente, um posterior avantajado, casado com extrema feminilidade. Esse é um exemplo de vaca ideal para os trópicos, rentável em carne e em leite.

Tipologia Bovina que determina que "os animais convexilíneos apresentam carcaça convexa, posterior avantajado, com massas musculares acentuadas, e maior rendimento em carnes-de-primeira". O Gir é a única raça ultraconvexilínea entre os bovinos do planeta e as suas características de carcaça jamais deverão ser abandonadas, mesmo que venha a ser direcionado para leite. É sabido, no entanto, que a infusão de sangue de raças européias leiteiras pode influenciar, decisivamente, as massas musculares do Gir e, então, ele perderá muito terreno na área da pecuária de corte. Assim, o Gir destinado à pecuária de corte deve manter

tem sido o estabelecimento de uma vacada-criadeira lucrativa, a qual permite - depois - a utilização de raças européias superespecializadas no acabamento da carcaça.

E onde está o Gir de corte que ainda não foi introduzido nos programas especiais de corte? A ausência do Gir vai provocando um fosso profundo, pois já permitiu o ingresso da raça Senepol, da raça Bonsmara, da raça Tuli, da raça Nguni, e já se fala de uma dezena de outras raças africanas e da Ásia. Até o Sindi já vem sendo pesquisado! Todas são vermelhas ou chitadas como o Gir. Se o Gir não assume o seu papel, outros tomam o seu lugar! Todas

J8

FAZENDA SAN

**Controle Leiteiro
Oficial: EMBRAPA / ABCZ**



**Gir de Excelente
Padrão Racial**



Selecionamos Gir & Girolando para encher o Balde



NTA EDWIGES

J8



**Alta Produtividade
em Gir & Girolando**

**GIR LEITEIRO
& GIROLANDO**



**Venda Permanente
de Tourinhos.**



JOSÉ MARIA DE SOUZA
Av. Felipe dos Santos, 930
Ipatinga - MG

**Fone: (31) 3826-1651
3799-7003**

estas novas raças são apresentadas ao mercado com uma finalidade: auxiliar na formação da vacada-criadeira tropical, papel este em que o Gir devia ser essencial, pela sua aptidão leiteira, aptidão para carne, mansidão, gregariedade, pureza milenar e sentido social.

Ora, o tão badalado Guzonal (Guzerá x Nelore) já constituiu uma fêmea meio-sangue fenomenal, que pode ainda ser mais lucrativo se receber infusão de Gir. O produto triclós seria um "composto zebuínio" de raças puras, sem paralelo no mundo dos trópicos. Esse poderia até se fixar, devido à sua elevada rentabilidade. Afinal, um rebanho de 400 milhões de cabeças precisará de muitos "compostos zebuínios" na base.

Resta perguntar, de novo: cadê o Gir? Cadê os animais Gir para realizar essa infusão? Cabe ao Conselho Técnico da Carne, na Assogir, o papel de divulgar as características de carcaça e as vantagens para o uso do Gir. Quando isto acontecer, haverá uma "corrida" em direção ao Gir, fazendo os animais de corte valerem muito mais que os leiteiros. Esta é uma realidade cristalina.

Em suma: faltou ao Gir, desde a década de 1960, estabelecer Provas Zootécnicas realistas sobre o desempenho de carcaça, principalmente em mestiços. Foi um longo tempo perdido e, hoje, o mercado está batendo às portas. Estas provas podem ser realizadas com extrema rapidez, merecendo divulgação desde o primeiro dia. Também os testes de carcaça, em frigoríficos, exatamente como vem fazendo o Nelore. O caminho é longo, mas

a estrada está toda demarcada, sem chances de erro.

As últimas notícias mostram que alguns empresários do Mato Grosso já fizeram experiências com o Gir e desistiram, pois utilizaram apenas Gir de leite, provocando uma queda no rendimento de carcaça. Isto já era esperado com o gado leiteiro. Então, de novo, volta a pergunta: "cadê o Gir destinado a atender aos pecuaristas de corte"?



Modernamente, muitos criadores já começam a tratar bem seus produtos, como se fosse uma indústria. É hora de parar com a indústria da "fome", como sinônimo de rusticidade.

Será que a raça Gir vai utilizar, com rapidez, alta tecnologia para definir e entregar ao mercado os produtos de que ele precisa, ou vai continuar gastando mais tempo em discussões imberbes sobre a funcionalidade para leite ou para carne?

Nunca é demais lembrar que uma raça bovina é o resultado de uma codificação genética e alterar esta codificação não é tarefa fácil. O Gir é uma espetacular raça de porte médio (!) com linhagens francamente voltadas para leite e outras voltadas para carne. Assim, posicionar a raça como sendo apenas leiteira, tendo a carne como subproduto chega a ser uma ironia diante das leis da Natureza. O Gir é milenar

mercado mundial e garantir aos criadores uma fatia desse mercado. Afinal, o mercado leiteiro só tem feito e destruído produtores que, no fundo, são reféns da atividade nas mãos dos laticínios e dos órgãos governamentais, enquanto que o mercado de carne tem enriquecido muita gente. Afinal, é o mercado da carne que permitirá passar de 170 para 400 milhões de cabeças.

O mercado de carne vai se expandir, explosivamente, enquanto que o mercado leiteiro vai se contrair, dramaticamente - essa é a decisão do mercado. O Gir deve fazer parte dessa maratona, tanto no setor de carne como no de leite, pois sempre esteve na dianteira dos acontecimentos. ■

Você sabia...?

... que rebanhos de ovelhas e de cabras - provavelmente os primeiros animais a serem domesticados - surgiram no Oriente Médio, a partir de 8000 a.C., mas não como fenômeno isolado? Também as fêmeas do camelo e do dromedário, no Saara, a rena, no Alasca, e a vaca, na Ásia Central, serviram como fontes de leite.

Você sabia...?

... que, no século I d.C., devido aos problemas sanitários, o leite passou a ter uma imagem negativa entre os romanos? Eles designavam por bárbaros aqueles povos que consumiam somente carne e leite, contrapondo-se aos civilizados, que consumiam produtos com maior grau de elaboração, como vinho e azeite de oliva.

Você sabia...?

... que por volta de 1750, comentava-se o seguinte: "Não existe lojista, cozinheira, faxineira que, de manhã, não tome café com leite. Nos mercados públicos, em determinadas ruas e passagens da capital, instalaram-se mulheres que vendiam aos transeuntes o que designavam por café com leite, isto é, leite ruim tingido com borra de café". O leite dominava.

Girolando do Trapiá

Ricardo Barros Méro

Quebrângulo - AL

Fones: (82) 241 - 4461
9971 - 2945



ANDORINHA DO TRAPIÁ



MEDALHA DO TRAPIÁ



MARRECA DO TRAPIÁ



GINA DO TRAPIÁ

O Quadro mostra que a vaca brasileira produz, em média, 1.105,39 litros/ano, ou 3,028 litros/dia. Ou seja, ela evoluiu bastante na última década.

A maior produtividade está no Rio Grande do Sul, com 1.804 litros/ano ou 4,94 litros/dia.

A menor produtividade está no Piauí, com apenas 398 litros/ano ou 1,09 litros/dia.



Produção média da vaca brasileira por Estado

Estado	Vacas ordenhadas (cab)	Produção (1000 l)	Produtividade (l/vaca/ano)		Rebanho (cab)
Acre	68702	40804	594	40808,9	1033311
Alagoas	160399	217887	1358	217821,8	778750
Amapá	6324	3735	591	3737,5	82822
Amazonas	65458	36680	560	36656,5	843254
Bahia	1508904	724897	480	724273,4	9556752
Ceará	440704	331873	753	331850,1	2205954
Distrito Federal	25498	36318	1424	36309,1	112139
Espírito Santo	329437	378068	1148	378193,7	1825283
Goiás	2006038	2193799	1094	2194605,5	18399222
Maranhão	303616	149976	494	149986,3	4093563
Mato Grosso	401427	422743	1053	422702,6	18924532
Mato Grosso do Sul	443623	427261	963	427208,9	22205408
Minas Gerais	4414779	5865486	1329	5867241,2	19975272
Pará	800719	380319	475	380341,5	10271409
Paraíba	176368	105843	600	105820,8	952779
Paraná	1155072	1799240	1558	1799602,1	9645866
Pernambuco	321216	292130	909	291985,3	1515712
Piauí	192269	76555	398	76523,1	1779456
Rio de Janeiro	391955	468752	1196	468778,2	1959497
Rio Grande do Norte	177636	144927	816	144950,9	803948
Rio Grande do Sul	1164912	2102018	1804	2101501,2	13601000
Rondônia	459182	422255	920	422447,4	5664320
Roraima	24180	9958	412	9962,1	480400
Santa Catarina	576656	1003098	1740	1003381,4	3051104
São Paulo	1790550	1861425	1040	1862172,0	13091946
Sergipe	132253	115142	871	115192,4	879730
Tocantins	347142	156018	449	155866,7	6142096
	17885019	19768207	-	19769920,6	169875525

Média geral ponderada do país = 1.105,39 litros/ano ou 3,028 litros/dia.

Menor produtividade = 398 litros/ano, ou 1,09 litros/dia (Piauí)

Maior produtividade = 1.804 litros/ano, ou 4,94 litros/dia (Rio Grande do Sul).

Fonte: Embrapa Gado de Leite 2001.

Bom porque é Gir, melhor porque é mocho, ótimo por ser leiteiro.



BANJO DO IPÊ OURO (Raro K-42 x Gávea da Floresta)



JAMBO DO IPÊ
(Pai de Jambo II do Ipê)
● Momento da premiação.
Dourado e Arnaldo M. Borges (*Arnaldinho*)



BERLINDA, com seu filho **PRÍNCIPE**.
(JACARANDÁ TE JFR/PMGRG)
● Certificado de vaca especial em produção e reprodução (emitido pela ABCZ), com intervalo de partos de 12 meses, com parto duplo (melhor vaca Gir Mocha Leiteira do Brasil)



JAMBO II DO IPÊ

- Grande Campeão no Maranhão, apresentado pelo mais novo girista, Alexandre Vinicius Dourado, de apenas 12 anos.
- Imagem do Campeão no momento em que desfilara na abertura da Expoema 2001.

RANCHO DO IPÊ

Antonio José Dourado de Oliveira
COLINAS - MA

Telefax: (98) 249-0159

Embrapa e Epamig somam esforços para ampliar o rebanho de F1 em Minas Gerais

Os trabalhos de Fertilização *in vitro* (FIV) na Embrapa Gado de Leite foram impulsionados em meados do ano passado, quando a Empresa importou equipamentos sofisticados para a condução das pesquisas. "Nosso laboratório de reprodução animal é um dos mais modernos do país, permitindo-nos realizar inclusive estudos de clonagem", diz o pesquisador Ademir de Moraes Ferreira. A equipe de reprodução da Unidade produziu, em meados de 2000, a primeira bezerra de proveta de Minas Gerais (um animal da raça Holandesa). Logo em seguida, foram fertilizados *in vitro* e inovulados para gestação vários embriões da raça Gir. Com o domínio da técnica, a equipe de reprodução está agora desenvolvendo estudos para viabilizar economicamente a FIV e torná-la disponível ao produtor.

Ademir diz que o objetivo é melhorar o protocolo da técnica, tornando a FIV mais eficiente. Atualmente são coletados cerca de 14 ovócitos, duas vezes por semana, de uma vaca doadora. Cerca de 10% destes ovócitos se transformam em gestação. "Queremos ampliar este percentual, tornando a técnica mais eficiente". Os pesquisadores querem ainda descobrir o cus-

to real do embrião quando produzido em grande escala. Para este fim, a Embrapa Gado de Leite firmou parceria com uma empresa agropecuária. À Embrapa caberá a produção dos embriões. A empresa parceira fornecerá as vacas doadoras, receptoras e o sêmen, fará a coleta do material e irá inovular os embriões. "Esta é uma forma de analisar a técnica do ponto de vista empresarial", diz Ademir.

Todos os estudos serão realizados com animais das raças zebuínas e seus mestiços. "O objetivo final do nosso trabalho é produzir animais meio-sangue Holandês/Zebu (F1)". Para as condições brasileiras, o mestiço meio-sangue é bastante valorizado e existe uma grande demanda para este tipo de animal. O F1 incorpora características positivas do Holandês (boa produção de leite) e do Zebu (tolerância ao calor e resistência aos parasitas). "O problema hoje é mantermos um rebanho com estas características; quando cruzamos um F1 com um Holandês ou Zebu, usando a monta natural ou inseminação artificial, o animal resultante deixa de ser meio-sangue". A FIV é a técnica que poderá resolver este problema da forma mais eficiente.

Parceria da Embrapa com a Epamig irá acelerar os estudos

Para colocar o método de fertilização *in vitro* a serviço do produtor rural, a Embrapa Gado de Leite e a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) firmaram uma parceria em meados do ano passado. O convênio entre as empresas prevê a formação de uma equipe de reprodução conjunta, em que a Epamig contratará dois médicos-veterinários recém-doutores que se somariam aos quatro pesquisadores da Embrapa.

Obtida a melhoria do protocolo da FIV, o próximo passo será a criação de uma rede de pequenos laboratórios nas principais regiões produtoras de Minas. "Um dos problemas do método é a baixa taxa de gestação quando se usa o embrião FIV congelado", diz Ademir. Com os laboratórios próximos das receptoras, grande parte desses embriões não precisará ser congelado e a utilização se dará a fresco.

Quando esta rede de produção de bezerros de proveta estiver formada, a equipe de reprodução da Embrapa/Epamig prestará consultoria contínua aos laboratórios, da implantação ao acompanhamento de todas as etapas



O Gir Leiteiro da Fazenda Xanadú

Em 1991, teve início a criação de Gir Leiteiro na Fazenda Xanadú, em Iguatama, Minas Gerais. O rebanho inicial foi composto por 27 matrizes descendentes de touros vindos da Índia (como Krishna, Vijaya, Saravay, Demenso e Subud), selecionadas no criatório do Dr. Gabriel Donato de Andrade (marca Cal).

Assim, incorporou-se ao trabalho da Xanadú uma parcela importante da bem sucedida experiência de seleção da Fazenda Calciolândia, cujo rebanho, em suas origens, descende do criatório de Continentino Jacinto da Silva, que submetia suas matrizes ao Controle Leiteiro desde 1955.

Desde então, a Xanadú concentrou seu trabalho na herança de **Pancada da Cal**, matriz de exceção que deixou dois touros na Fazenda, além de incorporar ao criatório outros plantéis de renome. Alicerçada nesta base genética incontestável, passou a utilizar-se de novas opções de touros indianos como Premnath, Tokario, Dadamyio, Madhul e Roophano, imprimindo características próprias à sua seleção.

Neste particular, destaca-se **Águila XA**, o grande semental da Xanadú. Excepcional filho da matriz de exceção Pancada da Cal, é irmão de Senxém da Cal, campeã mundial de produção da raça gir com lactação de 11.207 kg. **Águila XA** é uma reserva genética das linhagens Vijaya e Subud, e suas filhas destacam-se pela precocidade, produção leiteira e grande porte.

Os resultados, após 11 anos de criação e seleção e estando já na 4ª. geração de animais nascidos e criados na Xanadú, são o reflexo de uma rigorosa opção:

- pela genética indiana de produção leiteira;
- pela seleção funcional e adaptada ao clima tropical;
- por um controle leiteiro que se estende a todas as matrizes da fazenda, com média móvel de 7,5 kg/vaca/dia;
- Por produção média de 305 dias de leite (10 meses de lactação);
- por um intervalo entre partos médio de 14 meses;
- pelo manejo rústico, sem artificialidades, como é na sua fazenda;
- pela visão econômica, que garante rentabilidade e lucratividade ao produtor.



Águila XA



Heliaco XA

A melhor prova disto é o jovem reprodutor Heliaco XA, legítimo representante de nosso trabalho que, *com apenas 20 (vinte) meses* e disputando com touros adultos gir padrão, sagrou-se **Grande Campeão da Raça** na Exposição Agropecuária de Arcos 2002.

Invista na genética XA!
Faça-nos uma visita
e conheça o nosso trabalho!

Venda permanente de tourinhos Gir Leiteiro P.O.

Contatos: Em Iguatama/MG: (37) 9975-1030 (João Celso)
Em Belo Horizonte/MG: (31) 9959-8708 (Luciano)
(31) 9618-0949 (Vanir)



do processo de fertilização. Os laboratórios poderão ser criados por cooperativas, prefeituras, associações de produtores ou sindicatos rurais. Várias instituições já contactaram a Embrapa, demonstrando interesse na criação desta rede.

Epamig pesquisa viabilidade de F1

A Epamig vem conduzindo um importante projeto de estudos da viabilidade econômica e zootécnica dos rebanhos F1. Os pesquisadores da Empresa estão testando quais cruzamentos oferecem os melhores resultados (Holandês X Gir, Holandês X Guzerá e Holandês X Nelore). Para a realização destes trabalhos, foram montadas cinco fazendas no Estado. Os resultados obtidos pela Epamig darão importantes subsídios para a equipe interinstitucional de reprodução a ser criada, definindo qual o tipo de F1 a ser mais intensivamente multiplicado. "A demanda por F1 é grande, não só em Minas Gerais mas também em vários Estados do País", afirma Ademir. Com a FIV, sendo realizada em larga escala, a técnica poderá ultrapassar as fronteiras de Minas Gerais e se tornar uma ferramenta importante para o crescimento da pecuária de leite no Brasil.

Algo que irá alavancar ainda mais o método de FIV é a sexagem dos es-

permatozoides. A Embrapa vem observando de perto os estudos de várias instituições de pesquisa do Brasil e do mundo, neste sentido. Quando esta tecnologia estiver disponível, o produtor poderá escolher o sexo do embrião. O que será importante para a pecuária de leite, onde há maior interesse pelas fêmeas no rebanho. Para Ademir, a FIV, com a sexagem dos espermatozoides, proporcionará uma revolução tão grande nas técnicas de reprodução animal, quanto aquela provocada pelo uso da inseminação artificial em sua fase inicial.

As diferentes técnicas de reprodução

A inseminação artificial, surgida em meados do século passado, foi o primeiro grande salto que os trabalhos de reprodução deram em favor do melhoramento genético dos animais. O objetivo desta técnica é aproveitar ao máximo o sêmen dos melhores touros. O bezerro é o resultado do material genético do pai e da mãe. Em tese, um bezerro herda 50% das características de cada um. Se o touro for bom, imagina-se que pelo menos metade das características do bezerro que ele produzir terá boa qualidade.

A FIV pretende aproveitar, em maior escala, o material genético da mãe. Com a técnica, retira-se as células reprodutivas da vaca (ovócitos) e realiza-se a inseminação no laboratório, utilizando o sêmen de touros provados. A monta natural permite que uma vaca tenha, no máximo, um bezerro por ano. Com a FIV, a mesma vaca poderá produzir mais de 50 bezerras/ano. Para isto são necessárias as chamadas barrigas de aluguel: vacas que receberão os embriões produzidos nos laborató-

rios. Ademir explica que é por isto que a técnica atende melhor à demanda por F1. Um rebanho meio-sangue pode ser mantido neste mesmo grau de sangue. Para isto é só colocar os embriões F1 no útero das vacas do rebanho em vez de adotar a inseminação artificial.

Outra técnica que tem como principal objetivo a multiplicação do material genético da vaca é a transferência de embriões (TE). Só que este recurso é mais limitado em relação à FIV. A TE permite a produção de oito a 12 bezerras por ano a partir de uma mesma doadora (cerca de 1/5 da FIV). O que há de mais moderno em termos de reprodução animal é a clonagem. Mas isto é algo utilizado ainda em pesquisas e, como a transgenia, levará algum tempo para trazer benefícios para o produtor rural.

Informações: SAC - (32) 3249-4753

Você sabia...?

... que o uso do cacau não se limitava às bebidas dos nobres ou aos medicamentos, era também usada como moeda de troca? Para adquirir um coelho, bastavam quatro sementes, mas era preciso ter cem frutas, se o objetivo era ter um escravo.

Você sabia...?

... que, em 1866, o imperador Napoleão III, ao espírito da época, lançou um concurso em busca de uma gordura sadia, econômica e de boa conservação, que se destinaria às classes trabalhadoras, à marinha mercante e ao exército? O vencedor foi Mège-Mouriès, com a produção do óleo-margarina, composto de banha de boi fundida e emulsionada por uma mistura de água e caseína de leite.

Você sabia...?

... que os tártaros consumiam grande quantidade de leite de éguas, como acompanhamento de refeição onde entravam gafanhotos, secos e moídos?

Os produtores de leite, tradicionalmente, nas regiões tropicais, exploram a produção de leite a pasto. Nessas regiões, a produção média por vaca é baixa, comparada com a produção de leite de países localizados nas regiões temperadas. A principal razão da grande diferença na produção de leite, quanto ao volume de produção por vaca, são os sistemas de produção adotados pelos produtores dessas regiões.

No Brasil existem, segundo informações da Embrapa Gado de Leite, mais de 1,2 milhões de produtores. A produção de leite total fica em torno de 20-21 bilhões de litros/ano. Isto significa uma produção média diária de 45-60 litros de leite por produtor.

Bastaria que 1% - isso mesmo, um por cento - dos produtores adotasse um dos sistemas intensivos de produção, como usualmente utilizado nas regiões temperadas e explorasse somente vacas de alta produção, como a raça Holandesa, para acontecer uma revolução. Se cada produtor tivesse 200 vacas com produção média de 25 litros por dia, o quadro seria o seguinte:

$$25 \times 365 \times 200 \times 12.000 = 21,9 \text{ bilhões de litros/ano.}$$

Ou seja, restariam apenas 12.000 produtores de leite no Brasil, mas a produção permaneceria a mesma. O leite, pelo contrário, melhoraria em qualidade. Então, exatamente 1.188.000 milhões de produtores estariam fora do mercado.

Sabe-se, no entanto, que alguns produtores das regiões temperadas conseguem média de 38 litros por vaca e por dia. Nesse caso, a produção seria de 33,288 bilhões de litros - ou seja, um acréscimo de 52%. O mercado interno seria melhor abastecido e haveria excedente para exportação. A renda média dos produtores poderia ser substancialmente aumentada. Esses produtores, por consumirem produtos como máquinas e equipamentos, medicamentos, rações, etc. gerariam empregos na cidade, tanto na indústria quanto no comércio.

Sabe-se, no entanto, que muitos produtores de leite estão aumentando o número de vacas em produção e, em algumas fazendas, são exploradas mais de 1.000 vacas em lactação! Obviamente, aumentando o número de vacas por sistema de produção, have-

rá concomitantemente redução do número de fazendas para atender o abastecimento de leite. Isto já aconteceu nos Estados Unidos. No início do século XX havia mais de 3 milhões de produtores e, atualmente, menos de 100.000. Isto aconteceu naquele país em virtude dos altos custos, principalmente com a mão-de-obra, rações, equipamentos, instalações, etc. Um dos fatores que tem sido enfatizado nos países de clima temperado, é a produção de leite por mão-de-obra envolvida na atividade (escritório, ordenhadores, tratadores, proprietários, etc.). Em algumas propriedades, essa relação chega a 1.300 - 1.600 litros por empregado/dia. Pelo aumento da produção por fazenda, vem gradativamente sendo reduzido o número de produtores e o número de vacas, sem contudo reduzir o total de produção para abastecimento do mercado. Desse modo, diversas simulações podem ser feitas.

Outro cenário ocorre nos países em desenvolvimento, pois a exclusão de grande contingente de produtores, em curto prazo, provocaria um enorme êxodo rural. A migração de produtores e



seus familiares, além de empregados rurais, sem dúvida, provocaria um caos nas cidades, se não forem adotadas medidas para absorver os mesmos, em termos de moradia, escola, empregos, etc.

Um fenômeno inverso, no entanto, vem ocorrendo no país. Pessoas do Movimento dos Sem-Terra (MST), desejam retornar ao campo para produzir e, para isso, querem terra, razão das suas invasões sob alegação de que existe terra improdutiva. Se fossem mantidos os 1,2 milhão de produtores de leite existentes no país e se fossem acrescidos mais 52% de novos produtores, oriundos desse movimento, o país contaria com 1.824.000 produtores. A produção total de leite no Brasil chegaria a 30-31 bilhões de litros de leite, ou seja, uma produção inferior a 2,288 bilhões de litros em relação a uma situação de emprego de mais tecnologia, como já mostrado.

São opções que devem ser analisadas em termos de se escolher qual alternativa seria melhor para o país, ou seja, fixar um maior contingente de pessoas na produção - com baixo em-

prego de tecnologias - ou adotar um sistema mais intensivo, com baixo emprego de mão-de-obra, a exemplo do que vem ocorrendo em países que



Uso de Normando com Gir.

optaram pelo emprego de mais tecnologia e aumento de produção por animal, por área e por empregado, com objetivo de obter mais lucros e renda para a atividade.

Levando-se em conta os diversos aspectos de competitividade que vem ocorrendo no mundo, nos diversos setores (financeiros, industrial, comercial, etc.) de interesse econômico, o país que adotar a política errada, fatalmente ficará à mercê daquele outro que for

mais eficiente, o qual além de produzir com mais tecnologia, subsidia o seu setor agrícola, modernizando o mesmo e tornando-o mais competitivo no tocante à geração de excedentes.

Portanto, o produtor brasileiro deve contar com o apoio no sentido de que ele possa trabalhar e investir, modernizando os seus sistemas de produção e explorando-os de forma competitiva e com possibilidade de obter lucros na atividade. ■

Santa Mônica terá 400 bovinos para estudo genético

O Campo Experimental de Santa Mônica, localizado em Valença/RJ, terá um dos maiores rebanhos de bovinos do país destinado ao estudo genético. A Embrapa Gado de Leite vem produzindo uma população de 400 animais F2 (segunda geração resultante do cruzamento de bovinos das raças Holandesa e Gir). Os animais fazem parte de um projeto pioneiro no país: identificar, no genoma dos bovinos, genes associados às características de interesse econômico para a pecuária.

Quase metade do rebanho já está formado. "O genótipo destes animais está sendo estudado por meio de marcadores genéticos" explica o chefe-adjunto de Pesquisa e Desenvolvi-

mento da Embrapa Gado de Leite, Mário Luiz Martinez.

"Queremos definir, a médio prazo, quais são os genes responsáveis por características que possam implicar no aumento da produtividade e da qualidade do leite e da carne", diz Martinez.

O material genético coletado no Campo Experimental é enviado ao Laboratório de Genética Molecular da Embrapa, em Juiz de Fora/MG. Inaugurado recentemente, o Laboratório custou 334 mil dólares. Para dar suporte ao trabalho, a Embrapa coordena a Rede Nacional de Genoma Bovino. O objetivo é centralizar os esforços de diversas instituições que realizam pesquisas genéticas no País. ■

Notícia

Você sabia...?

... que, na Alsácia, na França, utilizava-se um bolo de batata cozida no leite com manteiga e toucinho (gruau)? Era o prato preferido por todos.

Você sabia...?

... que, na mitologia greco-romana, o leite é fator de união entre o divino e o humano, entre o mortal e o eterno e, além disso, o gerador de vida no céu e na Terra?

Você sabia...?

... que a Via Láctea, segundo a mitologia grega, surgiu depois que Hércules sugou o seio da deusa Hera com tanto ímpeto que o leite continuou jorrando? Do leite que conseguiu cair sobre a Terra, nasceu a flor-de-lis.

Você sabia...?

... que, nos Vedas, na Índia, existe a oração "agnihotra", falando sobre o leite? É cantada da seguinte forma: "Indra e Agni, este leite é alegre canto. Que ele dê a imortalidade ao homem piedoso que sacrifica".



Tradição na raça Gir

Inimá Garcia Leão

R. Goiás, 1899 - Divinópolis MG - 35.502-027
Fones: (37) 3222-3722 / 3222-5615

MASTER-TE JFR-1734 (Benfeitor Cal X Régia)



Seu pai, **BENFEITOR CAL** (Touro Provado)
Melhor Touro classificado no ranking
Teste Progênie Gir Leiteiro da EMBRAPA/ABCGIL.
PTA: 347,66

Sua Mãe, **RÉGIA JFR** recordista de
controle leiteiro oficial ABCZ / EMBRAPA
e campeã em vários torneios leiteiros,
com produção superior a 6400Kg de leite.
Valor Genético: 636.53

Várias irmãs maternas
e paternas com produção
superior a 5000 Kg de leite.

PARTICIPA DO TESTE PROGÊNIE ABCGIL/EMBRAPA

SÊMEN À VENDA COM O PROPRIETÁRIO

Richard e Francisco L'Abbate

Telefone: (31) 3274-6886 / (31) 3773-3745 / Cel.: (31) 9981-6186

GIROLANDO DOS IPÊS - O Gado dos Trópicos

VENDA PERMANENTE DE NOVILHAS - F1

**A Fazenda Vale dos Ipês
possui um plantel de
Gado Gir Leiteiro para
produção específica de
matrizes Girolandas - F1,
gado rústico, criado a pasto.**



Richard e Francisco L'Abbate

Fazenda Vale dos Ipês - Paraopeba - MG

Telefone: (31) 3274-6886 / (31) 3773-3745 / Cel.: (31) 9981-6186

Umbuzeiro

80 Anos de Gir Leiteiro

Existem três árvores históricas que são "tombadas" pelos governos nordestinos: uma gameleira, no bairro do Espinheiro (Recife, PE), o famoso cajueiro (em Pirangi, RN) e, agora, a jurema-branca, na Estação Experimental de Umbuzeiro (Umbuzeiro, PB) - pela História que elas guardam em seus galhos frondosos...



A jurema-branca, "tombada" durante a solenidade, uma das três árvores tombadas pela história nordestina.

Ao lado da jurema-branca pontifica a sede do Gir Leiteiro Brasileiro. Segundo a Embrapa, no início da década de 1980, ali está "a capital do Gir Leiteiro" neste país. De fato, Umbuzeiro, cuja existência remonta ao início da década de 1920, como Posto de Monta, tornou-se notória por ter promovido e mantido um progressivo melhoramento da pecuária leiteira naquela íngreme e rústica região paraibana. Difícil era chegar a Umbuzeiro quando não havia estrada asfaltada, devido às escarpadas montanhas que assustavam os viajantes. Hoje, a viagem é tranquila, la-deando picos e rochas íngremes.

Umbuzeiro, no entanto, é exemplo notável das dificuldades nordestinas: ali impera o mais sutil complô do clima contra o homem sertanejo desavisado. As secas são constantes, os veranicos liquidam as esperanças nas pequenas safras. O destino do homem é acreditar que os poucos bovinos ga-

rantirão o sustento da família. Por isso, Umbuzeiro sempre foi mais que um estabelecimento de pesquisas, sempre foi o próprio símbolo de conquista da terra sertaneja. De fato, Umbuzeiro é um estandarte da fé sertaneja.

Ao completar 80 anos de existência, as vacas Gir compareceram - solenemente - à missa campal, ao lado de autoridades. Um gesto simbólico, sim, mas que representa a gratidão do sertanejo em levar como prenda para o Divino justamente aquilo que tem de melhor: as vacas leiteiras de Umbuzeiro.

A história - Umbuzeiro é um romance que, um dia, precisaria ser escrito. A jurema-branca viu capítulos maravilhosos e outros inenarráveis sob sua sombra frondosa. Ali nasceram e frutificaram grandes idéias. Em 1937, Epitácio Pessoa transformou a Estação de Monta, onde vigoravam muitas raças, em um estabelecimento de melhoramento de gado leiteiro especificadamente para a região tropical seca. Era o início acelerado da seleção de Gir.

Foi o Gir de Umbuzeiro a primeira tentativa oficial de seleção de uma raça zebuina para leite - no mundo. Nem a Índia tivera essa ousadia na década de 1920. Foi assim que que o touro Tietê e as vacas Bonina e Ubarana, todas oriundas da importação de 1920, do rebanho de Antenor Machado de Azevedo (de Cássia, MG), foram dar início

ao trabalho histórico. Mais tarde, animais de Cândido de Souza Pereira e de Nilo Lemos, ambos de Franca (SP) foram incorporados.

As Genealogias estão guardadas até hoje, destacando nomes que fazem parte do panteão do Gir leiteiro: Ebro, Faisão, Grajaú, Hazan, Jazão, Marrocos, Nacarado, Jaguar, e tantos outros.

Muitos deles foram enviados para os trabalhos de melhoramento zootécnicos em estabelecimentos governamentais do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Minas Gerais. Umbuzeiro, portanto, era e continua sendo um pólo de irradiação do bom Gir.

A partir de 1978, sob orientação da Embrapa-Gado de Leite, o rebanho passou a utilizar Inseminação Artificial, com sêmen de touros tidos como de "boa raça" no Sudeste.

Hoje, centenas de touros de Umbuzeiro participam do melhoramento da produtividade leiteira nordestina.

A homenagem - Os destaques foram o ex-presidente Epitácio Pessoa que autorizou a construção da Estação de Monta em 1921 e seu sobrinho, Epitácio Pessoa Sobrinho, grande zootecnista, que construiu o estabelecimento e, mais tarde, o transformou no pólo de seleção da raça Gir.

Também lembrou-se Carlos Pessoa Filho que começou sua carreira técnica em 1951 na Estação Experimental, tornou-se prefeito por três vezes e sem-



Durante a missa, Paulo Roberto de Miranda Leite leva uma vaca Gir como oferenda ao Divino.

R77

FAZENDA RIO TEJUCO



- Base Genética : R
- Rebanho em Regime de Pasto



- Venda Permanente de Tourinhos
- Com o GIR ... Ontem, Hoje e Sempre.

ARNALDO SILVA & Filhos
Uberaba - MG
(34) 3322-5900 (Faz.)
(34) 3311-5963 (Res.)



pre batalhou pela glória da "capital nacional do Gir leiteiro".

Representando os criadores nordestinos, falou José Barbosa, presidente da Sociedade Nordestina dos Criado-



O gado Gir de Umbuzeiro participou das solenidades.

res (Recife, PE). José Oliveira Costa, presidente da Emepa, falou em nome do Governador da Paraíba, traçando uma retrospectiva dos trabalhos.

Além dos homenageados já relacionados, que mantêm vínculos com a história de Umbuzeiro, cabe incluir a presença de Paulo Roberto de Miranda Leite e de Virgolino de Farias Leite Neto, dois impulsionadores que jamais se descuidaram de cada animal ou de cada tijolo do estabelecimento. Virgolino, em sua obsessão para salvar Umbuzeiro, num período em que o estabelecimento estava acéfalo, chegou a carregar capim, cortado à beira dos caminhos montanhosos, para abastecer o magro gado, o qual - sem verbas naquele período - estava destinado à extinção. Naqueles dias difíceis, somente a dedicação estóica de Paulo Roberto - que estava se graduando nos Estados Unidos - e de Virgolino, comoveram o jornalista Rinaldo dos Santos a escrever acementemente sobre Umbuzeiro, levando a uma solução vantajosa para o gado, antes que ocorresse um estiolamento generalizado, tanto no Jornal da Paraíba como na revista Paraíba Pecuária e Agropecuária Tropical. Virgolino (Vivi), num dia inspirado, observando as vacas de Umbuzeiro no cocho, disse: "Se a gente puder escolher, depois que morrer, eu quero é nascer como uma vaca Gir". Esta frase garantiu-lhe ser o único personagem homenageado no livro "Gir: a raça mais utilizada do Brasil".

Depois disso, o gado recuperou-se,

mas logo foi submetido - novamente - a um duro golpe, recebendo sêmen de touros pouco confiáveis no tocante à pureza genética. As prodigiosas vacas de outrora perderam sua beleza, e - com ela - boa parte de sua necessária rusticidade. Tratava-se de um equívoco temporário. Mesmo assim, Umbuzeiro resistiu e, na década de 1990,

a Assogir resolveu assumir a recuperação do perfil genético dos animais, por meio de doações. Foi então que Omar Carvalho Cunha entregou vários animais de escol, escolhidos, um a um, por Paulo Roberto de Miranda Leite e Rinaldo dos Santos, para recomposição inicial do rebanho de Umbuzeiro. Outros animais estão disponíveis no Sudeste brasileiro para encaminhamento para Umbuzeiro, bastando o Governo do Estado autorizar a transferência.

Muitas pessoas merecem ser lembradas na História de Umbuzeiro, mas uma placa de bronze foi afixada, durante as solenidades, constando os nomes de Alberto Alves Santiago (Eng. Agrônomo, Zootecnista e escritor), Carlos Pessoa Filho (Eng. Agrônomo, lí-



O busto em homenagem ao Dr. Epitácio Pessoa Sobrinho, datado de 1922-1972, à entrada da Estação Experimental, ladeado por Paulo Roberto e familiares.

der político regional), Leda Góes (presidente da Assogir), Luiz Humberto Carrião (diretor da ABCZ), Rinaldo dos Santos (escritor e editor), Omar Carvalho Cunha (criador), Roberto Teodoro (Médico Veterinário, pesquisador) e Luiz Ronaldo de Oliveira Paula (Médico Veterinário, diretor da Assoc. Bras. de Criadores de Gir Leiteiro).



Aqui começa o "Museu do Zebu no Nordeste", sob comando de Kátia Maria Bezerra, acompanhada de Da. Lurdinha Pessoa Milanez e filha.

Mérito Pecuário 2002 - No ato, foi entregue a Medalha de Mérito Pecuário 2002 para Paulo Roberto de Miranda Leite, pela SNC, na pessoa de seu presidente José Barbosa, depois de 39 anos de dedicação plena a Umbuzeiro, além de zelar pelos patrimônios de Guzerá e Sindi também mantidos na Emepa (PB).

Museu do Zebu Nordestino - Foi lançada, no ato, a proposta de criação do Museu de Zebu do Nordeste, tendo como residência a sede a Estação Experimental João Pessoa (Umbuzeiro), tendo por provedora a Dra. Kátia Maria Bezerra que, logo depois, recebeu o singelo título de "Madrinha de Umbuzeiro". Este Museu deverá se constituir no maior resgate histórico da participação da pecuária zebuína na região e reconstituir o ciclo do couro através de doações privadas que lembrem, principalmente, a odisséia da casa de Garcia D'Ávila nas zonas secas da caatinga nordestina. Sem dúvida, será a maior atração da cidade de Umbuzeiro.

Confluência - Mais que tudo, Umbuzeiro significa a união de esforços dos órgãos governamentais e privados, na busca do interesse comum. Umbuzeiro, somente por isso, já merece ocupar uma página decisiva na História nordestina. ■

Pra quem é rural de verdade!

www.ruralbusiness.com.br

A Rural Business é o maior Portal de Agribusiness do País.

Agora com serviços diferenciados, muito mais notícias, cotações regionalizadas, clima, entrevistas, revistas virtuais e todas as informações necessárias para você que entende a diferença de um trabalho feito por uma equipe de profissionais. Afinal, são 5 anos de Internet, o que faz da Rural Business o Portal de maior experiência e audiência no meio rural brasileiro.

Conheça todos os novos serviços e aproveite... Eles foram desenvolvidos para modernizar o seu negócio!

Preencha nosso cadastro e receba diariamente em seu e-mail o Rural News, um condensado de notícias, análises e cotações do setor.

RURAL
business

www.ruralbusiness.com.br


vento
A Internet a seu favor.

DIRECTV™ e Canal do Boi. A melhor TV por assinatura com o melho

A DIRECTV™ e o desenho do ciclone são marcas da Hughes Electronics Corporation.



O Canal do Boi, com a melhor programação do agronegócio, está agora na programação da DIRECTV. A melhor TV por assinatura, com qualidade digital, com mais de 150 canais, som de cd e imagem de cinema. Além da maior variedade de canais, oferece programação com esportes, filmes, infantis, documentários, shows e eventos exclusivos. Você vai poder assistir, na cidade ou no campo, o canal pioneiro em leilões rurais, o mais visto por técnicos, produtores e interessados no agronegócio brasileiro, ao vivo pela TV. Assista ao Canal do Boi na DIRECTV.

canal de agronegócios.



CANAL DO BOI

Canal 641

www.canaldoboi.com

ASSINE JÁ

(11) 3457.1234 Grande São Paulo e
localidades de DDD 11.

0300 789 1234 nas demais localidades*.

*Ligação R\$0,29 por minuto.



Existe no organismo uma substância chamada **serotonina** produzida pelas células nervosas. Trata-se de um neurotransmissor capaz de ajudar a regular o apetite, o sono e o humor.

Quando o nível da serotonina está baixo a resposta é imediata: tristeza sem motivo aparente. O **segredo da**

felicidade é manter os níveis de serotonina sempre em alta.

Nesse momento entram em ação os **carboidratos**, que por sua vez aumenta a quantidade de **triptofano**, uma substância precursora da serotonina.

Se você está pensando comer mais carboidratos para afastar o

mau-humor e ficar mais feliz, tome cuidado. O excesso de açúcar exige um maior funcionamento do pâncreas para aumentar a produção de insulina. A longo prazo, isto não é bom. E mais: o excesso de triptofano pode levar à perda de peso e até à depressão. E por fim, o excesso de açúcar pode virar as gordurinhas indesejáveis.



Tenha bom humor

Para afastar o mau humor é preciso comer uma **dose certa de carboidratos**. Veja a seguir como incluí-los na alimentação do seu dia-a-dia:

1. Inclua todos os dias: 3 a 4 copos de leite desnatado, 3 porções de frutas, 2 fatias de pães, 4 colheres (sopa) de arroz, 2 colheres (sopa) de mel ou de açúcar, 1 pedaço pequeno de chocolate, 1 porção de cereais (trigo, aveia, milho), 1 pedaço médio de cará, inhame, mandioca.

2. Duas a três vezes por semana: 4 colheres (sopa) de arroz integral, 1 prato raso de qualquer tipo de massa, 1 unidade média de batata, farinhas e frutas secas variadas.

3. Uma vez por semana: 1 pedaço pequeno de mandioca, 1 unidade média de cará ou inhame.

O ideal é comer os carboidratos na dose certa.

Os carboidratos são os auxiliares para o bom humor.

Experimente-os e viva de bem com a vida!

Dicas para espantar o mau-humor

4. Beba leite longa vida em embalagem Tetra Pak (caixinha) todos os dias, pelo menos 3 copos por dia.

5. Prefira o leite desnatado e bata com frutas e cereais. São mais carboidratos para ajudar aliviar o mau-humor.

6. Beba leite com chocolate, que ajuda a aumentar o nível de serotonina. Se você prefere mais praticidade, procure os leites aromatizados sabor chocolate.

7. Não fique sem comer mais de 4 horas.

8. Não saia de casa sem comer. Faça uma batida rápida de leite com frutas e 1 colher (sopa) de açúcar ou mel.

9. Não use adoçante.

10. Evite as carnes gordas. As gorduras em excesso dão fadiga. Por acaso vocês já viram o aspecto de uma pessoa saindo de um rodízio? Ficam cansadas e com o raciocínio mais lento.

11. No almoço ou no jantar coma sempre uma fonte de carboidratos como arroz, batata, inhame, cará, mandioca ou mandioquinha.

12. Se você gosta de doces, prefira as compotas de frutas e evite aqueles feitos com cremes e gorduras.

Você sabia...?

... que, entre os hebreus, o leite é utilizado como símbolo de vida e fertilidade? Também como de fartura.

Novo milho híbrido de alto teor de óleo e proteínas

A Dekalb está lançando para a safra 2002/03 sementes de milho híbrido especialmente indicado para a fabricação de rações animais. Trata-se de produto de grande interesse para a agroindústria, cuja tecnologia foi desenvolvida pela Renessen, empresa norte-americana voltada à pesquisa de grãos de qualidade e alto valor nutricional para a alimentação animal.

Assinala-se que os híbridos Dekalb, com a tecnologia Renessen, mudam os conceitos de produção, uma vez que apresentam maior teor de óleo e proteínas, proporcionando mais qualidade na produção de rações para aves e suínos. A tecnologia vem sendo desenvolvida nos Estados Unidos há mais de dez anos e, no Brasil, os híbridos ora lançados são os primeiros de uma linha voltada exclusivamente para a alimentação animal, conforme esclarece

Gabriela Burian, gerente de marketing da Renessen.

A utilização desses híbridos pode diminuir a necessidade de as empresas produtoras de aves e suínos acrescentarem óleo à ração, o que traz dupla vantagem: uma, de natureza econômica, e outra, de mercado, pois o óleo utilizado nesse segmento protéico, às vezes, é de origem animal, restringindo a exportação da carne para países árabes, que proíbem o acréscimo desse tipo de gordura nas rações.

Os híbridos que agora chegam ao mercado são o DKB 200 e o DKB 900. O primeiro produz grãos semiduros, amarelo-alaranjados, de alta concentração de nutrientes. É recomendado para áreas de alta tecnologia e manejos adequados à cultura, apresentan-



do excelente empalhamento e sanidade de colmo. O segundo produz grãos duros e alaranjados com elevado teor de óleo e proteínas. Destacam-se dentre suas características a qualidade de colmo e a arquitetura foliar, permitindo plantios com altas populações e espaçamento reduzido. (Informações: 0800-156399).

CÁLCIO É SAÚDE CERTA

Uma recente pesquisa informou que o cálcio presente em produtos lácteos pode ajudar as crianças a manter sua porcentagem de gordura corpórea em níveis adequados durante os anos mais críticos de desenvolvimento do tecido adiposo. Essa descoberta pode ser bastante benéfica no sentido de reduzir os riscos de obesidade infantil, que afeta uma em cada 4 crianças dos EUA. E, por tabela, ajuda o setor lácteo.

Outro estudo descobriu que o consumo de leite na infância reduz riscos de câncer de mama entre 34 e 39 anos. O estudo mostrou ainda que mulheres adultas que bebem mais de 3 copos de leite por dia apresentam redução na incidência do câncer de mama, quando comparadas com aquelas que não bebem. Cientistas acham que este fator protetor do leite está ligado à presença do ácido linoléico conjugado na gordura do leite

Você sabia...?

... que os egípcios antigos já sabiam que o queijo de cabra era excelente para prevenir a tuberculose?

Você sabia...?

... que, a partir do século XII, a atividade comercial voltou a se intensificar na Europa e os queijos curados, mais duráveis, passaram a ter valor comercial muito importante? O queijo virou "moeda".

Você sabia...?

... que, em 1267, na região de Doubs, na França, nasceram os primeiros "frutieres"? São os antepassados das cooperativas de laticínios. Já produziam enormes queijos, conhecidos como beaufort, emmental, comté.

Primeiro bar de leite nas escolas de Londres atrai crianças

O primeiro 'bar de leite' colocado na escola de ensino secundário *Hammersmith & Chelsea*, em Londres, está conseguindo obter a aprovação dos alunos. Dois bares em tons brilhantes de branco e preto, contendo a logomarca do programa de promoção do leite do Reino Unido cujo slogan é *White Stuff*, foram instalados nas áreas de alimentação das escolas *Hammersmith & Chelsea*, em Fulham, onde estão sendo vendidos leite comum e leite sabor chocolate, morango e banana aos alunos.

Os leites refrigerados também estão sendo disponibilizados nas cantinas de *fast food* desta escola londrina. Cerca de 500 copos (285 ml) são vendidos diariamente aos alunos - o que é equivalente a cerca de metade dos alunos da escola bebendo um copo de leite por dia.

Esta iniciativa sem fins lucrativos foi tomada pelo Conselho da *Hammersmith & Fulham* em parceria com o *First Milk* (anteriormente Comissão de Marketing do Leite) e Conselho de Desenvolvimento de Lácteos (MDC) do Reino Unido.

O esquema de bares de leite nas escolas foi introduzido com sucesso nas escolas da Escócia em 1983 e o primeiro bar de leite da Inglaterra foi instalado na escola *Cheshire*, há cerca de um ano. A idéia de instalar bares de leite nas escolas de Londres veio de Jane Thompson, gerente do serviço de bufê do Conselho da *Hammersmith & Fulham*. Ela ficou sabendo deste esquema em uma conferência ocorrida em julho e se uniu ao *First Milk* e ao MDC, que forneceram os bares de leite e os equipamentos.

2B

Fazenda Cachoeira

Uma Nova Opção de Gir Leiteiro

José Afonso Bicalho
Ferros - MG
(31) 3241 - 6545 / 3863 - 2037
jabsilva@uol.com.br

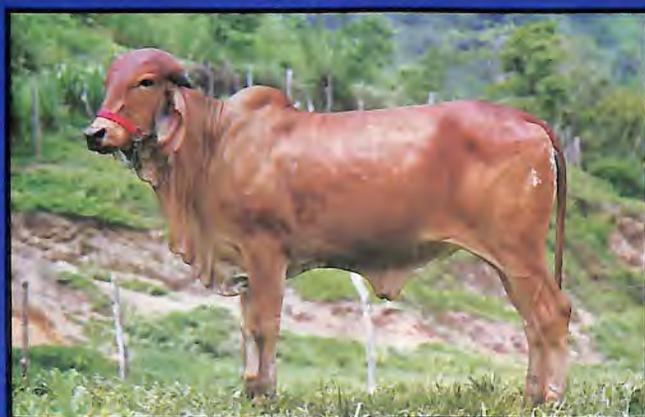


EGÍPCIO TE BEMFEITOR

VG 749,64

(Bemfeitor Cal x Restinga, com 6.447 Kg)

Em Teste



Gazela TE Bemfeitor

(Bemfeitor Cal x Varola Cal - 4.233 kg)

Sêmen à venda
com o proprietário

Fotos: Jadir Bison



DAKAR TE PATI CAL

VG 566,65

(Pati da Cal x Dina Raposo Cal, com 4.876 kg)

Em Teste



HINDÚ 2B

(Dakar x Dália TE Bem Feitor Cal, 3.980 kg, em 305 dias,
na 1ª lactação)

Sêmen à venda



O Brasil da crise leiteira

Dados de Jorge Rubez, presidente da Leite Brasil



Os altos e baixos da produção leiteira, comum até nos países desenvolvidos, deve-se também a uma parte de produtores que continuam a ordenhar suas vacas à moda antiga. Para esses produtores, se não chove, não tem capim; não tendo capim, não tem leite. Ponto final! Mas a entressafra não é a única culpada dos aumentos do preço do leite no período. A outra é o completo caos que existe na formação de preços do produto, onde a regra é não ter regra. Um aumento de 5% no preço do leite seria razoável devido ao reajuste da energia elétrica, petróleo, salário mínimo, etc. Mas como explicar um aumento de até 50% para os consumidores, como se verifica em algumas regiões, senão por esse estado caótico?

Quando notícias desses aumentos chegam à mídia, a população menos informada pensa que é o produtor que está se beneficiando. Ledo engano. Na verdade, apenas uma miserável parte do aumento lhe é repassada, ficando a parte do leão com outros elos da cadeia. A margem do produtor está cada vez menor, sendo hoje muito abaixo do que era anos atrás. Hoje ele trabalha para pagar as contas, e nada mais! É um sobrevivente na atividade, não mais um empresário rural, sem condições de investir em suas fazendas para que

possa ser um profissional mais eficiente.

O Governo tem preferido trocar o fazendeiro por outro inexperiente mas capitalizado, ao invés de promover a profissionalização do que já tinha farta tradição no campo.

O produtor convive com essa anarquia há exatamente 11 anos, desde que o Governo acabou com o tabelamento dos preços do leite. Nada contra, pois o tabelamento deveria realmente ser banido, mas ao mesmo tempo o Governo deveria ter criado mecanismos reguladores dos preços para evitar o que está acontecendo. O Governo errou ao crer que o livre mercado poria as coisas em ordem. Os produtores foram engolidos, ficaram ao Deus-dará! Logicamente, quem passou a tirar vantagens desse descontrole foram os segmentos mais fortes da cadeia leiteira. Em primeiro lugar, as multinacionais que ficaram mais fortes ainda, depois que incorporaram dezenas de laticínios. Incorporaram inclusive grandes centrais cooperativas, depois de um longo processo de asfixia. Antes eram 8, hoje restam apenas duas. Por quanto tempo aguentarão? Se os produtores podiam antes contar com elas, por lhes pagar um preço mais justo, hoje não contam mais. Outros beneficiários são as redes de supermercados que, ultimamente, passaram a adotar estratégias que fogem a qualquer senso de ética ou de decoro. Valendo-se de sua supremacia no comércio varejista, exigem dos laticínios o pagamento de estranhos "pedágios". Advinha quem acaba pagando? Claro, os produtores. Não é à toa que os supermercados estão na mira das CPIs que estão em andamento em vários Estados.

No rol dos beneficiários incluem-se ainda os "sem-fábrica", esses empresários espertalhões que vivem à custa do leite-em-pó estrangeiro. São tão hábeis, transitam pelos corredores do Governo, com tranquilidade, distribuem benesses aqui e acolá e saem com autorizações para colocar o leite importado até em Programas Sociais, como acontece na Prefeitura de São Paulo. Ao invés de ajudar os produtores da terra, as autoridades subsidiam o trabalho de outros países e os espertalhões.

A maior felicidade dos "sem-fábricas" são manchetes de aumentos de preços, pois assim têm um argumento de ouro para influenciar o Governo e conseguir a redução das alíquotas do leite-em-pó importado. Leite caro puxa a inflação e isso para as autoridades econômicas é palavrão.

Muita gente acha que o produtor é chorão, mas é mesmo! Se não fosse já estaria tudo errado, tantos são os percalços que sofre. As entidades fazem o possível e já conseguiram muitas vitórias, mas quanto a organizar a cadeia ninguém conversa. Laticínios, supermercados, "sem-fábrica", como estão com a vida tranquila, recusam-se a um novo *modus vivendi* mais justo para os produtores no campo.

Esgotadas todas as chances de diálogo, a única saída que resta é sugerir ao Governo a criação de uma espécie de Agência Reguladora do Leite, nos moldes que criou, após a privatização das empresas públicas. Estão aí a Agência Nacional do Petróleo, a Agência Nacional da Saúde, a Agência Nacional de Telecomunicações, prestando bons serviços em setores críticos sob o ponto de vista de concentração de poder, exatamente como acontece com o leite. A Agência Nacional do Leite seria formada pelas entidades oficiais de todos os elos da cadeia do leite, inclusive dos consumidores, cabendo a ela dirimir as pendências e evitar que os interesses de um



elo se sobreponha ao de outros.

Será que a pecuária leiteira do Brasil está a merecer tal magnitude de idéia? Claro que sim. Basta observar que nenhuma outra atividade conta com mais de 5 milhões de pessoas, empregadas dentro das fazendas, com suas famílias, gente ordeira e trabalhadora, sem gerar nenhum problema para a nação. Uma vez resolvido seus atuais problemas, a pecuária leiteira, pelo potencial que tem, poderia ir mais longe ainda, gerando mais empregos, mais tributos, mais divisas para o país, por meio de exportações. Primeiro, nutrir as crianças e pessoas do Brasil; depois exportar.

O Brasil sofre, hoje, nas cidades, as piores consequências possíveis do êxodo rural, por falta de uma política agrícola sensata, de visão de futuro, dos antigos gover-

nantes. Nenhum Governo conseguiu, até hoje, formular uma política que desse tranquilidade ao homem do campo. Assim, de sobressalto em sobressalto, ele produz, sempre muito menos do que poderia, se houvesse tranquilidade quanto ao futuro. Quando o Governo tratar o produtor rural como se fosse um produtor urbano, o Brasil conhecerá um maravilhoso futuro.

Afinal, o primeiro parágrafo da Constituição diz que "todos são iguais perante o Governo", mas isso é piada. O homem do campo não só é "menos igual que o homem urbano", como também chega a ser perseguido pelas decisões governamentais. Quem paga o pato, no final das contas, é o consumidor que nem sabe de onde vem a pedrada que recebeu!

Mitos do Leite

Existem três grandes mitos na boca do povo:

▲ 1) - *O produtor ainda não está preparado para receber as novas regras pois não possui luz elétrica, equipamentos, cultura, etc.* - Se formos esperar que o produtor tenha todas essas e outras coisas, aí que elas nunca virão mesmo. Precisamos ser mais positivos e, ao invés de ficarmos à espera das condições ideais, temos que lutar para que essas mesmas condições se tornem realidade. Aliás, não é a primeira vez que se nota essa visão pessimista da realidade da pecuária leiteira. Tempos atrás se falava que a coleta a granel do leite seria inviável pela falta de infra-estrutura tecnológica e financeira da maioria dos produtores. Pois bem, hoje a coleta a granel difundiu-se de tal maneira que, em certas empresas e cooperativas, ela já atingiu 100%, inclusive entre pequenos produtores.

▲ 2) - *O pequeno produtor vai desaparecer com as novas normas* - Claro que não, pois as normas não são contra o pequeno produtor, mas a seu favor. Se alguém tiver que desaparecer depois da Portaria 56 não será o eternamente injustiçado pequeno produtor, o qual muitas vezes é pequeno só no tamanho da propriedade. Todo e qualquer produtor incapaz, pela própria natureza, de enxergar e se adaptar às mudanças que acontecem de forma generalizada ao seu redor, tendem a desaparecer. A idade traz o cansaço e a busca da sombra. Todos conhecem pequenos produtores que se tornaram grandes, eficientes, graças à sua inata capacidade empreendedora.

▲ 3) - *A nova lei é carta marcada, criada para favorecer certos grupos* - Será que existe alguém super poderoso, capaz de influenciar Governo, entidades, congressistas, dezenas de técnicos que elaboraram - com muito critério, senso de responsabilidade e conhecimento de causa - o texto da Portaria 56? É sempre bom lembrar que a nova Lei nasceu da forma mais democrática possível, aberta à participação de quem quer que seja através de inúmeras audiências públicas.

A pecuária leiteira está a um passo de uma grande conquista, que poderá colocá-la no mesmo patamar de qualquer país e nos livrar do histórico complexo de inferioridade perante o mundo. Se nos guiarmos pela filosofia do Coronel Heráclito ("se a lei é fraca, a gente passa por cima; se a lei é forte, a gente passa por baixo"), vamos ter sempre uma pecuária leiteira de Segunda Classe. É o que queremos para o Brasil? ■

DBO

A Revista de Negócios do Criador

**Informação
nunca é demais.**

Para assinar DBO, ligue grátis:

0800 110618

**Vacas produtivas, saudáveis e longevas:
o retrato da pecuária de leite na Holanda**

A VACA HOLANDESA ... NA HOLANDA

Que os holandeses sabem produzir leite como poucos, isso todo o mundo já sabe. A pergunta que muitos ainda fazem é como eles conseguem aumentar a produtividade por vaca ao longo dos anos, mesmo já passando de 9.000 quilos de leite/ano. Um grupo de produtores e técnicos brasileiros acaba de esclarecer essas e outras dúvidas. Levados pela Lagoa da Serra, os brasileiros visitaram fazendas, empresas e instituições de pesquisa e ensino na Holanda, colhendo informações sobre manejo, genética, custos de produção e alimentação.

Segundo o IPC Livestock (Innovation and Practical Training Centre), um dos mais importantes institutos agrícolas da Holanda, existem no país, atualmente, cerca de 28 mil propriedades leiteiras, com média de 40 hectares, 55 vacas e produção anual de 400 mil quilos de leite. "Há pelo menos cinco anos eram 35 mil propriedades. Como na Holanda há o sistema de cota, pelo qual os produtores têm metas a cumprir e, se a superarem, pagam multas, muitos resolveram vender suas fazendas e tentar a sorte em países do Leste Europeu, por exemplo, onde a terra é mais barata e é possível lucrar um pouco mais com a atividade", afirma o professor do IPC, Frans van Loenen.

Mesmo diante dessa situação, a produção de leite no país não diminuiu. Pelo contrário, permanece na casa dos 10 bilhões de litros anuais, metade do que é produzido no Brasil. "Se o número de propriedades caiu, a produtividade média dos que ficaram segue aumentando. A média das lactações (projetadas em 305 dias) variam de 9.500 kg a 11.500 kg - é uma das mais altas do mundo", explica van Loenen.

O uso de genética de ponta é, sem dúvida, a principal ferramenta para os holandeses manterem tão elevados resultados. E a Holland Genetics, empresa do grupo CR Delta e uma das maiores em inseminação artificial do

mundo, com vendas de 5 milhões de doses por ano, tem papel fundamental nesse contexto. A empresa disponibiliza todas as ferramentas necessárias para os produtores extraírem o máximo potencial produtivo de seus animais. E os resultados aparecem nos números. A média de produção nas fazendas não apenas alcança 11.500 kg

solidez dos resultados obtidos. Todos anos, a Holland Genetics testa 500 novos touros, tendo como base de seleção um número pelo menos 20 vezes maior. "Isso significa que para atingir o estágio atual de desenvolvimento, a empresa seleciona um em cada 20 ou 25 touros testados", explica Lucio Cornachini, gerente comercial da Lagoa da



A vaca holandesa tem mais de 200 anos de seleção leiteira.

por vaca/ano, como tem porcentagens de gordura entre 4,0% e 4,5% e proteína na faixa entre 3,5% e 3,7% - níveis muito superiores aos do Brasil. A título de comparação, em 1983 a média por lactação na Holanda era de 5.500 kg/vaca. "O trabalho genético realizado na Holanda, principalmente na década de 90, possibilitou aumentos sensíveis na produção de leite. Em alguns anos, para se ter idéia, houve aumento de até 400 kg/ano", afirma Sijne van der Beek, responsável pelos programas de melhoramento genético na Holland Genetics.

Trabalho árduo - A par da profissionalização do produtor de leite holandês, o amplo projeto de melhoramento genético do rebanho da raça holandesa encabeçado pela Holland Genetics e instituições oficiais (como o IPC e o Waiboerhoeve) garantem a

Serra, que liderou o grupo de brasileiros na Holanda.

A rigidez nos testes é refletida na produtividade das vacas e também em novas etapas de desenvolvimento. As vacas na Holanda produzem muito leite e o melhor: por muito mais tempo. "A concepção da Holland Genetics é que as vacas devem sempre produzir leite. E quando mais cedo elas comecem e mais tarde terminarem, melhor. Por isso nossa linha de atuação é voltada para a durabilidade", afirma van der Beek.

De acordo com Ate Lindeboom, diretor-executivo da Holland Genetics e responsável pela linha de Produtos de Genética da empresa, com o desenvolvimento genético voltado para a maior produção de leite e por mais tempo, nos próximos dez anos espera-se que cada vaca produza 940 kg de leite

a mais por ano, que sua vida produtiva aumente em até 80 dias e que haja queda de 3% na incidência de mastite. "Nós quebramos a correlação negativa entre produção e fertilidade", ressalta Lindeboom.

A Fazenda Landaas, do município de Woudenberg, por exemplo, vem conseguindo excelentes índices percentuais em gordura e proteína graças ao investimento em genética. De acordo com Jaap van de Vliert, proprietário da fazenda, em 2000 o percentual de gordura produzido na Landaas era de 4,25% e saltou para 4,33% em 2001 com expectativa de fechar 2002 com 4,43%. E não é só: a produção de proteína vem se mantendo estável em 3,44% ao longo desses últimos anos, média considerada excelente pelo produtor. "Além disso, notamos que as vacas estão apresentando cada vez menos problemas. Isso, sem dúvida alguma, deve-se à escolha correta da genética", afirma van de Vliert.

A fazenda de André Koers, em Dalfsen, também está tirando proveito da genética da Holland Genetics para obter maior produção, principalmente de gordura. Atualmente, o percentual está na casa de 4,59%, um dos maiores da Holanda. A fazenda da família Koers adota uma interessante linha de produção. A produção média por vaca/ano está caindo, contrariando a seleção do restante dos produtores holandeses. Mas há uma explicação. "Acreditamos que se as vacas produzirem um pouco menos, podemos ficar com elas mais tempo em nossa propriedade. Isso para nós é muito importante", afirma André. Atualmente, a propriedade da família Koers está com 75 vacas em lactação e a produtividade média esperada para esse ano é de 9.638 kg/vaca.

Com aproximadamente 60 vacas em lactação e 60 novilhas, a Fazenda Wilmers Herd conseguiu aumentar consideravelmente sua produtividade nos últimos dois anos. Em 2000, por exemplo, era de 9.915 kg/vaca e deve fechar 2002 com 10.289 kg/vaca, com 4,49% de gordura e 3,50% de proteína. "O grande segredo da nossa fazenda está na seleção de vacas com alta produção combinando com boa conformação. Não temos problemas com cascos, mesmo com o gado confinado, nem com IBR ou qualquer outra doença", afirma Kraaijeveld Filho, proprietário da Wilmers Herd ao lado de seu pai.

Em todas as propriedades holandesas, há um exemplo claro de sucesso



As holandesas também fazem sucesso no Brasil, país tropical por excelência.

da genética Holland Genetics. Com produtividade média de 11.964 kg/vaca, a Fazenda Ludiek, de Lemelerveld, nota que as vacas estão cada vez mais produtivas e essa é ênfase, de fato. "E o melhor de tudo é que os animais estão produzindo por muito mais tempo, o que para nós é excelente", afirma Bertus van Dijk, proprietário da Ludiek.

Outros critérios de seleção, além da durabilidade, também são percebidos nas propriedades holandesas, co-

Além da genética, outros fatores fazem da pecuária leiteira da Holanda uma das mais eficientes do mundo. A administração familiar, propriedades pequenas (40 hectares) e meio ambiente com água abundante e pastagem fértil (a alimentação-base é composta em partes iguais por pastejo – no verão – em azevém e silagem de pré-secado e de milho – no inverno) ajudam muito.

mo a da família Alderkamp, de Zevenaar. "Selecionamos vacas bem conformadas, com persistência de produção e que suportam as mais difíceis situações de manejo, sem interferir, é claro, na produção", explica Alderkamp Filho. De fato, a produtividade média da fazenda projetada para 2002 está na casa de 10.475 kg/vaca.

A fazenda Barnkamper Holsteins, de Beusichem, é um verdadeiro "mito" para a raça holandesa. De lá saiu um dos melhores touros da bateria HG em todos os tempos, Quality. E a fazenda continua fazendo bonito também em produtividade. Em 2001, por exemplo,

foram 12.531 kg/vaca, com 4,10% de gordura e 3,44% de proteína. Isso tudo com rebanho de 83 vacas em lactação e administrado pela própria família. (Leo de Jong, sua esposa Artje e a filha Linda). "Gostamos do que fazemos e queremos sempre melhorar. Veja que nosso rebanho é extremamente funcional e voltado para a produção.

Receita completa – Além da genética, outros fatores fazem da pecuária leiteira da Holanda uma das mais eficientes do mundo. A administração familiar, propriedades pequenas (40 hectares) e meio ambiente com água abundante e pastagem fértil (a alimentação-base é composta em partes iguais por pastejo – no verão – em azevém e silagem de pré-secado e de milho – no inverno) ajudam muito.

A rastreabilidade do rebanho é um capítulo à parte. Com rebanho de aproximadamente 4 milhões de cabeças (entre bovinos de corte, leite, ovinos e suínos), a Holanda está entre os países que possuem o mais eficiente controle de dados sanitários, produtivos e genéticos do rebanho no mundo. De acordo com Kees van Velzen, membro da Associação Holandesa de Pecuária de Corte da Holanda, há pelo menos uma década todo o rebanho holandês é identificado de forma obrigatória. "Em outras regiões essa obrigatoriedade não tem nem dois anos. O Brasil, por exemplo, iniciou esse processo apenas em 2002.

De fato, a Holanda foi um dos países que conseguiu controlar diversos problemas sanitários – como a vacalouca e a febre aftosa – o mais rápido possível. "Se ocorrer algum foco das doenças, rapidamente montamos barreiras e eliminamos os rebanhos contaminados. Hoje estamos totalmente



A elevação do preço das terras faz com que a vaca precise produzir muito mais. Em terras valiosas, o Holandês predomina.

cooperativa Belgo/Holandesa com mais de 44 mil membros. A NRS detém cerca de 90% do mercado holandês de identificação, certificação e rastreabilidade na Holanda. "Anualmente, processamos 10 milhões de registros e mais 200 mil tipos de classificações de rebanho. É importante ressaltar que além de dar maior

livres dessas enfermidades e os consumidores estão cada vez mais seguros dos produtos que chegam à mesa", explica van Velzen.

O sistema de identificação utilizado pelos produtores da Holanda é o de brincos visuais. São colocados quatro: dois em cada orelha, sendo que pelo menos três possuem a mesma numeração, com 10 dígitos, e um com numeração de quatro dígitos. "Os brincos de 10 dígitos são para o controle nacional e o outro, com quatro dígitos, é para controle interno do fazendeiro. Esses números são únicos, isentos de falhas, e vão diretamente para um banco de dados central privado, como o NRS, divisão da Holding CR Delta e VRV,

segurança para nossos consumidores a rastreabilidade também é uma importante ferramenta para os pecuaristas. No caso do leite, por exemplo, os produtores têm controle rígido de coleta de leite, porcentagem de gordura e proteína, além de dados sanitários e reprodutivos. Pelo menos aqui, na Holanda, todos entendem essa necessidade e a adesão é de 100%", confirma van Velzen.

O investimento em tecnologias também é claro. Exemplo é o robô ordenhador. A vaca é impulsionada a posicionar-se para ordenhar e todo o processo de limpeza dos tetos e extração do leite fica por conta da máquina. Em importantes centros de pesquisas

agrícolas, como o IPC e o Waiboerhoeve, esses robôs são usados naturalmente. "É a forma encontrada para diminuir custos de mão-de-obra em algumas propriedades, além de agilizar a ordenha", afirma o professor Frans van Loenen, do IPC.

A preocupação ambiental também é forte na Holanda. O esterco produzido pelas vacas, por exemplo, não pode ficar livre no solo, com riscos de contaminação. Na verdade, os produtores atendem reivindicações de grupos ambientais e cumprem à risca as determinações impostas pelo governo. "No verão, o esterco é todo depositado no subsolo, em cavidades de aproximadamente 10 cm. No inverno, o dejetos é armazenado", explica van Velzen, diretor da Associação dos Criadores de gado de Corte da Holanda.

O manejo do gado leiteiro na Holanda também é extremamente cuidadoso. Está dividido em dois momentos: verão e inverno. Durante a época mais fria do ano, os animais ficam estabelecidos 100% do tempo e a alimentação é servida no cocho. Nessa época, a base da alimentação é a silagem de milho (40% a 50%) e pré-secado de azevém. Dependendo do preço, em alguns casos usam-se polpa de beterraba e grão de cevada. No verão, os animais ficam soltos no pasto à vontade durante o dia e a noite. As pastagens são de azevém, sendo que em algumas ocasiões consorciadas com trevo branco e vermelho.

Em relação ao concentrado, normalmente é oferecido por meio de cocho computadorizado, sendo que a oferta é orientada à produção individual das vacas. No centro de pesquisas Waiboerhoeve, por exemplo, o concentrado fica limitado entre 7 e 10 kg/animal/dia. ■

Você sabia...?

... que o leite, na Idade Média, era produzido em péssimas condições de higiene? Era apenas consumido no local onde era produzido, não participando das pequenas relações de troca da época.

Quadrinha

*Eu fico impressionado
Com a formiga de roça
As pernas compridas, finas
A cabeça grande e grossa
Fazer montanha de terra
Que não há carro que possa.*

(Manoel Filomeno de Menezes, "Poetas Encantadores", p. 197)

Sabatina

- Como e quando devem ser realizadas as adubações nitrogenadas?

As adubações nitrogenadas devem ser de cobertura e parceladas ao longo do ano, na época das águas. As adubações de formação devem ser mínimas (ou nem devem ser feitas), porque o nitrogênio é muito solúvel e se perde facilmente no solo, na presença de chuvas excessivas. O nitrato de amônio não pode ser utilizado em terrenos sob inundação, devido a perdas causadas por reações químicas em condições de encharcamento.

NETO, SYLVIO LAZZARINI. Manejo das pastagens. Coleção lucrando com a pecuária. São Paulo: SDF editores, v.6, p.73, 1994.

Ditado sertanejo

*- Mais vale rato magro no mato
que gordo na boca do gato.*

Você sabia...?

... que o primeiro registro histórico e concreto da utilização do leite como alimento é uma peça encontrada em Tell Ubaid, atual Iraque, datada de 3100 a.C., conhecida como Friso dos ordenhadores? Nela, podem ser constatadas não só a ordenha mas também a filtragem do leite. É o primeiro laticínio da História.

Lei do leite

José Serra

Pode-se afirmar, sem medo de errar, que a produção de leite é o mais democrático negócio do país. A atividade é praticada em todo o território nacional em 1,8 milhão de propriedades rurais e gera renda superior a R\$ 6 bilhões por ano.

Quando considerados os negócios fora das fazendas, o valor movimentado sobe a R\$ 17 bilhões. Diretamente na produção estão ocupados 3,6 milhões de brasileiros. Mesmo com toda essa dimensão, a pecuária leiteira continua sendo objeto de uma injustiça, que precisa ser urgentemente corrigida: o leite deve ser incluído nas políticas de apoio à comercialização do governo federal, mais de uma década após a completa desregulamentação do setor.

O leite precisa fazer parte da política de preços mínimos do governo federal, possibilitando o acesso dos produtores aos mais adequados instrumentos de comercialização, como os Empréstimos do Governo Federal (EGF) e a Cédula do Produtor Rural (CPR). Contemplar o produto com a política de crédito federal significará, também, garantir recursos para estocagem durante a safra, com efeitos positivos sobre a balança comercial brasileira. Será possível, dessa maneira, criar condições de mercado que acabarão por reduzir importações na entressafra e impulsionar as exportações do produto nacional.

O objetivo dessa estratégia é ampliar as possibilidades de geração de renda do setor, como forma de criar mais oportunidades de trabalho no campo. O leite terá as mesmas condições de financiamento concedidas a outros produtos, entre elas taxa fixa de juros.

A política para a pecuária leiteira também irá gerar um importante efeito na saúde da população mais carente do país. O leite pasteurizado passará a fazer parte da merenda das crianças de até seis anos de idade que estudam nas nossas escolas públicas. Será a Lei do Leite. É importante ressaltar que a opção por esse tipo de pro-

duto visa justamente espalhar os benefícios da medida por todas as bacias leiteiras do país, já que a aquisição terá de ser feita sempre nas proximidades dos estabelecimentos de ensino. Não



pode haver espaço para o leite importado, que tanto dano causou à pecuária leiteira brasileira na história recente.

O leite ocupa o quarto lugar em relação ao valor bruto da produção gerada na agropecuária brasileira. Quando se consideram os principais países e blocos econômicos, o Brasil é o quinto maior produtor mundial, com participação de 4,4% no total global. Esse ano, devem ser produzidos 21,1 bilhões de litros no país, com crescimento de 2% sobre a marca alcançada em 2001. Ao longo da última década, o aumento médio anual foi de 4%.

As medidas de incentivo deverão ter impacto positivo no consumo, tanto interno quanto externo. Cada brasileiro

bebe, em média, 130 litros de leite por ano. É pouco, quando comparado não só aos países de Primeiro Mundo como também a nações igualmente em desenvolvimento - como Argentina e Uruguai, onde a média chega a ser 70% superior à brasileira. Nos EUA o consumo é duas vezes maior que o do Brasil. A Organização Mundial de Saúde recomenda uma média anual de 175 litros.

Para ocupar espaço no exterior, é fundamental insistir na melhoria da qualidade do produto nacional. Para tanto, é muito importante a definição de novos padrões de produção, qualidade e identidade do leite, que estão sendo

divulgados pelo ministro Pratini de Moraes. Serão garantidos recursos para produtores que precisarem investir na compra de equipamentos para adaptar seus negócios. As linhas de financiamento do Proleite (Programa de Incentivo à Mecanização, ao Resfriamento e ao Transporte Granelizado da Produção de Leite) serão ampliadas. Por utilizar grande contingente de mão-de-obra, a agricultura familiar disporá de condições de crédito ainda mais favoráveis, com juros mais baixos que os 8,75% fixos ao ano cobrados das demais categorias. Será estudada a criação de financiamentos especiais para que os produtores de menor porte possam comprar tanques de resfriamento de leite, condição para que os

padrões de qualidade sejam atingidos.

A implantação de novos padrões para o leite eleva a pecuária brasileira aos mais altos parâmetros internacionais de qualidade e sanidade, condição para que se ampliem mercados no exterior. Essas ações - a exemplo das que vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos pelo governo brasileiro, com efeito sobre o aumento das exportações nacionais de produtos lácteos - são fundamentais para garantir o acesso dos nossos produtos a novos mercados. Em 2001, as vendas externas do setor alcançaram US\$ 25 milhões, com elevação de 87,3% em relação ao ano anterior. Os números mais recentes, referentes ao primeiro semestre desse ano, mostram aumento expressivo de 241% na comparação com os meses de janeiro a julho de 2001.

Para impulsionar ainda mais esses números, o Governo deve negociar acordos de equivalência sanitária com países importadores, além de promover a vinda de missões de técnicos estrangeiros ao Brasil para inspecionar laticínios. Deve atuar, também, para criar condições para que queijos e demais produtos lácteos do país também sejam exportados, removendo barreiras comerciais e sanitárias. A estratégia visa incentivar a venda de produtos processados para o exterior. O leite condensado é bom exemplo, por reunir três itens em que o país é muito competitivo: leite, açúcar e aço (usado nas embalagens).

O Governo não pode tolerar importações a preços aviltados, como as que causaram grandes prejuízos à pecuária leiteira nacional durante parte da década passada. Os bons resultados obtidos após a imposição, no ano passado, de tarifas antidumping aos produtos provenientes de União Européia e Nova Zelândia, e de preços mínimos para o leite em pó exportado por Argentina e Uruguai para o Brasil, levaram a redução expressiva nas aquisições, com economia de divisas para o país. Tais medidas não serão flexibilizadas.

O comportamento do mercado desde que os preços a produtores, indústria e varejo deixaram de ser completamente tabelados, em 1991, vem demonstrando que a cadeia produtiva do leite deverá caminhar para uma especialização maciça nos próximos dez anos. Estudiosos avaliam que tal tendência reduzirá o parque leiteiro a um pequeno número de produtores especializados, levando à expulsão de agricultores menos capacitados.



Cada brasileiro bebe, em média, 130 litros de leite por ano. A Organização Mundial de Saúde recomenda uma média anual de 175 litros.

O Governo deverá atuar para que o atual comportamento do mercado não jogue produtores para fora da economia. Também será dada atenção àquele que produz em escala apenas familiar. É preciso investir na qualificação da mão-de-obra que lida com a pecuária leiteira, difundindo tecnologias desenvolvidas na Embrapa - Gado de Leite. A meta é treinar 300 mil trabalhadores. Produtores que não tiverem condições de manter-se na atividade terão incentivos para ingressar em novos ramos.

*Passos, Minas Gerais,
14 de setembro de 2002
José Serra - foi Ministro da Saúde.*

Você sabia...?

... que o leite, na Ásia Menor, devido às suas propriedades hidratantes, junto com pomadas e unguentos, era utilizado em doenças de pele?

Responda bem depressa

As formigas dormem, de fato?

R - As formigas trabalham numa espécie de "turno", onde há troca de formigas para realizar as tarefas do formigueiro. As formigas não dormem propriamente, mas seu metabolismo abate e por isso elas ficam em estado de letargia, ou seja, mais lentas.

● Leite na NASA

A empresa européia Arla Foods venceu uma concorrência de desenvolvimento de produtos especiais para os astronautas da NASA. A Arla produzirá uma bebida rica em energia e proteínas, além de queijo e iogurte fortificados com bactérias benéficas ao organismo. Os alimentos serão consumidos pelos astronautas para evitar diversos problemas em suas jornadas espaciais, como fragilidade dos ossos, dores no estômago e problemas intestinais. A Arla Foods não espera ter lucros neste projeto, mas sim utilizar em seus projetos o know-how adquirido na parceria com a NASA, bem como "faturar" em termos de marketing o fato de ter sido a empresa selecionada pela agência.

● Hora de cruzar

Nada impede que a vaca seja acasalada antes de 60 dias após o parto, principalmente nos rebanhos bem manejados e com assistência técnica, em que é comum aproveitar-se os cio ocorridos 45 dias após o parto. Entretanto, deve-se saber que, quanto mais próximo do parto for a cobrição, menor será a chance de a vaca conceber. Maiores taxas de concepção podem ser obtidas utilizando-se os cio ocorridos entre 80 e 100 dias depois do parto.

● Excesso de proteína

O excesso de proteína sobrecarrega o fígado e os rins, pois esse excesso é excretado pela urina, com alto custo energético. Há indícios de que a proteína em excesso também pode causar problemas no desempenho reprodutivo. Além disso, há o aspecto econômico, uma vez que a fração protéica de um concentrado é normalmente a mais cara.

● Alimento de touro

Touros jovens (em crescimento) devem ser alimentados à vontade, no sentido de estimular a produção precoce de sêmen. No caso de touros adultos, o consumo de alimentos deve ser controlado para evitar obesidade, mas suficiente para manter o animal em boa condição

O difícil é bonito

Há a maneira simples e a maneira difícil de dizer a mesma coisa. Por exemplo: o Nelore é um *celerípede*, mas não seria mais fácil dizer que ele é andador ou andejo? Há, no entanto, uma porção de *barulhosas* e *cismarentas* pessoas que adoram palavreados pomposos.

Todo mundo se lembra daquele juiz de Zebu que jamais "dava" prêmio ao animal vencedor. Ele dizia: "Nós *adjudicamos* o prêmio..." Ficou famoso por isso; foi o primeiro juiz *ciriológico* da história (emprego de expressões preciosas). Tem gente que gosta de palavreado difícil e, em muitos casos, nem sabe o que está falando ou ouvindo. Havia um juiz *parlendador* (especialista em falar demais) que falava tão ligeiro, descrevia a picanha, a alcatra, o lombo-grosso, a chã, o filê, o cupim, a paleta, a chuleta, a quartela, e mil detalhes do animal. No final, todo mundo batia palmas por ter ouvido uma ladainha sem qualquer gaguejo pelo meio. Se não gaguejava, é porque sabia o que estava falando - assim pensa o povão! Na verdade, metade da descrição não conferia com o animal ali na frente, mas o juiz seguia em frente - sabedor de que nenhum dos *ladairos* (penitentes) na platéia conseguia acompanhar a descrição. Ganhou fama e dinheiro por ser um *verborrágico*! Afinal, a melhor escola de samba não é a que desfila ouro, mas apenas que aparenta ouro! E mais, parece que brasileiro gosta de *moxinifada* (embrulhada), de *mistifório* (palavras emboladas), dos *preconícios* coloniais (reclames vistosos), gosto herdado dos lusitanos.

Recentemente, em um congresso, o técnico resolveu ser *minudencioso*, para não cometer erros, e saiu com essa pérola: "o bovino europeu é um animal *adiabático*". Ai engasgou, mas logo consertou: "ele é *adiabático* porque sofre de *adiaforese*". A emenda não foi boa, e ele continuou: "já o Zebu é *diabático*, ou seja, não padece de *adiaforese*". Isso era óbvio! - mas prosseguiu: "o animal *adiaforético*, como todos sabem, contrai *diabroses* (lacerações), constantemente..." E a palestra continuou nesse tom catedrático e

verboso, pincelando desde Ontogênese, passando pela Endogênese, chegando à Cibergênese. Na platéia, havia um monte de pecuaristas interessados em ouvir alguma coisa compreensível, mas o bruto lá na frente não deu colher de chá, e a *perlergia* (excesso de capricho na linguagem) correu solta, gastando o *latinório* (linguajar duvidoso). No final, aplausos sonoros da platéia educada que nada entendeu.

Ele falou muito, mas não disse que o Zebu, quando muito, pratica algumas diabruras, aqui e acolá, devido à sua taxa hemoglobínica maior, o que leva a um maior aporte de oxigênio na zona periférica, permitindo movimentação em taxa anarmônica em comparação ao europeu, devido à taxa de termoneutralidade maior. Fácil, não? Assim, fica explicado que o Zebu é, de fato, *diabático* - ou seja, ele consegue trocar calor facilmente com o meio externo - exatamente ao contrário do boi europeu que é *adiabático*. Viu? Quanta converseira para chegar ao óbvio...?

O pior é que certos eruditos acham elegante e ponderosa a tal *perlergia* e primam pelo *adiaforismo*. Ah! os *adiafóricos* são aqueles que "não se interessam por nada que venha de fora". Ou seja, muitos técnicos e cientistas simplesmente tentam *prazentear* os leigos na platéia, que são os pagantes, com ou sem ciência, usando a *parlapalice* - um recital *muchão* (trombeteiro) para merecer os aplausos e o cachê da palestra! Houve um que gostava de lembrar que, para a bezerra ficar mocha, bastava usar uma *moxa*! Claro que "*moxa*" era o tufo incandescente para queimar o toco nem nascido do chifre!

Ora, na terra onde as pessoas confundem *xerófila* com *xerófita*, ou *caducifolia* com *caducifólita*, não é de admirar que o nível de manejo das fazendas seja um tanto primitivo. É só reparar bem: os próprios cientistas *gongóricos* (que usam linguagem bombástica) que adoram camisa de seda, quando sujam a botina, confundem minhocas com pseudo-cobra, lagartixa com microjacaré, e por aí afora. A informação que interessa, portanto, acaba não adentrando as porteiras...

Por conta do arraigado *adiaforismo* (linguagem hermética para poucos) há milhares de pesquisas sobre bovinos que estão nas gavetas! E milhares sobre botânica! Talvez nas gavetas esteja um capim adequado para os trópicos e um esquema de formação de um bovino completo para os trópicos! Quando estas pesquisas serão desenterradas, ou analisadas? Por enquanto ninguém sabe qual a taxa de *cisalhamento* (quebra ou esmagamento) dos capins no pico do verão e nem a taxa de combustão/radiação dos organismos bovinos - informações essenciais para começar a pecuária da estaca zero!

Assim, há muito *lassez-faire*, muitos congressos, seminários, simpósios, e poucos resultados a nível de pequenas e médias propriedades. E o sucesso rural trombeteado na imprensa?

Nada demais: de repente, alguns empresários rurais brasileiros trocaram a *misopedia* (preguiça de se instruir) pelo suor. Arregaçaram as mangas, compraram tratores, aviões, insumos, e trataram de consertar a terra, depois as plantas e, finalmente, os bichos que criam. Estes estão ganhando dinheiro, resultando num superávit de 14 bilhões de dólares no comércio exterior. Outros, *esturvinhados* (estonteados), contrataram um monte de especialistas para cuidar dos bichos, sem cuidar das plantas e do solo, e estão sofrendo amarguras e ouvindo desculpas e lamúrias constantes dos técnicos. Por isso o Brasil tem pecuária avançada nas pistas de exposições e atrasada a nível de campo! A ração ainda é a *prima-dona* (artista principal) dos milagres zootécnicos, enquanto o solo, o capim e o clima ficam num segundo plano.

Em resumo: na hora de passar do primitivismo para o modernismo é bom ter cautela para não sucumbir no *badanal* (vozearia), no gogó da seriema, pois há muita gente boa de cantoria e ruim de benfeitoria. Afinal, os técnicos e especialistas saem das faculdades com a obsessão de que devem "mudar tudo" e, por azar, querem começar mudando a cabeça do patrão - uma *chalaça* (zombaria) - pois o homem geralmente tem quatrocentos anos de tradição na terra em que pisa. Depois disso, nada como uma xícara de baga-drupácea (café).

O que fica é a ROSETA



A melhor lembrança da Sua Exposição é o prêmio ao fazendeiro. Ele merece a melhor ROSETA, FAIXA, FLÂMULA, BOTTON, etc.. Ele guardará esse material por toda a vida.

**Estas são as verdadeiras
Não amassam, Não emboloram,
Não descoram e Não estragam sua festa.**

Fabricação exclusiva - Tecnologia própria

**A única Confecção do Brasil que atende, com exclusividade,
as grandes Exposições do Brasil**

**Reserve logo
o material
para 2003**

(34) 3333-0205

**Despachamos
para todo
Brasil**

**Não pense duas vezes:
exija a marca "Kuka"**

BRAHMAN é PILAR - AAAA

Programação Genética por Computador: sempre em busca de rendimento, sempre para satisfação de nossos clientes



Sêmen
R\$ 8,00
a dose

Lagoa
da serra
Genética à toda prova

AAAA 169 - MR PILAR POI 169

RECORDISTA NACIONAL DE GANHO DE PESO - RAÇA BRAHMAN

1.786 gr dia/1ª PGP Brahman do Brasil

Touro Provado, mais de 20.000 doses vendidas

Em julho de 2002, a **Agropecuária TROPICAL** fez uma completa análise das **216 PGP** - Provas de Ganho de Peso em Confinamento, controladas pela **ABCZ** e conduzidas sob mesmos critérios.

Foram **7.123 animais** de **7 raças zebuinas de corte** onde, entre os **6 primeiros** colocados em Ganho de Peso Médio Diário (**GMD**) de todos os sete mil animais, estão **4 animais Brahman**.

O **Primeiro** entre os quatro Brahman com **GMD de 1.786 gramas/dia** foi **MR PILAR POI 169** o maior ganhador de peso na **1ª. PGP Brahman realizada no Brasil**.



MR PILAR POI 169 já vendeu até agora, mais de **20 mil doses de sêmen**.

Brahman - Denominador Comum no Cruzamento Industrial!

FAZENDA PILAR: Tel/Fax (11) 5538-3971 (11) 5538-3746
sergio@brahmanpilar.com.br

LAGOA DA SERRA Tel: (16) 645-2299
www.brahmanpilar.com